

Diário de Lisboa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O AREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 51, 2.ºEDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Afluem a Roma sob uma vaga de ir.º os peregrinos que vão assistir às exéquias por Pio XI

CIDADE DO VATICANO, 18. — Apesar da inesperada vaga de frio que se faz sentir nesta cidade, apanhando desprevenidos muitos peregrinos confiantes na continuação do tempo quente, não diminuiu a afluência de fiéis vindos do estrangeiro para assistirem às solenes exéquias à memória de Pio XII.

Centenas de pessoas, entre as quais muitos sacerdotes e prelados, enchem a basílica de São Pedro, esta manhã, ainda muito cedo, quando começou a celebrar-se (às 5 horas locais) a penúltima missa de «Requiem» dos «Novendialia» por intenção do Padre Santo. Estavam presentes muitos representantes oficiais de vários Governos.

Na maioria das numerosas igrejas de Roma haverá cerimónias religiosas durante todo o dia, por ordem do Papa, ininterruptamente na basílica de São Pedro.

Trinta e oito cardeais assistiram à missa solene de «Requiem» celebrada pelo cardeal Giuseppe Pizzardo, que, na altura da absolvição, foi coadjuvado pelos cardeais James McGuigan, arcebispo de Toronto; António Caggiano, arcebispo de Rosário (Argentina); Quiroga y Palacios, arcebispo de Santiago de Compostela, e Paul Emile Leger, arcebispo de Montreal.

O coro da Capela Sistina entoou a «Missa de Requiem», de Bartolucci, compositor da Santa Sé.

Estavam presentes, além de membros do corpo diplomático e altos dignitários da Corte Apostólica, a irmã Pasqualina, os padres jesuitas Leiber e Henrich, adidos

(Continuação da 14.ª página)

Visado pela Comissão de Censura

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Arte de bem digerir

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

OS alimentos, para serem assimilados, têm de sofrer uma prévia preparação. Uma vez dissociados, é separada a parte útil da inútil, isto é, realiza-se um conjunto de transformações conhecidas pelo nome de «digestão».

Ora, a digestão, na cavidade bucal, no estômago e nos intestinos, modifica os alimentos, facilitando o seu aproveitamento total, veiculando-os para o sangue e para a

linfa. Estes se encarregarão de os transportar aos diferentes órgãos e tecidos.

O processo pelo qual as batatas, as saladas e hortaliças, e bem assim, os frutos maduros ou secos, se transformam em sangue, ossos, nervos, músculos, pele, cabelos e unhas, é apaixonante, apesar de complicado.

Em primeiro lugar, convém recordar que a digestão depende dos enzimas, e que todos os sucos digestivos, em condições normais, dispõem deles consoante as necessidades.

Que são os enzimas? Substâncias que possuem o mágico poder de incitar as reacções químicas, sem as modificar ou destruir. São compostos orgânicos, constituídos por células, produtos de organismos vivos cuja acção é semelhante à dos cata-

(Continuação na página seguinte)

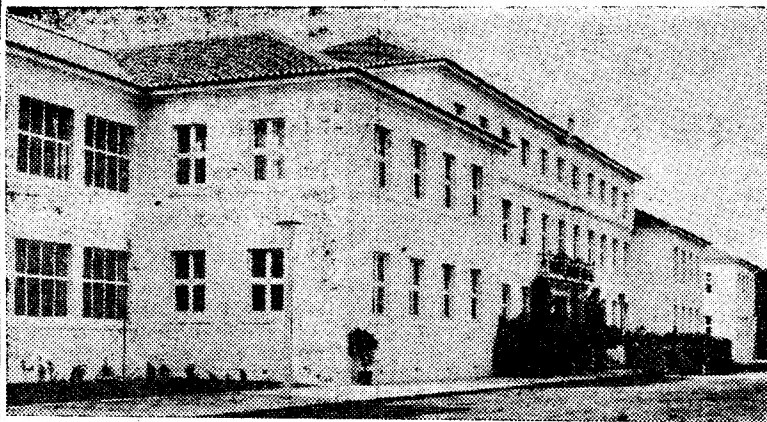
Nota do dia

A última viragem

Na Assembleia Nacional ergueu-se ontem uma voz excepcionalmente autorizada, entre tantas vozes que ali se têm feito ouvir, para discutir o Plano de Fomento na parte referente ao Ultramar. Foi a voz do comodoro Sarmento Rodrigues, ligado por tantas razões e por uma obra de grande projecção à política ultramarina, que em breves mas expressivas palavras traçou uma síntese perfeita das incidências do Plano no desenvolvimento dos nossos territórios d'além-mar e nomeadamente as províncias de Angola e Moçambique, cuja valorização aguarda o impulso decisivo que o planeamento económico lhes vai proporcionar. Em sua opinião, estamos em presença da «última viragem» da História, isto é, da última oportunidade que se nos oferece, e não podemos deixar de aproveitá-la para levar a cabo a obra de engrandecimento que se impõe no Ultramar português, mobilizando para isso todos os recursos nacionais, promovendo «o seu intenso povoamento, recorrendo em larga escala ao braço, ao cérebro, ao coração, às almas dos Portugueses, que poderiam valorizar, no campo económico e sobretudo no campo da unidade nacional, essas províncias tão necessitadas de mais braços, de mais cérebros, de mais corações, de mais almas portuguesas». Não se pode dizer mais nem melhor em tão poucas palavras. Com efeito, os problemas ultramarinos — como afirmou o comodoro Sarmento Rodrigues — «não podem ser examinados no sentido de adaptação a programas de ideologias políticas, porque são problemas que transcendem o interesse de grupos ou mesmo de regimes». E, face dos perigos que nos espreitam, há que ter cada vez mais em conta que são eles «os grandes problemas nacionais e os seus horizontes os verdadeiros horizontes de Portugal».

Violento temporal na Madeira

FUNCHAL, 18. — Chuvas torrenciais e nuvens de poeira provenientes do Norte de África fugiram a ilha da Madeira, desde ontem. O chamado «tempo do Leste» tem-se feito sentir desde há dias mas só hoje tomou aspectos de temporal. O mar está bastante agitado, não se tendo até agora registado qualquer acidente. — (L.).



O novo edifício do internato do Colégio Militar

Serão fornecidas armas pelos países árabes aos rebeldes da Argélia mesmo contra a vontade de Bourguiba

CAIRO, 18. — Os rebeldes argelinos continuarão a receber armas, fornecidas pelos países árabes, «quer isso agrade a Bourguiba ou não», declarou Hassan Ben Ibrahim, representante do iman de Yeme no Cairo, numa entrevista concedida ao jornal «Al Gomhouria». «Agora revela-se que os laços mantidos pelo chefe do Estado tunisiano com o Ocidente são mais fortes do que se imaginava — acrescentou, sublinhando: «Não devemos dar atenção ao que Bourguiba diz ou quer. Devemos antes pensar nas consequências das acções de Bourguiba no que diz respeito à Argélia».

Referindo-se aos rumores que circulam sobre os propósitos do presidente da Tunísia, de impedir os fornecimentos de armas árabes aos insurrectos argelinos, Ben Ibrahim voltou a frisar: «Continuarei a ser prestado auxílio árabe aos combatentes argelinos, por países árabes e por meio de recursos árabes, quer Bourguiba o queira ou não». — (A. N. I.).

O auxílio da Liga Árabe ao Governo provisório argelino

CAIRO, 18. — A Liga Árabe votará hoje a subvenção anual de 12

Abriram esta tarde as aulas no Colégio Militar onde o Chefe do Estado inaugurou um novo edifício para internato

O Chefe do Estado presidiu esta tarde à sessão solene de abertura do novo ano lectivo no Colégio Militar e à inauguração do moderno edifício do internato colegial.

O sr. almirante Américo Tomás chegou ao Largo da Luz pelas 15 e 30. Aguardavam-no ali muitas entidades oficiais e o batalhão escolar, com a bandeira, guião e a fanfara do colégio. Os alunos vestiam uniforme de grande gala e apresentavam-se com as suas armas, numa formatura impecável e alardeando o seu garbo habitual.

Entre as entidades oficiais presentes, viam-se os srs. general Júlio Botelho Moniz, ministro da Defesa Nacional; coronel Almeida Fernandes, ministro do Exército; eng.

Arantes e Oliveira, ministro das Obras Públicas; prof. eng. Leite Pinto, ministro da Educação Nacional; tenente-coronel Costa Gomes, subsecretário de Estado do Exército; tenente-coronel Kaulza de Arriaga, subsecretário de Estado da Aeronáutica; general Belezza Ferraz, chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas; general Luís da Camara Pina, chefe do Estado-Maior do Exército; almirante Guerreiro de Brito, chefe do Estado-Maior da Armada; general Costa Macedo, chefe do Estado-Maior da Força Aérea; muitos outros oficiais generais de todas as armas; briga-

(Continua na 6.ª página)

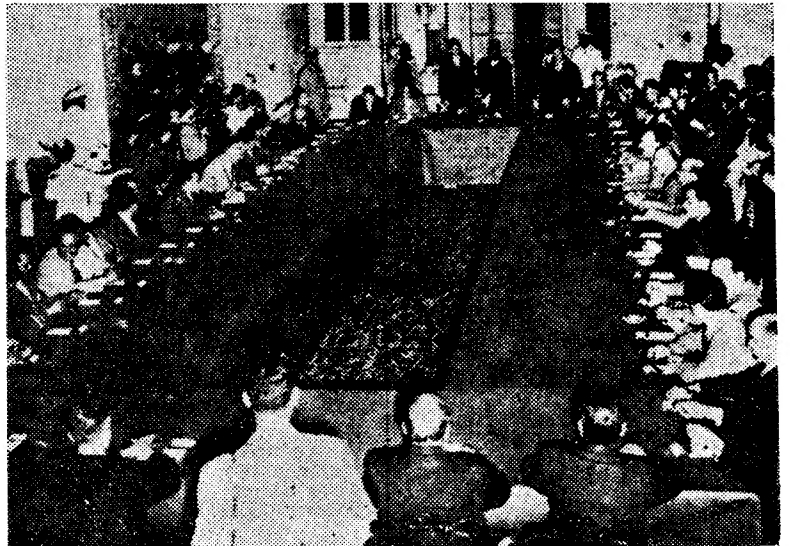
Mao Tsé Tung pediu a Kruchchev a reabilitação de Molotov?

LONDRES, 18. — Segundo o correspondente do «Daily Mail», em Moscovo, o chefe da China Popular, Mao-Tsé-Tung, teria manifestado numa carta enviada a Kruchchev o desejo de que haja benevolência para com Molotov e que o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros da U. R. S. S. seja reabilitado.

A desgraça de Molotov — teria afirmado Mao-Tsé-Tung na sua carta — será sempre deplorada pelos comunistas da China e do Mundo inteiro. O correspondente acrescenta que o Kremlin, até agora, não respondeu a esta carta e afirma ser fora de duvida que Moscovo rejeitará o pedido chinês.

Diz ainda o jornalista que a manobra do dirigente da China Popular poderá explicar a frieza que parece notar-se nas relações sino-soviéticas, motivada pelo conflito sobre as ilhas costeiras. Kruchchev parece ter já manifestado o seu mau humor não assistindo à recepção na Embaixada da China, em Moscovo, no dia da Festa Nacional chinesa. — (F. P.).

(Continuação na última página)



A tensão entre a R. A. U. e a Tunísia culminou com a reunião do Conselho da Liga Árabe, que se manifestou contra a política do presidente Bourguiba

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE

32 páginas

nas quais se inclui

MAGAZINE

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da página anterior)

lisadores. A actividade destes enzimas é específica, e convém acentuar que são destruídos pelo calor ou pelo frio em excesso.

A digestão inicia-se na boca, cavidade onde os alimentos são rilhados, triturados e misturados com a saliva. A mastigação permite, pois, que a saliva se ligue aos alimentos e que estes sejam impregnados por ela.

O princípio activo da saliva é geralmente alcalino, sendo a ptialina (enzima) que transforma os corpos amiláceos em açúcares. A saliva dos carnívoros é muito pouco digestiva. Quando os alimentos não possuem amido, aquela apresenta-se isenta de ptialina. A forma como os alimentos são preparados (gosto, paladar) é deveras importante: estimula o aparecimento de sucos apropriados.

A saliva (Edinger) contém um anti-séptico: o rodanato de potássio. Quantidades mínimas deste produto (três por mil) são suficientes para fuzilar o micróbio (Koch), o vibrião do cólera num minuto e (nove por mil) o bacilo da difteria. Trata-se, assim, de um poderoso anti-séptico produzido naturalmente e capaz de destruir a maioria dos micróbios; porém, torna-se inofensivo para o organismo humano. Não é, pois, de estranhar que a sua presença evite

a decomposição dos alimentos necessários à vida do homem.

A ptialina destrói-se com enorme facilidade. O ácido tânico do chá e do café paralisam a digestão dos amidos, sucedendo o mesmo com os ácidos medicamentosos. Meio por cento de ácido entrava a acção do enzima.

As frutas ácidas, prejudiciais à saúde, destemperam a digestão dos glucidos quando ingeridos durante ou depois das refeições. Elas contêm, em geral, muita água, água esta que impede a boa salivagem dos alimentos e a digestão dos amidos. As frutas devem ser comidas, devido aos factos apontados, duas horas depois das refeições.

A digestão do amido prossegue no estômago até se tornar ácido, devido à presença e à acção do suco gástrico. Quando se ingerem protidos ao mesmo tempo que corpos amiláceos, os primeiros, para serem digeridos, exigem um meio ácido. O estômago então fornece suco gástrico em abundância, suco que interrompe ou paralisa a digestão dos amidos. Só os glucidos secos provocam aparecimento de saliva rica em ptialina. Não se passa o mesmo quando estes são ingeridos com leite, café, chá ou mastigados com as frutas.

Se o indivíduo, em seu regime ali-

mentar, necessita de grandes quantidades de glucidos, devem estes ser ingeridos secos. Quando misturados com a sopa, por exemplo, são mal digeridos e podem ocasionar transtornos e desarranjos do estômago. Desde que sejam veiculados num líquido, não podem ser bem salivados, tornando-se, portanto, indigestos. Sucede o mesmo com os glucidos cozidos.

A digestão gástrica faz-se em meio ácido. A pepsina (enzima) actua sobre os protidos. Ela depende dos centros nervosos, que são previamente estimulados pelo gosto, pelo odor e até pela apresentação dos alimentos que determinam a qualidade do suco. Exemplo: o suco gástrico difere para as fécúlas e para os protidos. A presença de ácido na boca não estimula o aparecimento do suco gástrico. Por muito que pese aos pseudo-amadores de boa cozinha, os condimentos não têm acção sobre a digestão gástrica. As mostardas e as pimentas (está provado) não provocam uma maior secreção.

O aparecimento do suco gástrico, indispensável a uma boa digestão, depende, em parte, do apetite. O cenário e a apresentação importam mais do que os condimentos. Com eles toda a gente sabe cozinhar.

A secreção motivada pela pimenta ou pela mostarda (francesa ou inglesa) não é capaz de digerir convenientemente a carne e os ovos. Não se trata, portanto, de um suco digestivo rico em enzimas.

O álcool, aumentando a quantidade de suco, precipita a pepsina e destrói a acção. O café e o chá, quando tomados depois das refeições, retardam a digestão. O chá, rico em ácido tânico e outros adstringentes, tem uma acção altamente nociva sobre a delicada mucosa do estômago. E a cafeína é ainda mais irritante do que a infusão forte de chá.

Estas duas tão espalhadas bebidas ou beveragens são responsáveis pelos ataques de gastrite e, em associação com o tabaco, provocam alterações degenerativas da mucosa do estômago. A acção daninha do chá, do café e do tabaco (deixe de lado os pulmões), prolonga-se ao intestino, ao rim e ao sistema nervoso.

Os chamados cafés dietéticos são tão prejudiciais como o moído à vista do freguês. O reclamo, para a maioria dos indivíduos bem formados, é sempre inimigo das boas, pacíficas e tranquilas digestões.

As experiências de Pavlov ensinam, e, portanto, aconselham que os alimentos devem ser não só bem apresentados, mas ter também bom paladar e agradável presença para que a digestão decorra com normalidade.

O débito de suco gástrico é sempre proporcional ao prazer que os alimentos provocam. Não esquecer, pois, que o prazer gustativo é um meio e não um fim.

Os principais factores que aceleram a secreção gástrica são: o apetite, o sabor agradável dos alimentos, apresentação, odor, boa disposição, descontraimento, tranquilidade e paz psíquica, acção directa dos alimentos sobre a mucosa gástrica.

Retardam as secreções: o medo, a ansiedade, as fobias, as obsessões, a má disposição, o ódio, o ciúme, a inveja, as emoções intensas, o stress, a anorexia ou ausência de apetite, a má digestão salivar, a dor, o choque psíquico, a febre e enfermidades várias.

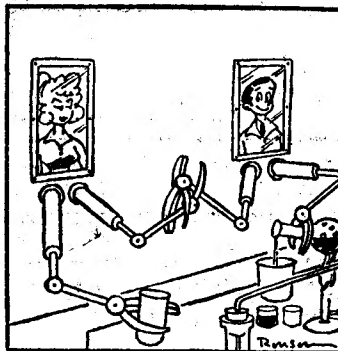
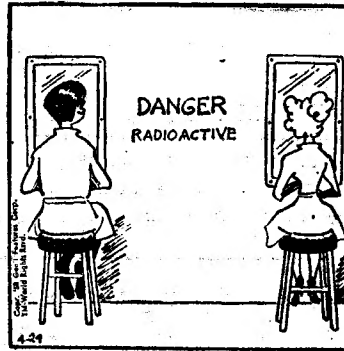
Curioso é notar que a qualidade e a quantidade de alimentos ingeridos determinam o grau de acidez do suco gástrico. Pavlov assim o assinalou num dos seus mais apreciados tratados. As experiências em questão foram conduzidas com a colaboração de Khizhin. Segundo ainda Pavlov, os protidos do pão tornam-se de penosa digestão.

O abuso de gorduras (manteiga e queijos ricos em corpos gordos) retarda a digestão de algumas horas. O abuso dos líquidos conduz à acidez.

Falaremos, noutra ocasião, do grau de digestibilidade dos diferentes alimentos.

A. d'E.

ELE & ELA



Admirável mundo novo

O Carnaval

no Estoril

vai ser seguro

contra a chuva

Nunca em Lisboa se terá falado do Carnaval com tanta antecedência. Nem mesmo há bons cinquenta anos, quando a boémia esturdia inundava o Chiado de alegria e irreverências.

Pois este ano, o Carnaval, volta a dar que falar entre nós. A Sociedade Estoril-Sol, como aliás já noticiámos, está interessada em o fazer ressurgir; não no Chiado, como antigamente, nem tão pouco na Avenida, que muito antes de ser esventrada foi cenário de animados e luzidos corsos, mas no Estoril, que é hoje o nosso melhor centro de atracção turística.

Assim, no sábado, domingo e terça-feira do próximo Carnaval, daqui a pouco mais de três meses, o Estoril será palco de inolvidáveis momentos de folia.

Tudo se conjuga para que tal aconteça. Traçam-se planos, elaboram-se projectos, discutem-se pormenores. Uma comissão organizadora estabeleceu as linhas gerais do programa carnavalesco e começou já a preocupar-se com os pormenores — um dos quais consiste em trazer do estrangeiro artistas experimentados, para construir os carros que tomarão parte no corso. Para esse efeito partiu hoje, de avião, com destino a Madrid, o sr. Armando Serpa, director do Casino Estoril, que irá a Valência, Barcelona e Via Reggia contratar artistas especializados, possivelmente os «mestres» que, todos os anos, erguem as monumentais «fallas» valencianas e constroem os deslumbrantes carros carnavalescos de Nice. O sr. Armando Serpa irá, também, a Roma e Paris, convidar alguns dos mais conhecidos nomes do cinema e «music-hall» francês e italiano, que estarão presentes no próximo Carnaval do Estoril.

Entretanto, um outro problema surge. Mas este, certamente, poderá solucionar-se sem recorrer ao estrangeiro. Trata-se de encontrar uma companhia de seguros que cubra os «riscos de chuva» que podem vir a ofuscar o brilhantismo que se pretende atingir. Nesse sentido principiaram hoje a ser consultadas todas as companhias da especialidade existentes no País, às quais se propõem um seguro no valor de 2.000 contos. Em Portugal nunca se fez tal espécie de seguro — mas isso não é razão para pormos em duvida as possibilidades das companhias seguradoras portuguesas, por certo desejosas de mostrar que podem comparar-se às melhores estrangeiras e arcar com a responsabilidade de uma possível falta de Sol, numa zona do País onde, por tradição, o Sol jamais faltou.

Hospital do Ultramar

As actividades culturais do corpo clínico do Hospital do Ultramar principiam na próxima terça-feira, às 22 horas, sob a presidência do ministro do Ultramar, almirante Vasco Lopes Alves, e com a assistência de alto funcionalismo do Ministério e organismos dependentes.

Falará em primeiro lugar o director do Hospital que, relatando as actividades do ano académico findo, focará o papel importante que as reuniões do corpo clínico representam, como motivo de ilustração e de intercâmbio. Seguidamente, o prof. Aires de Sousa proferirá uma lição sobre «A Medicina ao Serviço da Expansão Ultramarina».

«Portugal»

um livro editado

para a Exposição de Bruxelas

O Comissariado-Geral para a Exposição Universal e Internacional de Bruxelas editou, em português e em francês, uma volumosa e valiosa obra de análise da vida e das actividades espirituais e materiais do nosso País, intitulada «Portugal (Oito séculos de História ao serviço da valorização do homem e da aproximação dos povos)», que já distribuiu aos mais categorizados visitantes estrangeiros do nosso Pavilhão no grandioso certame que, amanhã, encerra as suas portas.

Os estudos publicados neste volume, que vai ficar como verdadeiro «livro de ouro» da representação portuguesa na Exposição são assinados pelos srs. conde de Penha Garcia (Prefácio), prof. Orlando Ribeiro («Um povo na terra»), prof. Mendes Correia («Factores de independência nacional»), prof. Damiano Peres («Ao serviço da Humanidade»), prof. Hernani Cidade («Idioma e Cultura»), dr. Mota Veiga («Organização do trabalho e previdência social»), dr. Francisco Pereira de Moura («Actividade Económica»), Lúis Forjaz Trigueiros, Diogo de Macedo e dr. João de Freitas Branco («Letras e Artes Contemporâneas»), dr. Fernando da Silva Correia («Assistência Social»), prof. Teixeira («O Turismo»), prof. Adriano Moreira («Portugal Ultramarino») e comodoro Sarmento Rodrigues («Unidade da Nação Portuguesa»).

A representação de Portugal no grande acontecimento europeu dos últimos seis meses, que tão elogiosas referências mereceu da imprensa estrangeira, completa-se, deste modo, com uma bem documentada obra de divulgação.

O livro é ilustrado com magníficas reproduções de obras de arte de autores portugueses e expressivas fotografias de Mário Novais, Horácio Novais e Santos de Almeida, sob a direcção literária de Lúis Teixeira e a direcção gráfica de Bernardo Marques.

Este volume foi posto à venda nas livrarias.

Conservatório Nacional

Concurso para atribuição de prémios dos alunos

No Conservatório Nacional estão abertos concursos de provas públicas para a atribuição dos prémios: Conservatório Nacional, Rodrigo da Fonseca e Rey-Colaco, na disciplina de piano; e Rodrigo da Fonseca e António Andrade, na disciplina de canto.

Igualmente são abertos concursos documentais para os prémios: Conservatório Nacional, Augusto Rosa e Eduardo Brasão, da secção de teatro.

A estes concursos são admitidos todos os alunos que tenham concluído os cursos respectivos no ano lectivo de 1957-1958, com a classificação igual ou superior a 17 valores. O requerimento, solicitando a admissão ao concurso, deve dar entrada na secretaria do Conservatório até ao dia 7 do próximo mês.

Cidade Universitária

Foi aberto concurso para a arrematação do fornecimento e instalação de aparelhagem de cozinha da cantina dos estudantes da Cidade Universitária de Lisboa, na base de 2.100.000\$00.

A feira das Mercês

conserva o carácter popular mas inclui este ano um elegante salão de chá...

A apreciada feira das Mercês, que «oficialmente» só se inaugura amanhã, já está em parte, a inaugurar desde o princípio desta semana, visto que os principais restaurantes e as barracas de «comes e bebes» se instalaram a partir desse dia.

Os numerosos frequentadores habituais da mais concorrida romaria do distrito, de Lisboa sentirão este ano a ausência de duas figuras populares, por todos estimadas. Diamantino Batalha, do Seixal da Eriçeira — o homem dos bigodes — e a Tia Bucelas. Mas vêm à feira os outros «habitues»: o conhecido amador dramático Carlos Velez, com restaurantes e faturas; João da Costa «O Pata Larga», — que trocou o negócio de comidas e bebidas, pelo de louças; o Jaime do «carroussela», a família Gonçalves, com a louça de Barcelos, entre a qual se destacam os apreciados galinhos multicolores; o «Salão» com o seu bar e o seu barrete...

Moje à tarde, os diversos talhos recebem numerosos porcos, procedendo-se durante o fim do dia e a noite, ao seu esarteamento a fim de amanhã poder ser servida ao povo a saborosa carne frita em frigideiras de barro; e amanhã, logo ao alvorecer começam a chegar os homens com os leitões da Bairrada, espalmados e tostados, as castanhas, as sementes, as plantas, as nozes, os figos, os pinhões e os barris de vinho e dos seus derivados.

Tudo fica coberto de barracas desde o terreiro da vasta tapada, pertencente à família dos marqueses de Pombal, até aos terrenos exteriores, sobranceiros à linha férrea, donde se desfruta o lindo panorama da Serra de Sintra, encimada

pelos encantadores castelos da Pena e dos Mouros, que este ano são explorados pela Camara Municipal de Sintra e pela Junta de Freguesia de Rio de Mouro. E a feira prosseguirá até à próxima segunda-feira a oito dias, realizando na ultima tarde a tradicional procissão dentro da tapada, onde, nesse dia e nos dois domingos da romaria, o povo pode, á vontade descansar, respirar o ar puro dos pinhais e preparar e comer os seus petiscos.

Mas este ano as Mercês, sem perder o seu carácter popular, apresentam uma novidade que certamente vai constituir um atractivo para muita gente, mesmo para aquela que nunca as frequentou: um elegante salão de chá, no pátio senhorial, por iniciativa das senhoras vicentinas da freguesia.

EM 3 LINHAS

O governador da colónia britânica de Hong-Kong, Sir Robert Black, visitou Macau, a convite do governador, comandante Correia de Barros.

Os serviços da Direcção-Geral de Economia do Ministério do Ultramar passam a funcionar na Rua Ferreira á Lapa, 38.

A produção de vinho em 1957, segundo o relatório do Grémio dos Armazenistas de Vinhos, foi avaliada em 9.280 milhares de hectolitros.

Foram adquiridos para o Porto da Beira e dos Caminhos de Ferro de Moçambique, 162 vagões «drop-side», de 40 toneladas cada, os quais começarão a ser entregues no princípio do próximo ano.

Durante o ano passado o movimento geral da exportação de madeira totalizou 392.692 toneladas, no valor de 571.652 contos.

A produção de cortiça deve manifestar-se na Junta Nacional de Cortiça até ao dia 31 de Dezembro próximo.

Reunem-se em Lisboa, de 8 a 14 de Junho de 1959, o Congresso da Secretaria Católica Internacional da Infância.



De ontem para hoje

PROBLEMAS DA TERRA

PORTUGAL, país agrícola, tem larguíssimas tradições. Naturalmente, foram vencidos pelo tempo e pela técnica muitos dos seus processos vindos dos séculos. O camponês é rotineiro por atavismo e raras vezes aceita o progresso que lhe levam aqueles que saíram da Escola sobrelevam a sua experiência. Assim, a função do técnico é acima de tudo catequizar, para que os frutos da sua convivência com os livros sejam saudáveis e remuneráveis. A Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, como a Junta de Colonização Interna, por muito lentos que se considerem os seus progressos (lentos em relação à premência do atraso secular) não poderão deixar de relevar-se pelo que representam no esforço de dar à terra e aos homens que a cultivam (40 por cento da população portuguesa) a grande e actual função que lhes cabe. Vem a propósito lembrá-lo, na altura em que se divulga a honrosa presença de Portugal no V Congresso Internacional de Engenharia Rural (Bruxelas). Constituíram-se Associações Nacionais (Portugal fundou a sua) em que os homens esclarecidos trabalharão para o esclarecimento dos problemas dos homens e da terra.

FEIXE DE IMAGENS

NOTÍCIAS vindas de Argel (e quantas vezes os jornais portugueses têm sido vítimas deste regime de «boca-calada») dizem que esteve em Uargla, Hassi-Messand e Tamanrasset, um oficial superior (o comandante Helmes de Oliveira). Fê-lo em estágio de informação junto do Ministério Francês das Forças Armadas e pelo enunciado do que viu e visitou, não-de ter sido muitas e importantes as impressões que de lá trouxe.

* O ministro da Guerra do Brasil, general Teixeira Lot, passou por Lisboa, a caminho de Itália, onde vai representar o presidente Kubitschek de Oliveira nas cerimónias fúnebres em memória de Pio XII. Foram muitos os membros do Governo que lhe endereçaram cumprimentos. Por sua vez, o ilustre brasileiro neto de um Português de Lisboa, saudou o Povo da nossa terra e a nossa linda capital.

* Na Assembleia Nacional, o deputado dr. Augusto Simões requereu informações sobre «qual o número de processos distribuídos em cada um dos tribunais do Trabalho do continente de 1950 a 1957». Interessam-lhe, especialmente, os que se referem a pedidos de pagamento de trabalho suplementar e o interesse justifica-se: Com uma máquina movendo-se lentamente, a que horas chegará a da justiça?

* O glorioso almirante Gago Coutinho evocou as glórias de Santos Dumont, nas comemorações da Semana da Asa, em curso no Rio de Janeiro. A Panair do Brasil associou-se às comemorações, com este acto evocativo, ontem celebrado na sua sede. Foi há 52 anos que Dumont voou pela primeira vez, num avião mais pesado do que o ar.

* As encomendas transportadas por avião pela T. A. P. (entre Lisboa e Porto) passam a gozar de regime de excepção, com benefício para o público e de modo a garantir a sua entrega domiciliária em curto prazo. Isto sem aumento de tarifas, apesar de a entrega da encomenda poder fazer-se três ou quatro horas depois de ser expedida. Este regime ideal entra em vigor em 18 de Novembro próximo.

* Em Santa Cita, (Tomar) os fiéis juntaram-se para a missa. Vai o Augusto Alves Garcia, a transportar os umbrais da porta da igreja e cal-lhe em cima um peso mais resistente do que a sua cabeça. Era o badalo do sino que desprendendo-se lá de cima do campanário deixou em perigo de vida o pobre de Cristo (é jornalista, a vítima do acidente).

* Num acidente de automóvel ocorrido perto de Dax (França) morreu D. Helena Martins dos Santos (34 anos). Viajava com seu marido, o major Joaquim Esteves dos Santos prestando serviço em Infantaria 14 (Viseu) que ficou também às portas da morte.

JORNAL PEQUENO

INSCREVERAM-SE no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado os deputados José Martins da Rocha Peixoto, José Sarmiento de Vasconcelos e Costa, António Morais Sarmiento, Virgílio Pereira e Cruz e Augusto Duarte Henrique Simões e comandante Ernesto Carneiro Allen Junior. * O coronel Barreira Antunes, que vai deixar o cargo de adido militar e de Portugal em Madrid, foi condecorado pelo Chefe do Estado espanhol com a medalha de ouro do Mérito Militar com Cruz Branca, raras vezes concedida. * O presidente do Município de Lisboa foi homenageado com um almoço pelo alcaide de Madrid. Como se sabe, o ten. cor. Salvação Barreto foi à capital espanhola tratar da organização do segundo Congresso de Municípios. * O ministro das Comunicações relevará as faltas aos funcionários do seu ministério que tomem parte no XXIV Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências. * Na sede da Cruz Vermelha começou um curso de «primeiros socorros» para homens, com inscrições gratuitas. * 1.157 contos é o valor das comparticipações do Desemprego, para obras de abastecimento de água em vários pontos do País. * Em Aveiro, houve exercício da G. N. R. a que assistiu o comandante geral da corporação. * Foram sepultados no cemitério da Caparica Rafael António Correia e Joaquim Bento Mugarin, duas das vítimas da tragédia de que o primeiro foi autor. * Morreu em Caracas vítima de acidente, José Guilherme Moreira da Silva, campeão de pinguepongue. * Incendiou-se a pólvora que secava numa lata à lareira e pegou fogo aos vestidos e cabelos e mãos da pequena Arminda (9 anos, filha de Armindo Silva Sabino, em Vagos). * Em Amorim (Póvoa de Varzim) um carro de bois atropelou mortalmente a pequenina Rosa de 2 anos, filha de Claudomiro dos Santos, ficando gravemente ferida outra menina de 5 anos, filha de António Gonçalves Campos.

Vai haver mais 667 camas para tuberculosos até ao fim do ano

Em execução do plano em curso para ampliação do número de enfermarias-abrigo para tuberculosos, o ministro da Saúde e Assistência determinou a abertura, até 31 de Dezembro próximo, e em colaboração com a I. A. N. T., de enfermarias daquela natureza em Valpaços (14 camas), Evora (32), Poiares (8), Carraceda de Ansiães (6), Mafra (40), Espinho (40), Vila Nova de Ceira (31) e Celorico da Beira (16). Como já foi homologado o acordo com a Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal quanto ao início do funcionamento, dentro de dias, do Sanatório de Monte Alto, o número de camas a abrir nestas condições, até ao fim do ano corrente, deve elevar-se, aproximadamente, a 480.

O sr. dr. Martins de Carvalho mandou conceder também subsídios no valor de cerca de mil e duzentos contos, a fim de que se construam ou concluem mais as seguintes enfermarias para tuberculosos, num total de 234 camas: Ponte de Sor (2.ª fase) — (mais 30 camas), Penafiel (35), Lamego (40), Ovar (21), Baião (6), Oliveira de Azeméis (32), Viseu (64) e Vila Viçosa (16).

As verbas atribuídas a Lamego e Viseu ficam dependentes de as Misericórdias respectivas apresentarem os planos de construção indispensáveis. Foi ainda concedido um subsídio de 300 contos à Misericórdia de Aveiro para a continuação das obras ali em curso, bem como para a construção de uma enfermaria-abrigo com 82 camas.

Uma enfermeira homenageada ao atingir o limite de idade

Todo o pessoal de enfermagem do Hospital do Rego se reuniu, hoje, para prestar homenagem à enfermeira sr.ª D. Hermínia Matilde de Castro, que atingiu o limite de idade, após trinta anos de serviço exemplar.

A cerimónia assistiram, também, o fiscal daquele estabelecimento hospitalar, sr. Olímpio Vaz, e a superintendente dos Serviços de Enfermagem dos Hospitais Cívicos de Lisboa, sr.ª D. Maria da Cruz Repenico Dias, que leu a ordem de serviço em que a administração dos H. C. de L. louva a homenageada e lhe concede a medalha de prata de exemplar comportamento.

Depois de a referida medalha ter sido entregue à sr.ª D. Matilde de Castro, usou da palavra o enfermeiro-chefe do Hospital do Rego, sr. Daniel Pinto que, em nome do pessoal de enfermagem saudou a homenageada, entregando-lhe uma lembrança.

O «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixo» são vendidos em ALENQUER por Cécilia da Conceição Granada.

Passou por Lisboa o dr. Renato de Mendonça diplomata brasileiro e grande amigo de Portugal

O dr. Renato de Mendonça, escritor e diplomata brasileiro, tão nosso pelas suas estadias funcionais e sentimentais em terra portuguesa, onde criou e mantém numerosos amigos e admiradores, passou, ontem, mais uma vez, por Lisboa, vindo de Bruxelas, onde, durante dois anos, foi ministro-conselheiro da embaixada. Do Rio seguirá para Santiago do Chile, onde irá continuar a sua obra diplomática e cultural, neste momento integrando-se naturalmente na grande Operação Pan-Americana, de iniciativa do presidente Kubitschek de Oliveira e entregue, para completa realização nas mãos hábeis e seguras do chanceler Neirão de Lima. Autor laureado de muitos estudos históricos, o dr. Renato de Mendonça foi, há anos, no México, um dos precursores intelectuais qualificados dessa Operação, como havia sido antes, no consulado do Porto, um obreiro devotado da aproximação luso-brasileira. Aliás, o Porto lembra ainda as suas iniciativas de ordem social e intelectual que lhe granjearam muitas simpatias e boas amizades, entre as quais as dos irmãos José e Edgar Lelo, Ramos de Almeida, Alberto Serpa, o conde da Covilhã, Cupertino de Miranda, tudo gente que quer bem ao Brasil, irmanando-o no seu bem querer a Portugal.

Em Bruxelas, o ministro-conselheiro da embaixada do Brasil exerceu bem a sua função diplomática mas exercendo-a, viveu e conviveu muito com a representação portuguesa, lá. Assim o vemos, no recente número especial, consagrado a Portugal e ao Brasil — o mundo dos Lusíadas — da revista «Synthèses», de Bruxelas, de brago dado com alguns dos Brasileiros e Portugueses mais ilustres, do nosso tempo, celebrando, por pensamentos e palavras, um luso-brasilismo enaltecedor.

Renato de Mendonça não para nunca, nem como escritor nem como diplomata. Dentro em pouco — anunciou-nos ele — sairá a edição francesa da sua «História do Brasil» e o seu novo volume «História da política exterior do Brasil: «De Rosas a Rio Branco». Entretanto, no Chile, para onde seguirá, depois de uns dias no Itamaraty, novas tarefas de aproximação com esse país o esperam e atraem.

Num rápido encontro casual com Renato de Mendonça, a uma escassa hora de largada do avião para o Rio, o diplomata fala com entusiasmo do pavilhão português na Exposição de Bruxelas.

Disse-nos ele:

— É realmente dos mais harmoniosos o conjunto da representação portuguesa em Bruxelas. Tive ocasião de visitá-lo detidamente, em companhia do meu querido amigo e colega da embaixada, o conselheiro Trigueiros de Aragão, e percorrer as sucessivas salas das glórias da colonização portuguesa e da actual expansão do Portugal continental e ultramarino.

Por ocasião da vossa Data Na-

cional, foi oferecida uma das recepções mais bonitas e originais de toda a Exposição de Bruxelas: flores, vinhos e doces de Portugal, num ambiente extremamente caloroso de portuguesismo. Tudo com grande refinamento e gosto.

— E dopavilhão do Brasil qual é a sua impressão?

— Ao lado da representação portuguesa, o pavilhão brasileiro, obra do extraordinário arquiteto meu patrício que é Sérgio Bernardes, formou um índice do alto nível cultural da comunidade luso-brasileira.

«E por referir esse último aspecto, desejo mencionar que, antes de sair de Bruxelas, onde fui por três vezes encarregado de Negócios do Brasil, fiz questão de dar a minha cooperação à edição especial da revista internacional «Synthèses», dedicada ao mundo dos Lusíadas.

O dr. Renato de Mendonça concluiu dizendo que depois de uma visita extraordinária pelo seu roteiro e variedades de emoções (Grécia, Ilhas do Dodecaneso, Constantinopla, Viena e Munich), não poderia deixar a Europa sem vir dar um adeus aos Jerónimos, onde um sol de Primavera o acolheu na sala do Capítulo do Mosteiro. E terminou:

— Rever os sítios do Porto não me foi possível materialmente, mas muitos dali estiveram em Bruxelas, como os irmãos Lellos, dr. Costa Pereira e vários outros. «Que seria dos Brasileiros, em Portugal, sem a velha, aberta e excepcional hospitalidade portuguesa? Testemunho permanente disso é a grande, generosa e amável figura de Nuno Simões — grande elo da comunidade luso-brasileira. O seu exemplo é digno de imitação de todos os que realmente amam a língua e a cultura de Camões, Vieira e Rui Barbosa. Nomes eternos de lá e de cá do Atlântico.

Visita inesperada a Moscovo do vice-presidente da República Árabe Unida

MOSCOVO, 18 — A agência «Tass» divulgou a notícia da vinda a Moscovo do marechal Abdel Hakim Amer, vice-presidente e ministro da Defesa da R. A. U. Nada fazia prever esta visita.

Na Embaixada da R. A. U., recusam-se a fazer declarações sobre o assunto, não dizendo sequer quantos dias se demorará o marechal Amer na União Soviética e não apontando, como é natural, as razões da sua vinda tão inesperada. Quando muito, indicam que aquele membro do Governo da R. A. U. chegará ao aeródromo de Vnukovo pelas 14 e 20 (locais).

Entretanto, em Moscovo, parecem querer dar uma grande importância a esta viagem. Os jornais «Pravda» e «Izvestia», que publicam a informação da «Tass» na primeira página, dedicam ao acontecimento artigos de fundo, aliás redigidos em termos muito gerais. — (F. P.).

Desmoronou-se

um «carroucel» cheio de crianças

HAMILTON (Escócia), 18 — Ficaram ilhas apenas duas das 24 crianças que se divertiam, ontem à noite, num «carrousel», quando este, girando a toda a velocidade, se desmoronou.

Os «aviões» suspensos por correntes, de uma cobertura circular, caíram de uma altura de cinco metros, projectando a distância as crianças, três das quais ficaram em estado grave.

Na altura do desastre, o parque de divertimentos estava repleto de gente. — (A. N. I.).

T á g i d e

Conjunto
ALEX WILLIAM'S

com
LAURA VILLA

Restaurante
Telef. 35328
Salão de Dança
Telef. 35327

MAIS UM GRANDE ESPECTACULO DE MUSIC-HALL QUE FICARA MEMORAVEL

Sucesso clamoroso da extraordinária embaixada de Arte Haitiana

Jean Leon Destiné

e a sua famosa e invulgar Companhia de Ballet

O grande fantasista francês

Pierre Denain

Helena Tavares

Tony & Idalecia

ADULTOS (MAIORES DE 17 ANOS)

Palm-Beach

Conjunto

TOBIAS VALIDO

e

FERNANDO POTIER

TELEFONES
080851
080852

Teatros e Cinema

Atrás do reposteiro

A companhia Rafael de Oliveira inaugura na próxima semana a temporada que vai fazer em Santa-rém, com o seu Teatro desmontável.

—O actor Alves da Costa vai participar do desempenho da comédia «A rainha do ferro-velho», em cena no Teatro Monumental.

—Depois de amanhã, a companhia do Teatro ABC tem espectáculo marcado em Viana do Castelo, onde representará a revista «Vira o disco».

—Maria Teresa, que há anos se estreou no Coliseu, na revista «Lisboa é coisa boa», e que se encontra no Rio de Janeiro, faz parte da companhia do Teatro João Caetano, que está a representar a revista «Agora é que são elas».

—O conjunto da direcção de Luís Pizarra concluiu em Ressoano Garcia a digressão que fez pela província de Moçambique, estando agora em Angola.

—A revista que o grupo cénico da Academia de Santo Amaro vai ensaiar intitula-se «Aqui é Portugal» e foi há anos representada no Teatro Avenida.

Ultimas representações

da revista

«Fogo no pandeiro»

Hoje, em duas sessões, às 20 e 22 e 45, e amanhã à tarde e à noite, representa-se pela última vez no Coliseu a grande revista popular «Fogo no Pandeiro», pela alegre Companhia Brasileira de Revistas, que tão grande e justificado êxito tem alcançado entre nós e assim se despede do nosso público.

Primeiras exhibições

«Nathalie», no Roma

Aqui está um filme alegre e bem feito, que vale a pena ver e serve de lenitivo ao peso das superproduções que ultimamente nos têm oferecido os exibidores de Lisboa.

«Nathalie» é desconcertante, aproveitando bem um romance policial de Frank Marschal, do qual se extraiu um movimentado argumento, a transbordar surpresas em cada plano. A história é simples — se a libertarmos das complicações sub-

siidiárias que a envolvem. Uma quadrilha de «gangsters» rouba uma preciosa joia, cuja dona e alguns dos seus familiares aparecem mortos nos dias que se seguem ao roubo. Uma jovem manequim envolve-se voluntariamente no caso e acaba por desvendar todo o mistério.

Fácil, como vêem. E ainda parece mais fácil graças à realização linear de Christian-Jacque, ex-marido de Martine Carol, que se encarrega do desempenho de «Nathalie», emprestando-lhe todo o seu á-vontade artístico e... físico. No grupo de intérpretes figuram, ainda, Mischa Auer, Miekas Piccoli e Lise Delamore, num conjunto equilibrado e eficiente.

Completam a sessão alguns filmes curtos de interesse. — Visor 25.

«Os carrascos do mar», no Condes

A série de filmes sobre as actividades submarinas do homem está agora aumentada com este filme americano ontem estreado no Condes, com o título sugestivo «Os carrascos do mar».

Cheio de cenas movimentadas, onde a coragem mede forças com o perigo, quer a superfície da terra, quer sob as águas do mar, que nos aparece em belas imagens, o filme conta a história de um grupo de homens-rãs da Marinha norte-americana que procuram «limpar» uma zona de tubarões. Os intérpretes do filme, que se vê com incontestável agrado, são James Olson e a escultural Karen Steel. — Visor 100.

No São Jorge

«Escola do Crime»

O novo cartaz do São Jorge apresenta um assunto de particular intensidade, que foca os aspectos mais angustiantes de uma juventude que se precipita num círculo de delinquência. A acção do filme passa-se em Liverpool, onde os chamados «Teddy-Boys» encontram campo propício para as suas irreflexivas aventuras que, a maior parte das vezes, descambam na senda do crime e do pecado. O problema, aliás, existe em todas as grandes cidades, em maior ou menor grau, disfarçado ou refeito, pois a delinquência juvenil é uma das tristes realidades dos nossos dias. «Escola do Crime»

é, por assim dizer, uma réplica ou-sada ao que se fez na América sobre o assunto. É um estudo oportuno das sementes de violência. A juventude do «rock n'roll», desenfreada e sedenta de novas emoções, lança-se assim numa vida em que a primeira lição que aprende é que a do crime não compensa. O filme põe precisamente o dedo na ferida, revelando em toda a sua dramática realidade um dos maiores problemas da nossa época. Com um desempenho notável, «Escola do Crime», um exclusivo «Jarofilme», é, pois, um filme que deve ser visto.

Sessões clássicas

«Mulheres sem passado», no Tivoli

«Mulheres sem Passado», um bom filme de que poucos se recordam, pois tem estado afastado dos nossos «ecrans», vai ser exibido, pela última vez, no próximo domingo, de manhã, no Tivoli.

Amália Rodrigues

em Madrid

MADRID, 18.—Amália Rodrigues obteve grande êxito, ontem à noite, ao inaugurar a época, numa «boite» madrilena, perante um público entusiasta que lhe lançou flores aos pés mesmo antes de principiar a cantar. Contudo, depois de ter sido obrigada a interpretar mais seis canções além das cinco do programa, declarou, numa entrevista, que «não estava nos seus melhores dias».

«O público madrileno conhece-me das outras vezes que tenho actuado aqui, por isso me acarinhou», afirmou. — «Esta noite não cantei o melhor que sei. As estrelas enervam-me sempre. Sentia os lábios secos. Mas os Espanhóis conhecem-me e sabem que eu não canto sempre da mesma forma».

O numeroso público internacional que enchia por completo a sala e lhe tributou calorosos aplausos, ro-deando-a no fim do espectáculo para a felicitar, parece não ter partilhado da sua opinião. Amália Rodrigues envergava um vestido negro, simples, de saia rodada e mangas compridas, e longos brincos de ouro cintilavam a cada movimento de cabeça, sob a luz dum projector único. — (A. N. I.).

VIDA ARTISTICA

A actualidade de um salão inactual

Libertou-se a S. N. B. A. de uma tradição inquietante e desastrosa. É verdade que organizar um 1.º Salão de Arte Moderna em 1958 é terrivelmente comprometedor, marca uma atitude e define uma atmosfera. Mas não é político nem genil insistir neste ponto e sejamos calorosos no aplauso à iniciativa. O atraso da ideia e da sua realização é a causa das características essenciais do certame — o ser incompleto e o acusar uma maturidade cansada e sábia. Mas este gesto para quebrar um uso desgostoso e espantoso, para arejar uma Sociedade estática e fria, para a sacudir e desmanchar aquela sua expressão de hieratismo, desculpa quase tudo, mesmo aquele alvoroço da véspera da inauguração, em que se gritavam ordens confusas.

Pomar surge, truculento, maciço, crispado. As suas duas largas telas, de temática populista e atmosférica poética, são uma prova esmagadora que estamos perante um dos artistas mais profundamente portugueses. É urgente não confundir portuguesismo com regionalismo, superpatriótico, turístico ou superficial. Pomar tem um forte sentido telúrico e o dramatismo dos seus climas não exclui, antes acentua, contrapontiza, sublinha, uma poesia cheia de vibração e de intensidade. Pomar estiliza os limites de uma estética semi-oficializada, com galo de Barcelos, Sol e Tejo. Cria uma humanidade onde há uma angustia riscada de gritos e risadas e de uma troça orgulhosa e livre.

Revela-se explosivamente Assumpção com três telas de um ágil e inteligente abstraccionismo com humanidade e uma lógica prodigiosa, coesas e sombrias. «Meditação» é denominada por uma mancha de melancolia. «Génesis» é gritante e poderoso. Um vermelho baco, sombrio, é o meio onde Julio Resende ergue um símbolo a tocar a fronteira do figurativo.

António Areal descreve-nos o seu mundo fendido amontoado e gráfico, dando-nos uma sugestão de profunda angustia e humanidade nas suas escarpas aparentemente ausentes da vida mas suspensas num espaço do interior e psicológico. Bartolomeu Cid mostra-nos o seu universo nocturno e silencioso, onde ardem luzes mortas e se erguem homens mudos. «O Banquete» é das coisas mais terríveis que temos visto, síntese e acusação, com a morte toda metida dentro da vida e uma não-possibilidade de soluções solenemente anunciada e explicada. Francisco Relógio é o barroco substantivo, o barroco onde não há objectivo, inutilidade, vazio. Relógio acumula substantivos, afirmações, factos. Os seus desenhos são maciços e tensos. Luís Jardim viaja no seu universo de sombra, de grotesco e nudez. As suas duas «Desintegrações» são a solução lógica e angustiante de um problema que é posto e resolvido.

Numa linguagem sangrenta e satírica, Luís Jardim vai ao nó do problema e põe os homens nus, massacrados, completa e irremediavelmente perdidos.

Alice Jorge atingiu um apuro técnico e uma facilidade que lhe permitem elegância numa humanidade quieta, dócil, triste. João Abel Manta traduz-se em termos abstractos e, é claro, equilibrado e sensato. Cremos que não é este o seu caminho ou, pelo menos, não é o seu caminho mais importante. Hogan expõe um óleo de um verde áspero e rude, com volumes bem distribuídos e uma força contida. José Julio explica-se, atinge o resultado da sua problemática abstracta, expondo desenhos frágeis. Mário de Oliveira construiu uma «Paisagem» de uma terra queimada e fulva contida nas linhas de uma equilibrada composição. Rui Filipe joga com volumes em «Fábricas», orde-

na-os sábiamente e cobre-os de uma mancha crepuscular e impressionante.

Rolando Sá Nogueira expõe uma litografia e uma água-tinta mantendo-se fiel à sua temática e técnica. Nikias Skapinakis, inexplicavelmente, apresenta um «gouache» a escorrer lassidão, tédio e desistência. José Escada, personalidade artística interessante, podia muito bem não se ter apresentado com aquele «Desenho».

Eduardo Viana converte a sua «Cadeira Vermelha» num «tour de force» e dá-nos uma breve, clara e lucida lição de técnica e de equilíbrio de massas.

A Sociedade Nacional de Belas-Artes penetra com firmeza na actualidade. Este 1.º Salão de Arte Moderna é significativo e marca uma viragem. A S. N. B. A. dá um salto de cinquenta anos quebrando todos os «records». Agora que aí a temos respirando o oxigénio (natural e não em balões) e convivendo com uma Europa-58, não permitamos que regresse às páginas esbatidas, tristes e pálidas da «Illustração Portuguesa». — P. F.

O PORTO pelo telefone

Desastre no trabalho

PORTO, 18 (pelo telefone) — Quando trabalhavam na abertura de uma trincheira, na Avenida da Boavista, por se terem desprendido algumas pedras, ficaram feridos os operários David dos Santos Godinho, de 43 anos, Manuel Oliveira Ferreira, de 20 anos, Manuel Oliveira Costa, de 29 e Agostinho José Vieira, de 61.

Os feridos foram conduzidos ao Hospital de Santo António, onde só o último ficou internado, por ter sofrido fractura da bacia.

Atropelamento

Na Rua da Torrinha, uma furgoneta, conduzida por Julio Diamantino de Sousa, atropelou o menor José António Gomes Teixeira, de 4 anos, residente naquela artéria.

A criança foi conduzida ao Hospital de Santo António, onde ficou internada, com fractura de uma perna e ferimentos na cabeça.

CARTAZ DO PORTO

para amanhã dia 19

COLISEU — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O homem que não queria matar».
RIVOLI — As 21 e 45 — «Os dez mandamentos».
SA' DA BANDEIRA — As 21 e 45 — A revista «Vira o disco».
BATALHA — As 21 e 30 — «Jovens maridos».
TRINDADE — As 15 e 30 e às 21 e 30 — «Monptis».
OLIMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O grande clínico».
NUN'ALVARES — As 21 e 30 — «Amar não é pecado».
AGUA DE OURO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Incógnito».
S. JOÃO — As 21 e 30 — «Noites de Cabília».
JULIO DINIS — As 21 e 30 — «A 23 passos do abismo».
VAL'E FORMOSO — As 21 e 30 — «Daqui fala o morto».

Abastecimento de peixe

Vindos de Cabo Branco, chegaram ao cais do Mercado de Santos, os arrastões «Santa Fé», e «Abalada», respectivamente, com 85 e 130 toneladas de peixe, entre as quais vieram 126 de marmota e 28 de chucho. Por sua vez, o «Alfeite» vendeu 2.521 caixas, no total de 103 toneladas, que renderam 503.395\$00.

Para a pesca larga hoje o «Arrentela» e, amanhã, o «Bárbara Barata».

FOI DESVENDADO O MISTÉRIO

“TAMAR”

OIÇA, HOJE, «MISTÉRIO DESVENDADO»
às 22 horas, em Rádio Club Português
às 23,05, no Club Radiofónico de Portugal
Uma realização BELARTE

Uma produção LEITE PEREIRA

SEMPRE O
MELHOR EM
MUSIC-HALL

Pasapoga

TELEF. 23584
AV. DA LIBERDADE, 137
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

NOVOS NÚMEROS POR TODO O ELENCO

COM O EXTRAORDINÁRIO E ESCULTURAL

BALLET OLYMPIA GIRLS

8 beidades num conjunto de intensa fascinação
Uma atracção com várias facetas de espectáculo

A NOTÁVEL
PARELHA

HERMANOS ANTUNEZ EM BAILE
ESPANHOL

EM PLENO
TRIUNFO

BALLET ROSALIN ROY

Permanente musica
de baile por

SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

LUSO

Tel. 32889

PALACIO DE S. ROQUE — Animador Filipe Pinto

HOJE — NOITE MARIALVA com uma parada de fadistas do Luso e os castiços CARLOS RAMOS — MARIA ALBERTINA — FERNANDO FARINHA — MANUEL DE ALMEIDA — CARLOS DUARTE — e os jovens Alfredo Duarte Junior e César Morgado. Fim de Festa com o cantor SÉRGIO — TONI ARANTES e o sério-cómico JOAQUIM CORDEIRO. Atracção — ZURQ e sua filha LENITA em maravilhosos trabalhos de ilusionismo e mentalismo. AMANHÃ — Grandiosa «matinée».

Entrada — Preço popular Adultos — 17 anos

CAFÉ CHAVE D'OURO Salão de Chá

das 17,30 às 20
e das 22,30 às 3,30

Musica de dança
pelo dinamico conjunto
«VERA CRUZ»
Com o vocalista
JULIO AMARAL

Maiores de 15 anos

Em ALAR e «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixos» vendem-se na Agência Cultural, Avenida Combatentes da Grande Guerra.

Finalmente AMANHÃ
MAR BRAVO?

Em ALTER DO CHÃO o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixos» são vendidos por José Nunes Barros.

VIOLA

CASA DE
CELESTE
RODRIGUES

FADOS
E
CANÇÕES

R. Taipas
(Maiores)

MARIA VITORIA

A's 20.30 e 22.45 (Adultos—M/ 17 anos)—Emp. «E. Salvador e Rui Martins Ld.»

EM PLENO ÊXITO
O NOVO ESPECTACULO DE
SALVADOR

A REVISTA POPULAR
**POR CAUSA
DELAS ...**

com
BIBI FERREIRA
ANTÓNIO SILVA
BARROSO LOPES
HUMBERTO MADEIRA
MIMI GASPAR
e a grande atracção
PERLA CRISTAL
com **EL BEBO**

AMANHÃ
ESP. A TARDE AS 16 HORAS

TEXTRO MONUMENTAL

Emp. LAURA ALVES / T. 55133
Adultos M/17 anos
HOJE, às 21.45 h.

O CARTAZ DE LISBOA



16.
A
SEMANA

* **LAURA ALVES** *
NO SEU MAIOR ÊXITO

A Rainha do Ferro-Velho

com
* **ASSIS PACHECO** *
A frente dum notável elenco

Amanhã, esp. à tarde às 16 h.
Suspensas às entradas de favor.

A seguir: a peça de Colette
«GIGI»
Com um sensacional elenco
de estrelas

Vida musical

Círculo de Cultura Musical

A temporada do Círculo de Cultura Musical vai ser inaugurada na segunda quinzena de Novembro, com o reaparecimento de Gleb Akselrod, o pianista russo que alcançou brilhantemente o Prémio Fundação Gulbenkian, no Concurso Internacional Viana da Mota. Durante a temporada, o Círculo trará a Lisboa um outro famoso pianista, o conhecido Cláudio Arrau.

PIANOS

Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO
PEREIRA & C.
Rua do Carmo 11

MAXIME

**PLENO
ÊXITO**

NOVA GERÊNCIA

Dancing

da
musica moderna
italiana
executada por:

LOUIS ANTICO

E SEU CONJUNTO, com o cantor RENATO ESPOSITO

NO PROGRAMA DE MUSIC-HALL:

MAUREEN FRANKS

e o seu «TROMPETE» DE OURO

MARIA DEL SOL

vedeta de baile espanhol

Esplanada do Rato?

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
4 da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Restaurant-Bar Hotel Cibra

TELEFONE 061811 * ESTORIL

SITUADO NO SÉTIMO ANDAR COM MARAVILHOSO
PANORAMA SOBRE O MAR

TODOS OS DIAS: ALMOÇOS * CHAS * JANTARES

SERVIÇO À CARTA OU MENU * SERVIÇOS DE CASAMEN-

TOS, BANQUETES, COCKTAIL'S PARTY

Direcção de FERNANDO SANTOS e TONY BRITO

RITZ CLUB

Adultos — Maiores de 17 anos

MUSICA DE BAILE POR
VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALÃO TÍPICO:
NOTÁVEL SERVIÇO DE CEIAS
COM FADOS E GUITARRADAS

OS ÊXITOS DE
MAIOR SENSACÃO

A ESCULTURAL VEDETA
CHIQUE RODRI
EM VIBRANTES SAPATEADOS

**TONI
RODRI**
em lindas canções

HERMANOS SACROMONTE
LOLITA CRUZ
ESTRELLITA ALCAZAR

HOJE

2.ª-FEIRA: ESTREIA
EXCEPCIONAL:

**MARLA ET
MIKYES**

UMA PARELHA ACROBATICA
DE FAMA MUNDIAL

MUITO BREVE:
5 ESTREIAS DE
ALTA CLASSE

Leiam o «SEMPRE FIXE»

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ
TEL. 27171

15-18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
3.ª SEMANA
Um filme passado
na Rússia dos cza-
res, um conflito po-
deroso e paixões ardentes

OS IRMÃOS KARAMAZOV
com Yul Bryner, Maria Schell e Claire
Bloom

EDEN
TEL. 20768

15.30 - 18.30 e 21.30
3.ª SEMANA
a obra de Erich
Remarque

**TEMPO PARA AMAR
E TEMPO PARA MORRER**
Em Cinemascope
Um violento romance de amor
Adultos — Maiores de 17 anos

CONDES
TEL. 22523

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Um dos maiores
rasgos da audácia
humana que atrapa-
a os nervos

OS CARRASCOS DO MAR
com Victor Mature, Koren Steele
e James Olson

AVATARE
Telefone 763080

15 (p. r.) e 21.30
(M/17 anos)
3.ª SEMANA
Um filme de paixões
tumultuosas e
amores ardentes

OS IRMÃOS KARAMAZOV
com Yul Bryner, Maria Schell e Claire
Bloom

AVIS
Telefone 47163

15.30 - 18.30 (p. r.)
e 21.45 (M/12 anos)
6.ª SEMANA
O mais belo roman-
ce musical

A RAPARIGA DAS VIOLETAS
com Sara Montiel e Raf Vallone

TIVOLI
TEL. 50595

A's 3 e 6.15 da tar-
de (p. r.) e 9.30 da
noite (M/17 anos)
Gary Cooper
no grandioso filme
Cinemascope

**O HOMEM QUE QUERIA
SER AMADO**

A vida secreta dum lar como tantos!
Amanhã às 11 h. — S. Clas. «Mulheres
sem passado» — (M/17 anos)

BOLEMA
TEL. 26301

15, 18.15 e 21.30
2.ª Semana trienal
com o extraordiná-
rio filme de «ara en-
vergadura» espec-
tacular em Cinemascope

O BAILE DOS MALDITOS
c/ Marlon Brando e Montgomery Clift
(Adultos — M/17 anos)

MONUMENTAL
TEL. 55131

15.15 e 21.15
(M/12 anos)
2.ª SEMANA
Um romance envol-
vível de grandes
conflitos e paixões

A ARVORE DA VIDA
c/ Montgomery Clift e Elisabeth Taylor
Cinemascope e Technicolor

ROYAL
TEL. 845037

A's 21 (M/12 anos)
Cinemascope
OKLAHOMA
com Shirley Jones
O círculo de ferro

RESTELO
Telefone 610375

21.15 (M/17 anos)
Cinemascope Techn.
**O ADEUS
AS ARMAS**
com Rock Hudson

**CINEMA
IDEAL**
Telefone 24194

A's 21 (M/12 anos)
**BAIONETAS
CALADAS**
Prisioneiros
na Mongólia

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)

**HOMENS
E TUBARÕES**
com Dan Dailey

IMPERIO
Tel. 55134-5

A's 15 e 21 h.
(M/12 anos)
3.ª SEMANA
O maior aconteci-
mento da história
do cinema

OS DEZ MANDAMENTOS
de CECIL B. DE MILLE
com um elenco fabuloso
— Rigoroso Exclusivo —

SÃO JORGE
BALCÃO 54154
PATEIA 54153

A's 15.15, 18.15
e 21.30 (M/17 anos)
A delinquência juve-
nil em toda a sua
dramática realidade

Stanley Baker — Peter Cushing — Anne
Heywood — David Mc Callum

ESCOLA DO CRIME
Um filme que vem na hora própria!

ROMA
Telefone 727778

15.30 - 18.30 (p. r.)
e 21.45 (M/17 anos)
Uma comédia que
vai ficar célebre

NATHALIE
com Martine Carol e Mischa Auer

ODEON
Telefone 26283

15.15 - 18.15
e 21.30
2.ª SEMANA
Arturo de Cordova
e Amparo Rivelles
em

A FERIDA LUMINOSA
Um conflito de paixões num ambiente
de amor, ódio e orgulho
EASTMANCOLOR — (M. de 17 anos)

LI2
TEL. 48580

A's 21 (M/17 anos)
Cinemascope
**O ADEUS
AS ARMAS**
AVENTURA EM CAPRI
O valente raposo

CARRASCO
TEL. 20817

As 21 (M/17 anos)
**O ÚLTIMO
COUPLET**
O grande bluff

**NO COLISEU**

P.ª m. de 17 anos
GIUSEPPE BASTOS apresenta em DESPE-
DIDA da COMPANHIA BRASILEIRA DE
REVISTAS a incomparável revista popular
HOJE, sábado, em 2 sessões às 20.30 e 22.45
e **AMANHÃ**, domingo, à tarde, às 16 horas
e à noite, às 20.30 e 22.45 h. em ultimas
e definitivas representações

**FOGO NO
PANDEIRO**

A PREÇOS POPULARES, GERAL: 7550
APROVEITE QUEM NÃO VIU!
ESTE É O ADEUS A LISBOA DO MAIOR
ÊXITO TEATRAL DOS ÚLTIMOS ANOS!!!

CIRCO

6.ª-FEIRA, 24
INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA
Atracções de todo o Mundo no melhor espec-
táculo dos espectáculos
AOS DOMINGOS: 2—ESPECTACULOS—2

LIDO

SANTO AMARO DE OEIRAS (Em frente da praia)
Brevemente: Inauguração da **EPOCA DE INVERNO—BOITE**
e VARIEDADES

Almoços, Jantares e Ceias à lista e mesa redonda
Salas reservadas para Lanches e Banquetes — Tel. 043094

Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!

Dizem os leitores...

Corre-se perigo no Largo de S. Sebastião da Pedreira

No Largo de S. Sebastião da Pedreira, falta um polícia que regularize o trânsito. A confusão, a velocidade causam alucinações. E hoje o local é frequentadíssimo por crianças de 10 a 12 anos que, não tendo lugar no Liceu D. Filipa de Lencastre, têm de ir às aulas nas instalações junto da Avenida Ressaio Garcia.

Lembra-nos o nosso leitor sr. J. C. Nunes:

«O movimento de automóveis é tremendo e as pobres crianças, a não ser aqueles que têm quem as acompanhe, vêm-se medonhamente atropalhadas, para poderem atravessar».

Ontem, ao passar ali, presenciei a seguinte ocorrência—isto pelas 16 horas, quando as crianças saíam do liceu: muitas, dezenas queriam atravessar o largo, mas o movimento era de tal forma intenso, que não o conseguiam e choravam.

Os táxis caminhavam de vagar, mas os automóveis particulares iam com excessiva velocidade—o costume—e a ponto de uma senhora que conduzia duas crianças gritar, pedindo socorro. O automobilista não parou porém, e disse:

«Os automóveis fizeram-se para andar nas ruas, e quem os não tem não sai de casa».

Não há ali sinalero, apesar de ter sido pedido várias vezes.

Sómente junto da linha de Benfca—lembra o nosso correspondente—há um mas este fica muito distanciado do Largo de S. Sebastião.

A sinalização nas imediações da escola Marquesa de Alorna

Ainda outro leitor que, recordando o triste destino da menina, estudante do liceu, há dias vítima de um lamentável acidente de trânsito, nos vem recordar as condições em que as crianças das escolas têm de atravessar as ruas. São lançadas, como aveíças, para a confusão e, à volta dos edifícios escolares não são tomadas cautelas. O trânsito não é regulado tendo em conta a sua frágil experiência; não há polícias de trânsito que obrigando a respeitar as leis da circulação, as ajudem a circular.

Pois, brevemente — recorda o nosso leitor, sr. Julio Pinto Leite — vai reabrir uma nova escola técnica elementar, a de Marquesa de Alorna. Será necessário chamar a atenção de quem de direito, de que é muito perigoso pôr as crianças a atravessar as artérias Avenida de Berna, Sete Rios e outras partes do Bairro Azul?

Não é apenas o Largo de S. Sebastião que necessita de um sinalero, atento às crianças; é preciso que as imediações da Escola Marquesa de Alorna sejam devidamente protegidas. Muitos pais ficarão gratos. A segurança de seus filhos — talvez a sua vida — reclamam-no.

Visita às instalações

da central pasteurizadora pelos subdelegados de Saúde

Os médicos que frequentam o XIV Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de Saúde visitaram, esta manhã, as instalações da Central Pasteurizadora de Lisboa, onde foram recebidos pelo respectivo director, sr. dr. Inácio dos Santos. Durante mais de duas horas, os visitantes percorreram as diversas secções da Central, desde a recepção até à expedição, passando pelos serviços de lavagem de garrafas, enchimento e pasteurização, bem como pelo laboratório.

A tarde, o Curso prosseguiu, no Instituto de Higiene Dr. Ricardo Jorge, com uma lição sobre «As actividades do Serviço de Salubridade nos últimos anos», pelo dr. Eugénio da Rocha Santos.

Trágica derrocada quando se festejava um casamento

PINEGROVE (Luisiana), 18.—Durante o baile, que se seguiu a um casamento, abateu o soalho da casa onde se festejava a boda. Morreram duas pessoas e ficaram feridas dezasseis, algumas das quais gravemente.

A casa, estava cheia e a derrocada deu-se subitamente, sendo todos os convidados arrastados na queda. — (A. N. I.).

A abertura das aulas no Colégio Militar

(Continuação da 1.ª página)

deiro Raul Pereira de Castro e major Alcide de Oliveira, respectivamente, director e subdirector do Colégio Militar; professores e oficiais em serviço no colégio e representantes da Associação dos Antigos Alunos.

O batalhão escolar apresentou as honras do estilo. Depois, o sr. almirante Américo Tomás subiu a um pequeno estrado armado à entrada principal do colégio, no interior do gradeamento, de onde assistiu ao desfile em continência, do batalhão. Nota curiosa: o comandante do batalhão é o aluno Luís Reis Tomás, sobrinho-neto do Presidente da República.

O sr. almirante Américo Tomás, terminado o desfile, dirigiu-se à sala da direcção, onde lhe foram apresentados os professores e oficiais que prestam serviço no colégio, seguindo dali para o ginásio, onde já se encontravam as entidades atrás referidas, os alunos e suas famílias. Um pelotão de alunos do 7.º ano prestou honras dentro do salão. Os restantes alunos deixaram as armas fora do ginásio.

Aberta a sessão solene, usou da palavra o sr. brigadeiro Raul Pereira de Castro, que saudou o sr. Presidente da República e as altas entidades. Depois, congratulou-se com o facto de os resultados obtidos no colégio no ano escolar transacto terem sido muito lisonjeiros. Como director do Colégio Militar — disse — competia-lhe fazer uma resenha das actividades do ultimo ano, mas, como tomara posse do cargo ainda há mês e meio, estava inibido de o fazer. Podia afirmar, todavia — accentuou — que os resultados obtidos se deviam à dedicação e à competência do pessoal de professores em serviço no colégio há mais de quinze anos. A propósito salientou o valor da orientação pedagógica e o carinho que sempre dedicou ao estabelecimento o seu antecessor, sr. coronel Bastos de Carvalho.

Referindo-se às novas instalações, que iam ser inauguradas depois daquela sessão, o director disse que elas representavam um merecido prémio do Governo para aquela instituição, que formara e dera ao País durante mais de século e meio homens de grande valor que muito contribuíram para o engrandecimento da Nação.

A concluir, o sr. brigadeiro Raul de Castro disse que a obra de renovação material do Colégio Militar deveria ser completada com a construção de um novo corpo de aulas em substituição do actual.

Em seguida, foi concedida a palavra ao professor capitão dr. Pontes Carreira, que proferiu a oração, de abertura dos trabalhos escolares, subordinada ao título: «O valor do ensino das línguas vivas».

A sessão solene terminou com a tradicional distribuição de prémios escolares aos alunos que mais se distinguiram no ultimo ano lectivo. O sr. almirante Américo Tomás entregou pessoalmente os prémios.

A inauguração do novo internato

A inauguração oficial do novo edifício do internato do Colégio Militar decorre à hora a que fechamos o nosso jornal. O batalhão de alunos

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até às 15 horas: máxima, 24,2; mínima, 15,3. No mesmo dia do ano passado: máxima, 23,9; mínima, 16,1.

— Temperaturas observadas às 9 horas, na Costa do Sol: na atmosfera, 21,4; na água do mar, 15,7.

nos voltou a formar desta vez na nova e ampla parada, em frente do grande edifício do internato, que tem 10.950 metros quadrados de área coberta. No mastro de honra da parada, que se eleva de um plinto de pedra, foi içada a bandeira nacional com todas as honras. O aluno Sousa Lobo fez a subir ao topo do mastro.

Depois, um aluno dos mais novos — Botelho Sebastião — ofereceu a chave do novo edifício ao sr. Presidente da República, considerando-se assim inaugurado, simbolicamente, o magnífico internato, que o sr. almirante Américo Tomás e restantes convidados estão a visitar, pormenorizadamente, à hora a que escrevemos.

Em data oportuna, o «Diário de Lisboa» publicou um reportagem sobre a construção do novo internato do Colégio Militar, cujo projecto é da autoria do arquitecto José da Costa e Silva. O edifício custou 18 mil contos.

Continuam presos os dois contrabandistas detidos perto da Moita

Começa já a levantar-se o véu que encobria o caso de contrabando ocorrido na Moita.

Os assaltos verificados ultimamente naquela vila concorreram para a descoberta de mais esta manigancia dos contrabandistas. Assim, na madrugada do passado dia 8, foram ali vistos, estacionados em ruas escuras e muito escuros, dois automóveis desconhecidos quer dos habitantes das referidas artérias, quer ainda de quatro indivíduos que por elas transitavam. Foram estes que, recendo «atar-se de mais outra manobra dos larapios, preveniram o posto da G. N. R.

Os trabalhos da conferência da Propriedade Industrial

Na Feira das Industrias Portuguesas, quatro das cinco comissões da Conferência Diplomática de Lisboa, continuaram hoje as discussões sobre os diversos pontos para a revisão da Convenção de Paris.

A primeira comissão prosseguiu no estudo das propostas de reorganização administrativa e financeira da União; a segunda comissão examinou diversos textos preparados pelo seu «comité» de redacção, no que se refere ao direito dos Estados tomarem medidas legislativas, prevendo a concessão de licenças obrigatórias a fim de acautelar os abusos que possam resultar do exercício do direito exclusivo conferido pela patente; a quarta comissão terminou os debates sobre o novo arranjo para a protecção das denominações de origem, cujo texto definitivo está praticamente adoptado; e a quinta deu por findas as suas discussões sobre o melhor aperfeiçoamento da protecção das obras de arte applicadas de desenhos e de modelos industriais.

Na AMADORA o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Tabacaria Dina

Desta vez o burlado andou com sorte

As brigadas móveis da secção Central da Polícia Judiciária nas suas habituais rondas de prevenção e repressão de criminalidade, prenderam em flagrante delicto os conhecidos burlões António dos Santos Nunes e Manuel Gonçalves de Graça, os quais, em pleno dia, na Praça D. Luís, pretendiam levar a cabo mais uma das suas habituais proezas pelo processo do vigésimo premiado.

Como habitualmente, a vítima era um provinciano recém-chegado a Lisboa, que muito ingenuamente se preparava para fechar o grande «negócio». A presença inesperada dos agentes da P. J. salvaram o provinciano.

Os detidos não tiveram outro remédio senão confessar a falta cometida, sendo-lhes apreendido um vigésimo da extracção de 19 de Setembro ultimo com o numero 22.757 e um papel com os três primeiros prémios da referida extracção, em que aquele numero figurava como premiado com a «sorte grande».

Pequenas notícias

PELA POLICIA

ENVIADOS A TRIBUNAL — A Polícia Judiciária concluiu e enviou ao Tribunal da Boa-Hora um processo em que são arguidos Manuel Duarte Martins e Cécilio dos Santos Ramos, autores de vários assaltos a estabelecimentos da capital, como o «Diário de Lisboa» oportunamente noticiou.

Figura, ainda, no referido processo, como arguido, o receptor Jaime Firme Ferreira Pardal, que ao saber da prisão dos referidos cadastros se ausentou para parte incerta.

O valor total dos vários furtos eleva-se a cerca de 10.000\$00. A quase totalidade dos objectos furtados foi, porém, apreendida.

PELOS HOSPITAIS

QUEDA MORTAL — No Hospital de S. José, onde entrara há dias, vítima de queda, faleceu Maria Conceição do Carmo, de 63 anos, moradora na Rua de S. Bento, 283, 3.º.

MORREU NA TRANSFERENCIA DE HOSPITAL — Ao Hospital de S. José chegou já morto Manuel Nunes Gil, de 47 anos, jornalista, natural de Vale Prazeres, Fundão, que vinha transferido do Hospital do Cadaval.

DESASTRE NUMA MINA — No Hospital de S. José deu entrada Francisco Valadas Sequeira, de 34 anos, atingido por desprendimento de pedras na mina de Loural, Grandola, onde trabalhava. Sofreu fractura da coluna vertebral.

FERIU-SE NUMA FOICE — Na sala de observações do Hospital de S. José deu entrada António Joaquim Alves, de 3 anos, de Carvalho Formoso, Belmonte, que se feriu ao pisar uma foice, e sofreu graves ferimentos nos pés.

DA JANELA A RUA — Na mesma sala de observações deu entrada Maria Filomena Carneiro Sousa Domingues, de 23 anos, que em Cascais caiu da janela de um 1.º andar à rua, e sofreu fracturas e ferimentos.

ESCUTISMO

Amanhã, os Lobitos de Lisboa concentrar-se-ão no Externato Marista, à Rua de Artilharia Um, para festejar o seu santo patrono (S. Francisco de Assis) e iniciar as actividades previstas para o ano escutista de 1958-59. Esta concentração será precedida da assistência à missa, em conjunto, na basílica da Estrela.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Hoje, à noite, effectuam-se bailes na Associação de Beneficência Luís Braille, na Academia 1.ª de Dezembro de 1867 e na Sociedade Alunos de Apolo.

Amanhã, à tarde, haverá reuniões dançantes na Casa do Alentejo, Casa da Comarca de Arganil e na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um cão, um estojo de «café», um tampão para roda de automóvel, dois tampões para depósito de gasolina, um aro para roda de automóvel, uma chapa de registo de moto, três pastas, três malas, um porta-moedas, uma certidão de nascimento, um véu, um bloco, um rosário, um relógio, uma nota do Banco de Portugal, uma carteira, uma chave, uma caixa, um maço de algodão, uma camisola, uma cédula pessoal, duas luvas, várias argolas com chaves e uma revista.

Mortos e feridos

em dois desastres na via férrea

DENVER (Colorado), 18 — Morreram 8 pessoas e 15 ficaram feridas, quando um autocarro foi colhido por um comboio de mercadorias; numa passagem de nível, próximo desta cidade.

O veículo ficou destruído e alguns vagões da composição desarrilharam. — (A. N. I.).

BELLAIRE (Michigan), 18 — Faleceram feridas dezasseis pessoas, e a consequência do choque entre um camião e um comboio, na passagem de nível desta localidade.

O condutor do veículo e três passageiros do comboio foram hospitalizados em estado grave. — (A. N. I.).

FOI DESVENDADO O MISTÉRIO

“TAMAR”

OIÇA, HOJE, «MISTÉRIO DESVENDADO»

às 22 horas, em Rádio Club Português

às 23,05, no Club Radiofónico de Portugal

Uma realização BELARTE

Uma produção LEITE PEREIRA

DESSPORTOS

NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

Benfica-Belenenses

acontecimento dominante de uma jornada que poderá "revolucionar" a marcha do campeonato

A 6.ª jornada do Nacional da 1.ª Divisão engloba jogos cujos resultados talvez venham a ter a maior influência na marcha do campeonato. Três «grandes» figuram no cimo da tabela de classificação — Benfica, o «leões», com 8 pontos; Belenenses e F. C. do Porto, com 7. O Sporting — o outro «grande» — persegue um lote de concorrentes com 6 pontos: Braga, Setúbal, C. U. F. e Guimarães. Depois dos encontros da próxima jornada, bem poderá ser, pois, que se registre uma «revolução» no desenrolar dos acontecimentos.

Na Luz: Benfica-Belenenses; nas Caldas da Rainha — o F. C. do Porto. Quer dizer: a prova poderá conhecer outro — ou outros — «comandantes», se o Benfica não conseguir o triunfo que lhe permita reforçar a posição de guia.

O Belenenses, embora pareça dispor agora de um mais eficiente quinteto ofensivo, terá de acautelar a defesa ante uma equipa que no seu meio se tem feito recomendar por um sólido conjunto propiciador, de notável força atacante. Formase, por conseguinte, a ideia de que a insistência ofensiva dos Benfiquistas responderão os Belenenses com vagas de contra-ataques quanto possível gizadas de surpresa e mercê dos rasgos individuais deste ou daquele; e ainda de que os compartimentos defensivos, mais o dos «azuis», terão bichados problemas a resolver, mas que os dianteiros estarão especialmente em foco. Desfrutando de favoritismo, o Benfica terá de contar, no entanto, com um adversário bem apetrechado e já por demais habituado a não ceder facilmente no Estádio da Luz.

Também no seu ambiente o Caldas S. C. se tem comprazido em dificultar ao máximo a tarefa do F. C. do Porto e tudo indica que irá repetir-se de novo o caso. Para mais, os Caldenses, que no Restelo arrancaram um empate ao Belenenses e que no seu campo impuseram outro ao Benfica, exibem agora uma desenvoltura mais produtiva no que se relaciona com os processos de organizar contra-ataques. Os Portistas querê-lo, evidentemente, precaver-se contra qualquer percalço desagradável, mas o certo é que irão medir forças com um adversário tradicionalmente difícil, parecendo-nos que o factor sorte influirá muito no resultado da partida.

A 6.ª jornada comporta outros encontros susceptíveis de atrair também as atenções gerais: Guimarães-Setúbal, Académica-Braga e C. U. F.-Lusitano, no campo dos primeiros. Os dois vitórias estão até à altura de na cidade minhota realizar exibição sumamente agra-

dável. Embora seja de admitir naqueles jogos sensível equilíbrio de forças, a verdade é que os «teams» visitados têm mais ao seu alcance o triunfo.

A situação ingrata e inquietante, que ora se depara à Académica, deverá arrastá-la a um redobrar de esforços que poderão ser coroados de êxito, pois, a despeito da vontade que também aplicará na luta, não nos parece que o Sporting de Braga se encontre à altura de em Coimbra contrariar a disposição dos estudantes.

Esta noite, em Alvalade, o Sporting defronta o Torriense, que procurará dificultar grandemente a acção dos «leões». A curiosidade principal incidirá, no entanto, no comportamento dos Sportinguistas. Será de categoria e de molde a tranquilizar os seus inúmeros adeptos? Conseguirá satisfazer quem goste de ver em acção jogadores de invulgar recursos técnicos, que só por si justificam grandes afluências de bilheteira?

Por fim, na Covilhã vão lutar dois clubes que estão desamparados no último lugar: o Sporting local e o Barreirense. Favoritos? Os Serranos, porque jogam em casa e porque dispõem de equipa mais homogênea.

NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO

Expectativa na Zona Norte e calma na Zona Sul

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão tem amanhã a sua sétima jornada, o que quer dizer que a primeira metade da primeira volta ficará concluída.

Embora as possibilidades das equipas se apresentem, de certo modo, definidas, não restam dúvidas de que a competição continuará a suscitar o maior interesse, com cada uma das equipas a pretender adiantar-se às restantes, de olhos postos no primeiro lugar.

Na «ronda» de amanhã, o torneio da Zona Norte reveste-se de muito maior expectativa do que o da Zona Sul, onde reinará certa calma.

Vejam, entretanto, o que nos reserva a jornada de amanhã.

O programa da Zona Norte inclui os seguintes desafios:

Boavista (9)-Oliveirense (11)
Leixões (10)-Salgueiros (6)
Vila Real (5)-Marinhense (8)
Gil Vicente (2)-Chaves (9)
Spt. Espinho (3)-Peniche (6)
Vianense (4)-Tirsense, 5
Sanjannense (6)-Portalegrense (0)

Entre parentesis indica-se a pontuação de cada uma das equipas.

Os dois primeiros destes encontros revestem-se da maior importância, pois joga-se neles para o primeiro lugar da classificação, além de que estão em campo as três melhores equipas da Associação do Porto e a Oliveirense, justamente considerada a revelação deste ano. O guia da classificação tem tarefa bastante difícil, que exige uma aplicação de todo o seu conhecimento.

Ajudauto, L. da

PRONTO SOCORRO

de automóveis de qualquer parte

— do País —

TODOS OS DIAS E A TODA A HORA

INCLUINDO DOMINGOS
R. Damião de Góis, 18-B a 18-E
a Algés — T. 610051



GONÇALVES

ção constante; a perspectiva é, portanto, de um desafio bem disputado, de resultado nivelado e de difícil vaticínio. O Leixões recebe um Salgueiros disposto a dar tudo por tudo para vencer; todavia, não parece temerário conceder favoritismo aos Matosinhenses, a espreita dum deslize da Oliveirense para passarem ao primeiro lugar. O jogo de Vila Real, também, oferece motivos de agrado, pressentindo-se equilibrado, tal como o de Espinho e o de Barcelos. Restam os de Viana do Castelo e de S. João da Madeira, em que os visitados são favoritos.

* * *

Na Zona Sul, disputar-se-ão os seguintes encontros:

Atlético (10)-Estoril (8)
Oriental (5)-Farense (4)
Coruchense (4)-Arrols (5)
Serra (4)-Sacavenense (5)
Juventude (6)-Almada (6)
Portimonense (6)-Beja (4)
Olhanense (9)-Montijo (8)

(Continua na 11.ª página)

Várias provas de amanhã

ATLETISMO

Treze clubes, representados por cerca de meio milhar de rapazes, principiam a disputar amanhã, às 9 horas, no Estádio «José Alvalade» um torneio de atletismo de boas tradições, denominado «Primeiro Passo». A organização pertence ao Sporting e tem o patrocínio do «Mundo Desportivo», estando o programa constituído pelas eliminatórias das provas de 80, 250, 700 e 2.000 metros, lançamento de peso e saltos em altura e comprimento.

CICLISMO

Com a participação dos melhores corredores do Benfica e do Sporting, a Associação de Ciclismo do Sul faz disputar amanhã o Campeonato regional de fundo, por equipas.

A prova é disputada num percurso de 150 quilómetros, entre o Estádio «José Alvalade» (rua a Sul) e a Avenida Rio de Janeiro, com passagem por

«REGIONAL» DE BASQUETEBOL

Vitórias dos grupos visitantes com distinção para o trio Sporting, Bentica e Belenenses

Tabacos, 60-Benfica, 76
Nacional, 29-Queluz, 41
Atlético, 47-Sporting, 73
C. Ourique, 39-Belene., 71

Na 2.ª jornada do «regional», as vitórias do Sporting, Benfica e Belenenses, foram, por assim dizer, naturais, mas, já o mesmo se não pode afirmar quanto ao êxito da equipa do Queluz A. C., aliás justificado e merecido, e devido, sem dúvida, à força de vontade revelada pelos seus elementos, e, sobretudo, pela excelente capacidade do jogador norte-americano, Dean.

O Tabacos demonstrou que pode fazer algo de notável, utilizando os dois lanques, que alinham no seu quadro.

O Nacional «viveu» mais uma vez dos seus dois elementos mais representativos—Domingues e Hugo. O Atlético, ainda sem estilo definido, procurou jogar no ritmo do contra-ataque, mas, parece-nos que os seus elementos não estão preparados fisicamente para tais andanças.

O Campo de Ourique, enfraquecido com a saída de dois bons elementos, procura entre os novos acertar o passo, ainda que isto lhe possa custar bem caro.

Quanto ao Sporting, Benfica e Belenenses, a verdadeira luta ainda está por se travar.

A classificação actual é a seguinte:

Clubes	J.	V.	E.	D.	P.	Score
Sporting	2	2	—	—	—	6 168-93
Benfica	2	2	—	—	—	6 127-98
Belenenses	2	2	—	—	—	6 122-86
Tabacos	2	1	—	1	4	107-115
Queluz	2	1	—	1	4	80-76
Nacional	2	—	2	2	2	76-92
Atlético	2	—	2	2	2	85-124
C. A. C. O.	2	—	2	2	2	85-166

A vitória da equipa «encarnada» começou a desenhar-se ao aproximar-se o intervalo, depois de dominar com elevação, o impeto inicial do Tabacos, que teve no americano Delk, um excelente batalhador e em Brito o seu melhor «homem do cesto». Na segunda parte o Benfica, mais compenetrado e já em melhor estilo e com José Alberto a encostar com bom ritmo, não teve dificuldade em ganhar vantagem que se traduziu no final por uma dezena e meia de pontos.

Alinharam e marcaram: TABACOS—Delk, 13; Johnney, 7; Brito, 20; Olívio, 7; Pereira, 11 e Alves, 2.

BENFICA—Bernardo, 9; Campos, 15; Vitor Pinto, 2; José Alberto, 19; A. Henriques, 7; Julio, 8; Boavida, 6; Azeitona, 2 e Galhoz, 8.

Arbitraram: J. Policarpo e André Silva. Na equipa dos «encarnados» alinharam pela primeira vez, os ex-jogadores dos Combatentes e Carnide, respectivamente, Julio Campos e Azeitona. No conjunto do Tabacos, fez a sua estreia o americano Johnney.

///

A vitória do Queluz está certa pelo que fez para a obter, principalmente a partir do meio-tempo

da segunda parte, quando num rompante, alcançou uma margem de pontos que lhe dava confiança para prosseguir a partida no mesmo estilo.

O Queluz será, num futuro breve, uma excelente equipa.

O Nacional com o seu melhor jogador desclassificado — Hugo — deu ainda luta, mas não pôde contrariar o entusiasmo do adversário que alcançou, assim, um precioso triunfo.

Alinharam e marcaram: NACIONAL—Domingues, 4; Hugo, 13; Claudino, 3; F. Ferreira, 3; Jesus, 2; Neves, 4; Morais e Mesquita.

QUELUZ—Alexandre, 8; Inocência, 9; Orlando, 17; Dean, 2; Bandeira, 1; Apio, 4; Lemos e Cunha (ex-Sporting).

Arbitraram: A. Resende e C. Costa

Registe-se uma falta pessoal aplicada a Dean, que é contrária a todas as regras do jogo (anulação de uma jogada de encastamento? Sem qualquer contacto pessoal).

///

O Sporting venceu com facilidade o Atlético, que só pôde dar réplica de espaços a espaços. O primeiro tempo que findou com 14-35 a favor dos «leões», revelou-nos toda a gama de boas jogadas da equipa sportinguista. Na segunda parte mais repousada, os alcantarenenses, exerceram bons contra-ataques, com jogadas de ordenação perfeita.

Alinharam e marcaram: ATLÉTICO—Morga, 8; M. Costa, 18; Orlando, 3; Sousa, 7; Duarte, 4; Edgar, 7.

SPORTING—Abílio, 23; Garraha, 17; Feu, 12; José Mário, 6; José Santos, 6 e Patrício, 9.

Arbitraram: A. Figueiredo e A. Salgado.

///

A última partida da ronda disputada entre o C. A. C. O. e o Belenenses caracterizou-se pelo grande numero de faltas registadas e, ainda, pela sua velocidade, principalmente, no primeiro tempo que terminou com os «azuis» a vencer por 35-26. Na segunda parte a velocidade decaiu, quebrando o C. A. C. O. pela sua espinha dorsal e dando aso a que Franco manobrasse a vontade.

Alinharam e marcaram: C. A. C. O.—Osório, 11; Portela I, 12; Portela II, 15; Vasco, 1; Arnaldo, Pimentel, Coelho e Cunha.

BELNENSES—Franco, 36; Brito, 8; Ribeiro, 1; Fernandes; Neves, 4; Pinheiro, 5; Calado, 3 e Galinho, 2.

Arbitraram: C. Quintas e M. Gamero.

HIPISMO

O Campeonato de Portugal

conclui-se amanhã no Campo Grande

A época de hipismo de 1958 termina amanhã no hipódromo do Campo Grande, com uma jornada de maior interesse, pois inclui uma competição que pode considerar-se inédita para o público do Jockey Clube.

Referimo-nos à final do Campeonato de Portugal do Cavaleiro de Obstáculos, que teve todas as anteriores «edições» na Figueira da Foz.

A prova é sobremaneira interessante, já porque as três provas qualificativas que a antecederam devem considerar-se uma selecção de valores, já porque se exige dos finalistas (a apurar ao fim da tarde de hoje), uma demonstração de capacidade que não é vulgar, pois cada um tem de montar o seu cavalo e os dos restantes finalistas.

Completem o programa duas corridas de galope e duas de trote-atrelado. Funcionará a aposta-mutua e haverá autocarros para o transporte do público dos portões do hipódromo até às tribunas. As provas principiam às 14 e 30 horas.

(Continua na 11.ª página)



Vendeu-se por 220 mil libras (17.600 contos) este quadro de Cézanne!

Foi na célebre galeria Sotheby's de Londres que se desenrolou este histórico leilão, em que sete quadros dos pintores impressionistas Manet, Van Gogh, Renoir e Cézanne foram vendidos, numa atmosfera de curiosidade e paixão, por 781 mil libras esterlinas, soma equivalente a 62.480 contos. Escritores, artistas plásticos, expoentes da alta finança e as mais belas «elegantes» londrinas sentaram-se nas cadeiras de espaldar dourado da famosa galeria. Ali se achavam mais de 1.200 pessoas, enquanto uma multidão excitada tumultuava nos corredores de acesso. Até enfermeiras se viam a postos para socorrer as senhoras que desmaiavam.

Em menos de meia hora — 24 minutos exactamente — todas as telas foram adjudicadas, tendo sido adquiridas seis delas por compradores norte-americanos e uma única «La pensée» (o amor-perfeito), de Renoir — por um antiquário britânico. Vendeu-se por 220 mil libras (17.600 contos) o óleo de Cézanne que a nossa gravura reproduz, intitulado «Garçon au gilet rouge» (O rapaz do casaco vermelho). Em quatro minutos se operou esta prodigiosa transacção, que bate o «record» de preço em vendas de quadros atingido o ano passado em Paris por uma tela de Ganguin (104 mil libras). O rapaz do casaco vermelho pertence doravante ao negociante de quadros americano Georges Keller, proprietário da galeria Carstairs de Nova York. Estas sete telas que para a galeria Sotheby's chamaram as atenções do mundo artístico e dos grandes argonautas pertenciam à colecção de Irwin Goldschmidt, filho do milionário nova-iorquino Jacob Goldschmidt.

O barão vai casar-se com uma vítima das suas burlas

BERLIM, 18.—Autêntico descendente, por parte da mãe, do czar Alexandre I, burlão internacional que teve frequentes ajustes de contas com a Polícia, desde 1922, o barão Alexandre von Lucdinghausen, de 55 anos, foi condenado por um tribunal de Berlim-Oeste, a 3 anos e meio de trabalhos forçados. Tem no activo 27 burlas, um roubo e duas falsificações de documentos. O barão já dera que falar em 1949 quando roubou um quadro de Goya do Museu de Agen, em França. Em Novembro de 1955, era condenado em Marselha a 6 meses de cadeia. Agora, accitou a nova sentença com um gesto elegante e sóbrio. Prometeu emendar-se. Com efeito, e estado de saúde não lhe permite «viver arriscadamente».

Por outro lado, pensa em casar-se com uma das vítimas das suas burlas, uma viúva que aliviou de 5.000 marcos e que, sem rancor, lhe pagou mais tarde todas as dívidas.—(F. P.).

Finalmente AMANHÃ
MAR BRAVO?

Na AMADORA o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Tabacaria Dina.

O Pavilhão de Portugal em Bruxelas teve mais de cinco milhões de visitantes e constituiu um êxito notável para o conhecimento e propaganda do País

BRUXELAS, 18.—Mais de cinco milhões de pessoas visitaram o Pavilhão de Portugal, desde a abertura da Exposição Universal, há seis meses — revela nuna entrevista o conde de Penha Garcia, comissário-geral da representação lusitana.

Durante esse período — acrescenta — foram distribuídos, em número superior a três milhões, impressos e folhetos sobre os mais variados aspectos da vida portuguesa — turismo, indústria, territórios ultramarinos — a um público ansioso por aumentar os seus conhecimentos sobre Portugal, que através da sua brilhante e activa participação, se tornou uma realidade viva para os visitantes da Exposição, vindos de todos os pontos do Mundo. Comprova-o a medalha de ouro concedida ao pavilhão português e recebida pelo conde de Penha Garcia, na quarta-feira, como o que melhor ilustra o tema «Para um maior humanismo».

Desde o início, foi um constante desfile de personagens ilustres, entre os quais o rei Balduino e a rainha-avó, da Bélgica, viúva do rei Alberto; o ex-rei Leopoldo, a rainha Juliana da Holanda, a princesa Margarida, de Inglaterra; o chanceler Adenauer e muitos outros.

A culinária e os vinhos portugueses atraíram milhares de curiosos, que fizeram do restaurante lusitano um dos mais concorridos da Exposição.

Contudo, — sublinha o conde de Penha Garcia — foi no campo comercial que o êxito se tornou mais completo. Os negociantes belgas mostraram-se muito interessados pelos produtos portugueses, informando-se pormenorizadamente dos

artigos expostos. Muitas firmas que já mantêm relações comerciais com Portugal tiveram ocasião de apreciar, em primeira mão, os produtos mais recentes e contactar com representantes da indústria lusa.

«Penso que, desta vez, soubemos descobrir a fórmula justa» — prosseguiu. — «Pelas reacções que observamos, afigura-se-me que, na verdade, o pavilhão representa um resumo excelente de Portugal. Temos aqui muitos amigos e o acolhimento que nos foi dispensado é deveras lisonjeiro».

Não está ainda definitivamente decidido o destino das instalações, depois do encerramento da Exposição, amanhã. Algumas cidades belgas manifestaram-se interessadas em adquiri-las, a fim de as transformarem em pousada para jovens ou palácio de desportos.

Quanto aos artigos de consumo expostos durante o certame foram já vendidos, na maioria, a particulares. Mas as obras e objectos levados a Bruxelas por especial deferência dos museus e organismos oficiais vão ser devolvidos à procedência. O conde de Penha Garcia sublinha, todavia, que muita coisa será oferecida às instalações belgas interessadas.—(A. N. I.).

Os funcionários do Banco de Angola homenagearam hoje o ministro do Ultramar

Um numeroso grupo de funcionários do Banco de Angola, representando todas as secções e serviços, foram, esta tarde, cumprimentar o ministro do Ultramar, sr. contra-almirante Lopes Alves, pela sua recente promoção a este posto, e entregar-lhe, em nome de cerca de 900 funcionários, um estojo com os galões para farda azul e as três estrelas em prata para cada manga da farda branca, encerradas num lindo estojo, com a seguinte legenda numa placa de prata: «Ao sr. contra-almirante Vasco Lopes Alves, com todo o respeito e admiração dos empregados do Banco de Angola».

O secretário-geral do Banco de Angola, sr. Oscar Paula Pereira, em breves palavras, cumprimentou o ministro e felicitou-o pela sua recente promoção.

Por último, o sr. contra-almirante Vasco Lopes Alves agradeceu a oferta, para ele significativa, por ser de pessoas que com ele colaboraram no Banco de Angola.

Aterrou na rua um avião em chamas e houve seis mortos

INDIANAPOLIS (Indiana), 18.—Um avião de caça a jacto, envolto em chamas, aterrou numa movimentada rua dos arrabaldes desta cidade, percorrendo ainda cerca de 400 metros.

Morreram seis pessoas, entre as quais o piloto e duas crianças, e há treze feridas, cinco das quais em estado grave.

O avião procurava aterrar no aeródromo militar de MacBride, que fica próximo, quando caiu, pouco antes das 19 horas. — (A. N. I.).

ALMOÇO e TARDE DANÇANTE

no mais luxuoso e típico Restaurante do Ribatejo

«BARRETE VERDE» em BENAVENTE

RANCHOS FOLCLÓRICOS, FANDANGO, DANCING
DELICIOSOS PRATOS REGIONAIS, A ESCOLHA

AMANHÃ — Dia 19 de Outubro

Visitando: SANTARÉM (Feira da Piedade), ALMEIRIM,
SALVATERRA DE MAGOS, LEZIRIAS DO RIBATEJO, etc.
PREÇO — TRANSPORTE E ALMOÇO ESC. 85\$00

Programas, inscrições e informações na

AGÊNCIA DE VIAGENS

RODARTE

Rua da Palma, 159-A — Tel. 861214 — LISBOA

A receita

para chegar aos 100 anos

BIBERGEN (Holanda), 18. — A mais idosa cidadã holandesa, Christina Karnebeek, conta 109 anos e é natural de Backs, pequena cidade na parte oriental da Holanda.

Para atingir aquela idade, aconselha este método: comer muitas batatas, beber cerveja em quantidade moderada e trabalhar bastante. — (A. N. I.).

A linha telefónica

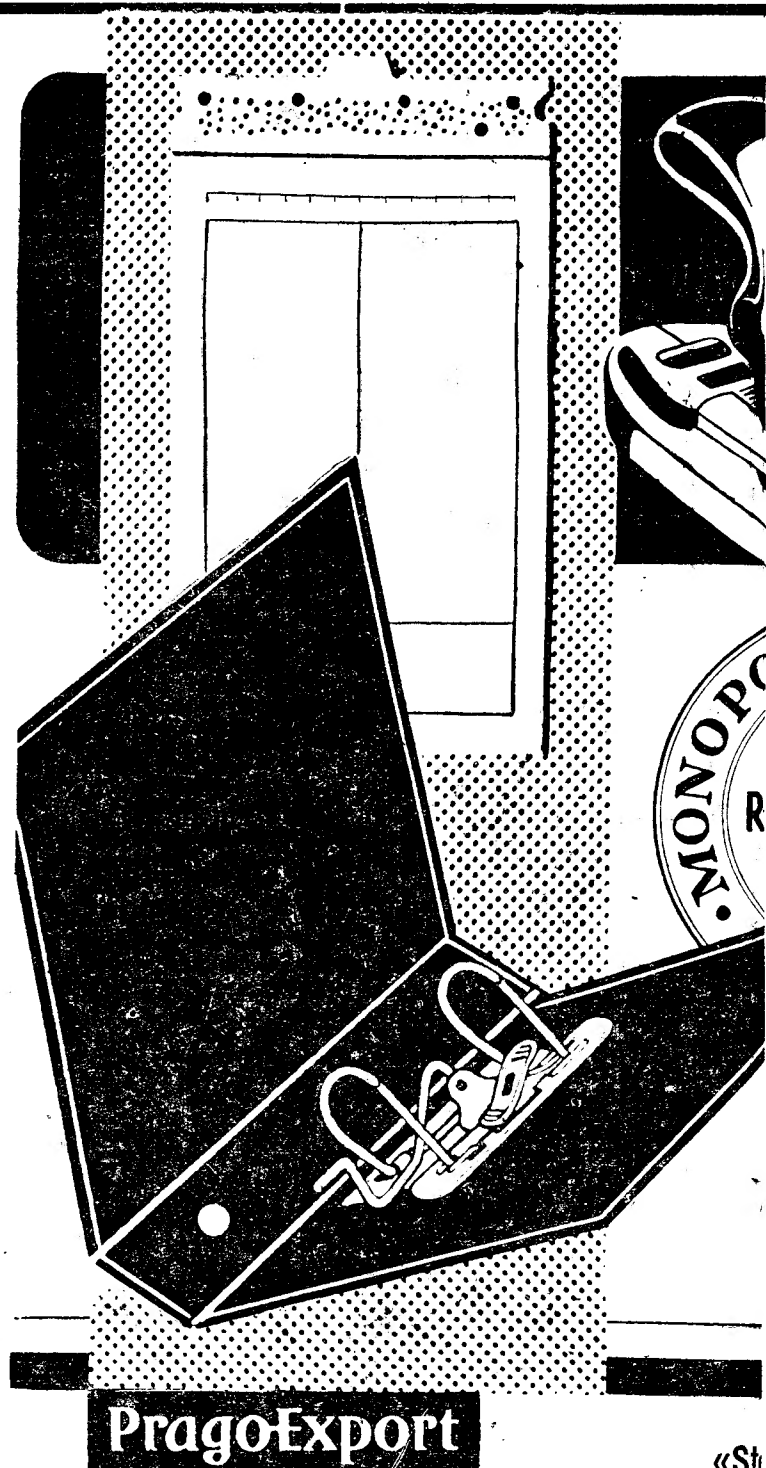
Lisboa-Porto

estará cortada

durante algum tempo

Na noite de hoje, todo o traçado de altas frequências dos C. T. T. da região de Pombal das linhas que ligam Lisboa ao Porto foi cortado, pelo que se tornou impossível comunicar com a capital do Norte. Seguiram imediatamente para o local o pessoal técnico de Coimbra e parte do pessoal técnico de Lisboa, dirigido pelo eng. Santos Silva. Verificou-se tratar-se de um grupo de árvores que se abateu sobre as linhas. Ignora-se a causa do acidente.

Já se encontram restabelecidas algumas ligações e espera-se que ainda hoje se encontrem reparados todos os fios cortados.



PragoExport

PRAGA—CHECOSLOVAQUIA

Representante:

António Jerónimo da Silva

Rua da Misericórdia, 66-2.ª — Lisboa

«St
Pap
out
tô

O Grémio Lisbonense

— a colectividade mais antiga de Lisboa
festeja o seu 116.º aniversário
com um espirito rejuvenescido

O Grémio Lisbonense ali á Rua dos Sapateiros, com largas janelas rasgadas sobre o Rossio, assistiu a cento e dezasseis anos da vida lisboeta, viu o mundo passar, contemplou o fim de uma época e o nascer de outra, dobrou uma esquina da História e manteve-se vivo e de pé. É a colectividade mais antiga de Lisboa. As suas paredes guardam ecos de uma centena de anos. De dentro de molduras graves e enarrazadas espreitam cabeças grisáceas. O Grémio Lisbonense celebra 116 anos de vida e promete a si próprio repetir a façanha, triplicá-la, multiplicá-la, e pregar ao tempo a tremenda partida de o viver de uma ponta á outra sem uma quebra ou um desfalecimento.

Em 26 de Outubro de 1842 um grupo amigo e ruidoso galgou aquelas escadas e fundou a «Academia Fraternal Harmónica» que depois, em 21 de Abril de 1843, se passou a chamar mais modestamente de «Sociedade Recreativa Filarmónica». Proclamou livros vetustos e veneráveis que o único fim da Sociedade era o «estudo, o exercício, a instrução, e o recreio resultantes da reunião dos curiosos e amadores de musica de instrumentos pro-

prios para a Banda Musical». São ali «absolutamente prohibidos (com h) os jogos, ou discussão (sem d) alheios á Musica» e admitidos «quaesquer individuos que tiverem um rendimento que os habilite a viver decentemente, e cujos costumes não ofendam a moral public-a».

Estes sólidos e honestos Estatutos foram, porém, alterados em 1901 e depois em 1932, data em que foram aprovados aqueles que regulam hoje a instituição. Em 1942 o Grémio Lisbonense recebeu o grau de Comendador da Ordem de Benemerência pelos actos de beneficência que realizou através do seu grupo «Os Pelicanos».

O Grémio Lisbonense tem hoje cerca de trezentos sócios, mas já teve o dobro, há quinze anos. Não é este, no entanto, um sinal de cansaço. Pretende o Grémio Lisbonense reagir contra uma crise que se esboça e para tal trabalha o seu presidente, o sr. Rodolfo Afonso Ramos. O Grémio tem os seus pergaminhos. Já teve, entre os sócios, simultaneamente, cinco generais. Ainda agora conta numerosos oficiais do Exército, além de comerciantes, industriais e funcionários públicos.

Aquele primeiro andar da Rua dos Sapateiros, pelo qual o Grémio já pagou trezentos e quatro mil reis ao senhorio, o Conde de Casal Ribeiro e paga actualmente 3.640\$00, é vasto, de tectos altos e sol jorrando luz e calor. Lá dentro, dezenas de sócios vozeiam conversas agradáveis e divertidas, reunidos em



O Grémio Lisbonense olha a cidade há cento e dezasseis anos desta janela aberta sobre o Rossio

pequenos grupos, em volta do pano verde do bilhar e da mesa da «canasta». É um ambiente tépido e confortável estranhamente familiar, onde as relações humanas parecem mais fáceis e até mais naturais.

Revelam-se os tipos. Há-os verbosos, gesticulantes, dominadores. Há-os silenciosos e parados. Há-os calmos e cheios de uma disciplina interior. Há-os só deste nosso tempo atribulado. Encontram-se homens de mundos diferentes e opostos. Falam-se linguagens diversas. Recordam-se o Passeio Publico e afirmam-se que a estrada marginal é ótima para corridas de automóveis.

Lê-se recolhidamente o jornal e atira-se com um rei de paus na mesa. Dão-se tacadas nas bolas do bilhar e sorri-se vagamente a olhar a rua. É-se rápido e lento, excitado e nervoso, prático e complicado, novo e velho.

O Grémio Lisbonense mantém-se no seu primeiro andar da Rua dos Sapateiros e vai resistir ali aos anos, com tenacidade e combatividade. Vai prolongar-se a sua já longa existência. Porque é um local de encontro e de convivência e de unidade, o Grémio Lisbonense tem de continuar-se.

Ao baile desta noite seguir-se-á, no dia 23, uma distribuição de vestuário a vinte meninas e um grande jantar de confraternização. A chama velha de cento e dezasseis anos, arde ainda e espalha algum calor e um pouco de luz.

As paródias com o casamento

TIMBER LAKE (South Dakota), 18. — Um dos mais estranhos casamentos foi celebrado nesta localidade.

Tanto os noivos como os convidados e o padre estavam montados em cavalos, durante a cerimónia. A boda foi, também, a cavalo, e os noivos só desmontaram depois de se despedirem dos convidados. — (A. N. I.).

DORES DE CABEÇA? AZIA?
TOME **Alka-Seltzer**
para alívios rápidos!
Os componentes do Alka-Seltzer actuam em conjunto, para reduzir o excesso de acidez, aliviar o estômago e tirar a dor de cabeça.

Alvorço em Algés

Algés registou hoje, inesperadamente, um movimento desusado. Quisemos indagar do que se passava, e para ali nos dirigimos o mais prontamente possível. As notícias eram confusas. Falava-se em Mar Bravo, chegando mesmo alguns moradores a declarar que Algés seria inundada por toda a tarde. Afinal, ao cabo de alguns minutos de investigações, descobrimos, felizmente, a verdade.

Algés, realmente, ia ser inundada, mas inundada de bom gosto, graças á reabertura dum elegante estabelecimento publico. Dirigimo-nos á Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, precisamente no momento em que operários retiravam os tapumes, o que permitiu a nós e ao publico em geral visionar uma elegante pastelaria, salão de chá e Restaurante, encimada com o nome TA-MAR.

Acalmados com a magnificência do belo estabelecimento, e depois de devidamente autorizados, visitamos com prazer e orgulho as novas instalações de TA-MAR, um novo ponto de reunião, bem perto de Lisboa, que veio em muito beneficiar uma zona tão frequentemente procurada e a tão poucos minutos da Capital.

Possui um encantador salão de chá, uma secção de pastelaria com esmerado fabrico próprio e ainda um restaurante, onde uma fina e especializada cozinha estará doravante á disposição do publico que sabe apreciar e escolher.

Como surpreendente maravilha, TA-MAR possui ainda um encantador Jardim de Inverno, local agradável, para nele serem servidos os habituais lanches para Casamentos e baptizados.

Em resumo, Alagés está de parabéns com o novo Salão de Chá, Restaurante e Pastelaria TA-MAR, que hoje brindou umas centenas de convidados, e que, amanhã, abrirá oficialmente as suas portas ao publico que, ansioso, aguarda o bom serviço da TA-MAR.

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA!
NÃO CONFUNDA!

A GRANDE QUIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRAIA, 257, com mais de meio século de existência.

O cheque em branco — (6)

A preferência do general de Gaulle decidiu da lei eleitoral, nos termos da qual se fará a escolha do novo parlamento francês. A decepção dos elementos da direita e da extrema direita, que contribuíram para a sua subida ao Poder e para o êxito do referendo, compreende-se pela oportunidade perdida para afastar, durante um longo período, os seus adversários da vida cívica e da competição política. O sistema escolhido — eleição em círculos uninominais e duas voltas — tem, como todos os outros, vantagens e inconvenientes. Na Grã-Bretanha ajusta-se á existência de grandes formações partidárias pelas quais o chefe do Governo francês parece ter marcada preferência.

«Em França, escrevia há dias André Siegfried, haverá sempre uma direita, uma esquerda e um centro». E Paul Reynaud, que é um veterano do regime parlamentar, declarou que da consulta de Novembro sairá um Parlamento com os sectores correspondentes, nitidamente demarcados e definidos rigorosamente as suas aspirações e a sua missão. Um centro-direita maioritário, apoiando o general de Gaulle, e uma esquerda oposicionista, combatendo a sua política. Resaltadas as diferenças que resultarem da substituição de algumas personalidades por outras menos conhecidas, não era outra a composição da Assembleia Nacional que fez «hara-kiri» em seguida ao golpe de 13 de Maio.

Nada mais errado do que supor que a paralisia dessa Assembleia resultou, na fase final da IV República, da multiplicidade dos partidos geradora da instabilidade ministerial. A ideia de que a primeira equívale a um mal incurável da democracia e torna inoperantes as instituições criadas nos seus moldes tradicionais, não tem correspondência nos factos. Em França a proliferação das organizações partidárias tornou-se uma característica do regime republicano o qual, servido por elas, deu á França a vitória de 1918 e a derrota de 1940, e depois de ter construído o edificio de um império ultramarino perdeu parte dele.

Albert Thibaudet falava do «leque parlamentar», com as suas graduações, como uma característica inconfundível da vida política em França e da sua expressão partidária. Nos países anglo-saxónicos os grandes partidos não têm sombra de homogeneidade. Que afinidades é possível conceber entre um democrata do Sul, nos Estados Unidos, e um democrático do Norte, o primeiro representante de interesses agrícolas e praticando um racismo intratável, o segundo aderindo ás mais ousadas concepções socializantes e desprezando as manifestações homicidas da superstição racial? Os republicanos de tendência liberal naquele país aproximam-se mais dos democráticos progressivos do que dos seus correligionários que sacrificam no altar do capitalismo irreductível e do isolacionismo inconcebível. Do outro lado do Atlan-

tico os grandes partidos são coligações que se concentram ou dispersam á mercê do oportunismo eleitoral, das condições locais e das vagas de fundo emocionais que varrem o país nos momentos culminantes de crise nacional.

Na Grã-Bretanha confunde-se, geralmente, a disciplina parlamentar com a homogeneidade partidária. A primeira constitui um imperativo do funcionamento da representação nacional, mas não tem correspondência na segunda. Onde o «whip» dos comuns consegue, salvo raras excepções, fazer-se ouvir, o chefe do partido é frequentemente ignorado ou desacatado. Esse fenómeno é menos visível num partido estratificado e representativo de interesses criados, como o conservador, do que no trabalhismo que está longe de ter alcançado um grau de estabilidade suficiente para anular os efeitos das suas crises de crescimento periódicas.

Em França a multiplicidade dos partidos nada tem com as dificuldades do sistema parlamentar nem prejudica a realização de programas de Governo a distancia e de largo alcance. Na III e na IV Republicas, o predomínio das esquerdas ou das direitas modelou ministérios que o reflectiam e equivaliam, rigorosamente, ás coligações de tendências que são as grandes organizações partidárias anglo-saxónicas. Entre 1892 e 1914, a França levou a cabo um programa de política externa sem precedentes na sua história — política de alianças — com uma dezena de ministros dos Negócios Estrangeiros, de Delcassé, seu inspirador, a Caillaux, mais de uma vez apontado como seu adversário obstinado. Essa política esteve na origem da vitória militar de 1918. O mesmo pode dizer-se da sua política colonial e militar. A primeira deu ao país um império ultramarino que o compensou da queda da monarquia perdedora e se estendia do Norte de Africa ao Extremo Oriente, por toda a parte irradiando e fazendo a demonstração da missão civilizadora e colonizadora da França. Servida por pioneiros como Ferry, e por descrentes, como Clemenceau, realizaram-na Governos das mais diversas tendências. A segunda deu á França o Exército e a Marinha de Guerra que a colocaram, de novo, no primeiro plano das grandes potências europeias depois de uma era de declínio.



Pasta Medicinal Couto
TRATA — Gengivas descarnadas ou sangrantes
EVITA — Estomatites mercuriais ou bismuticas
MAIA — Os microbios da boca

HIPOTECAS
e PROPRIEDADES
ag. Jurada Lei
TRANSACÇÕES
em 24 horas

Confidente
DINHEIRO sobre
Automoveis
Transacções em
menos de 1 hora

14. Rua Passos Manuel 3. Rossio-LISBOA
PORTO Tel: 2701-28721 Tel: 21391-30257

«Stencils» MONOPOL
Papel químico MONOPOL
outros artigos de escritório

A colheita do sal em Castro Marim

CASTRO MARIM, 17 — Findou a safra do sal, cuja produção se pode considerar regular. Mercê das medidas acertadas que a Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos tomou em relação aos pequenos produtores sem arizagem, que puderam vender o sal aos armazenistas, os interesses legítimos daqueles não foram afectados e o problema solucionou-se a contento de todos. Idênticas medidas poderão e deverão ser tomadas no futuro.

As vindimas também acabaram já, mas a produção foi muito fraca, regulando por um terço da do ano passado.

Festival Folclórico

CORUCHE, 17 — E' no próximo dia 26 que esta castiça vila e as terras circunvizinhas poderão assistir à exibição dos três grupos ribatejanos que ultimamente, com merecido e assinalado êxito, se exibiram em Espanha e França, na Bélgica, na Holanda e no Luxemburgo, e ainda na Alemanha. São esses três grupos, de que todo o Ribatejo se orgulha, o Grupo Infantil de Dança Regional, de Santarém; o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Almeirim; e o Rancho Típico (7 Saias) de Benavente.

Este interessante festival folclórico, aguardado com muito interesse, efectuar-se-á, às três horas, na Praça de Touros, de Coruche.

HANSA

1100



Agora uma produção de Goliath-Werk GmbH — Bremen, o carro alemão que alia o útil ao agradável. 4 cil. — 40 HP ou 55 HP tracção à frente. Aceleração rapidíssima, segurança absoluta.



EM EXPOSIÇÃO
DAS 9 AS 0 HORAS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL:
AMÉRICO RODRIGUES, LIMITADA
25-A, AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, 25-B
LISBOA — TELEFONE 5 52 38

QUALQUER CANETA
ESCREVE MELHOR COM

Skrup



DEPÓSITO MARGINAL
PERMITE UTILIZAR Skrup ATÉ À ÚLTIMA GOTA

Agentes exclusivos: Azevedo & Duarte, Lda., R. do Crucifixo, 76-1.º T. 26297-Lisboa

Pérola de S. Domingos

R. DUM NTAO ALMADA, 5-D
Vende-se os melhores cafés e chás, também o maior sortido em plantas da Flora Nacional tropical, que são a nossa grande B' a natureza ao nosso serviço. Procure ser saudável, sentir mais energias e melhor disposição.
(De frente da Igreja)

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS
OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - R. DA LIBERDADE, 12

Leiam o «SEMPRE FIXE»

Circuito Turístico

DA REGIÃO DOS 3 CASTELOS

visitando: — Cabo Espichel, Sesimbra e Castelo, Arrábida e Portinho, Setúbal e Castelo, Castelo de Palmela e Azeitão

Preço de 60\$00
Realiza-se todas as 4.ª feiras e domingos

Concessionários Exclusivos:
JOÃO CANDIDO BELO & C.ª LDA.

Vila Fresca de Azeitão

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS ou em Almada — T. 170188 e Azeitão — T. 028029/028062
Estes Circuitos são realizados nos melhores autocarros e acompanhados por guia.

Em ALVALADE — SAU o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos por António D. S. Ferreira.

BONS SONHOS!

num colchão de espuma de borracha
Dunlopillo.

Sim! Você poderá ter sempre um sono profundo e repouso com um colchão DUNLOPILLO feito de espuma de borracha.
Note bem que todos os colchões DUNLOPILLO têm a etiqueta DUNLOPILLO.

COLCHÕES - ALMOFADAS - ASSENTOS

Dunlopillo

ESPUMA DE LATEX — FABRICO INGLÊS

AGORA COMO POR QUATRO FIZ UM TRATAMENTO DE

APISÉRUM

Você também, quando lhe faltar o apetite e se sinta fatigado pelo excesso de trabalho, sem gosto para nada, sem energia, dormindo mal, experimente também um tratamento de APISÉRUM.

O APISÉRUM é um complemento higiénico natural alimentar, que dá em geral aos organismos um novo vigor, entusiasmo e uma agradável sensação de bem-estar, euforia, optimismo e alegria.

Vende-se nas farmácias

Pedidos de literatura ao Representante exclusivo para Portugal Continental, Insular e Ultramarino:

FERNANDO DE OLIVEIRA & C.ª

Rua D. Estefânia, 167-A — Lisboa



Representantes em Portugal

CASA GRAHAM - LISBOA - PORTO

PARA IR LONGE REDEX



O SEU MOTOR

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS
AO JURO DE 5%
Emprestamos nas melhores condições

A LUZAFRICA
CALÇ. DO CARMO, 6, 2.º

DESPORTOS

Campeonato Nacional da Segunda Divisão

(Continuação da 7.ª página)

Entre parentesis indicam-se os pontos de cada equipa.

As duas equipas mais representativas da A. F. Lisboa — Atlético e Oriental — jogam perante o seu publico, merecendo favoritismo... se não confiarem demasiadamente nas suas possibilidades e não deixarem os adversários pôr o pé em ramo verde — como se diz-se.

O Arroios e o Sacavenense vão, respectivamente a Coruche e a Serpa, onde os espera tarefa bem difficil, pois os clubes visitados estão na cauda da classificação e os visitantes caem nessa posição se não ganharem. A previsão é de jogos renhidos.

Nos jogos de Evora, Portimão e Olhão as equipas locais são favoritas, ainda que possa esperar-se réplica esforçada dos adversários.

Provas da A. F. L.

As duas competições que têm preenchido a actividade da A. F. L. nos ultimos domingos, prosseguem amanhã, fornecendo o seguinte programa:

Campeonato da 1.ª Divisão — Fut-

bol Benfica c. Vilafranquense, no campo «Francisco Lázaro»; Alhandra c. Sintrense em Alhandra; S. L. Olivais c. Vitória, no campo «Alvaro Gaspar»; Operário c. Desp. Olivais, no campo «Armínio de Carvalho» — todos ás 15 horas, em «honra» e ás 13 horas, em reservas; Casa Pia c. Alverca, no campo «Pina Manique», ás 15.30 e 13.30 horas, em «honra» e reserva, respectivamente.

Campeonato de Juniores da 1.ª Divisão — Série A — U. Algés c. Palmense, em Algés; Belenenses c. Estoril, no Restelo; Sporting c. Cascalheira, em Alvalade (treino); Atlético c. Arroios, na Tapadinha — todos ás 10.30 horas.

Série B — Torriense c. Benfica, em Torres Vedras, ás 10 horas; Oriental c. Povoense, em Marvila; Charneca c. S. L. Olivais, na Charneca; Vialonga c. Alhandra, em Vialonga — os três ás 10.30 horas.

Em qualquer das competições, a jornada de amanhã não inclui desafios de excepcional importância, pelo que não são de esperar alterações sensíveis nas classificações.

HÓQUEI EM PATINS

A finalissima Sintra-Paço de Arcos desperta gr n'e interesse

Poucas vezes, num campeonato do Sul, de hóquei em patins, se terá recorrido a uma finalissima para atribuição do título.

Não admira, portanto, que a partida decisiva, marcada para a noite de hoje, no Pavilhão dos Desportos, a dirimir entre o Sintra e o Paço de Arcos, esteja a interessar vivamente o meio hoquistico da capital.

Quer o Sintra, actual campeão, quer o Paço de Arcos, tiveram um campeonato de certo modo identico. Ambos averbaram, nos deztoit encontros disputados, quinze triunfos, um empate e duas derrotas. A equipa de Cipriano Santos obteve 113 golos e sofreu 47, enquanto a de Carlos Ramos averbou no activo 95 tentos e no passivo 41. Até no numero de golos se nota valor equilibrado entre os dois finalistas.

Mas, há um pormenor curioso e que, neste momento, apetece focar — o Paço de Arcos não perdeu contra o seu adversário desta noite. Na primeira volta, o «cinco» de Correia dos Santos empatou 4-4, na pista de Sintra; e na segunda volta, no seu cimento, venceu, perfeitamente, por 6-3.

Dir-se-á: como não há duas sem três... Com effeito, pondo nos pratos da balança do julgamento da capacidade dos dois «teams», somos levados a dar o favoritismo ao grupo da Costa do Sol, apesar do Sintra, normalmente, exhibir hóquei mais brilhante.

Dez jogadores para a Taça Latina

O sr. Américo Rombert, seleccionador nacional, entregou na Federação a lista dos jogadores escolhidos para o grupo nacional que vai disputar, em Barcelona, a Taça Latina, e que é a seguinte: Moreira (Lourenço Marques), Matos (Campo de Ourique), Carlos Silva (Cascais), Edgar (Sintra), Adriano (Lourenço Marques), Bernardino (Campo de Ourique), Bouças (Lourenço Marques), Correia dos Santos (Paço de Arcos), Pomplio (Sintra) e José António (Cuf).

A turma nacional segue para Barcelona no próximo dia 30, pelas 7 horas, por via aérea, sendo acompanhada pelo dirigente sr. Olivério Serpa.

HOJE, À NOITE

FUTEBOL — No estádio Alvalade, ás 21 e 45 horas, Sporting-Torriense, a contar para o Nacional da 1.ª Divisão. No intervalo, disputam-se duas provas de atletismo: milha e 1.500 metros para juniores.

GINASTICA — Distribuição de prémios da época 1957-58 no Ateneu, ás 22 horas.

HOMENAGEM — Na cantina do Instituto Superior, ás 20 horas, realiza-se um jantar de homenagem ao sr. dr. Armando Rocha, inspector do Desporto Universitário.

Dois milionários nos concursos de prognósticos

MADRID, 18 — Mais uma vez as apostas mutuas sobre os jogos de futebol converteram em milionários dois adeptos da bola — Ricardo Gutiérrez Salazar, de Santa Cruz de Tenerife, que ganhou 1.685.575 pesetas, e José Esteves de Sagunto, Valência, que recebeu 1.817.490 pesetas.

Ao ser conhecida esta noticia, a procura de boletins para a jornada seguinte foi tal que três dias antes de ser encerrada a inscrição já se haviam esgotado. — (A. N. I.).

As provas de amanhã

(Continuação da 7.ª página)

AUTOMOBILISMO

O União Desportivo Vilafranquense faz disputar amanhã, ás 14 horas, a «H Gincana de Automóveis», a contar para o 1.º Critério de Gincanas.

O certame está a despertar o maior interesse, pelo que a reunião deve decorrer com bastante entusiasmo.

INAUGURAÇÕES

O Ginásio Clube do Sul, progressiva colectividade da margem esquerda do Tejo, vai estar amanhã em festa, por motivo da inauguração de um novo ginásio, que ficará a funcionar na antiga Escola Commercial e Industrial, na Rua D. João de Portugal, 33, em Almada. A cerimonia está marcada para ás 15.30 horas.

NATAÇÃO

Amanhã, ás 10.30 horas, na piscina de S. Bento, realiza-se um festival de encerramento oficial da época, promovido pela Associação de Natação de Lisboa e destinado a nadadores de todas as categorias — infantis, iniciados, aspirantes, juniores e seniores e seniores, havendo, ainda, uma estafeta mista.

O programa está elaborado com bastantes condições de agrado e a reunião deve resultar plena de interesse e animação.

PATINAGEM

No Pavilhão dos Desportos funciona amanhã, das 9 ás 12 horas, a primeira aula de iniciação de patinagem, destinada aos sócios do Clube até ás 13 anos — uma iniciativa da Secção de Iniciação Desportiva do S. L. Benfica. As aulas prosseguirão em todos os domingos e, com elas, outras, de patinagem artística, dirigidas pelo técnico, António Silva.

TÊNIS

Está prevista para amanhã a continuação do torneio de ténis, das taças «Sport-Sport», numa organização do Clube de Ténis de Lisboa. Os encontros realizar-se-ão nos «cours» de Monsanto, mas o programa da jornada só pode ser estabelecido depois de conhecidos os resultados dos encontros que devem estar a disputar-se á hora a que o nosso jornal começa a circular.

TEMAS DE HISTÓRIA DA IGREJA

O papa Celestino V — ou Pedro, o Ermita

O caso presente da veneranda figura de Pio XII, transitando desta vida para a eternidade, ao cabo de uma longada digna dos maiores encontros pela sua acção sustentada, traz-me á memória, não sei porquê — talvez por algum contraste — o caso unico daquele a quem Dante, no canto III do seu *Inferno*, depois de ter transposto a porta em cujo cimo lera a célebre injunção: *adeus á esperança*, quando já tem reconhecido alguns de entre a chusma da gente perdida que vinha em turbilhão, se teria referido, dizendo:

vedi e conobi l'ombra di colui che fece per viltà il gran rifiuto.

Esta obscura maneira de falar tem dado lugar a diversissimas interpretações dos comentadores, inclinados-se a maioria a julgar que o visado pelo espirito conturbado do Dante haja sido Pietro da Morrone, eleito papa com o nome de Celestino V, em 1291, (muito embora se não saiba quando é que Dante o teria conhecido neste mundo, de modo, a reconhecer-lhe a sombra na sua visão do outro) mas cuja recusa, em todo o caso, dera lugar á eleição de Bonifácio VIII que Dante considerava como a origem dos males de Florença e dos seus próprios; — e daqui o ter considerado *vileza* a quele procedimento — facto que me não parece em contradição com a maneira respeitosa por que, não o Dante, mas o próprio Bonifácio se refere ao seu antecessor, mais adiante numa passagem do canto XXVII.

Seja no entanto como haja sido, o caso foi porém que tendo falecido em 24 de Abril de 1292, o papa Nicolau IV, dois anos e três meses decorreram antes da eleição do novo pontifice. Nicolau fora aquelle cardeal Jerónimo de Ascoli que tendo sido bispo da Palestina e Geral da Ordem Franciscana, e papa desde 1288, vira definitivamente perdida para a Cristandade a Terra Santa das Cruzadas, e S. João de Acre arrasada em 1291 pelo vencedor infiel. Como ao apelo a uma nova cruzada apenas encontrara eco na Inglaterra, dedicara-se Nicolau á propaganda das instituições de ensino; e fora ele quem, por bula de 9 de Agosto de 1290, confirmara a fundação da Universidade que em 3 de Março, cinco meses antes, o nosso D. Dinis criara em Lisboa. Apesar do seu veemente desejo de estabelecer a paz entre as facções que entre si se despedaçavam em Roma, fora ele próprio, um momento vítima do motim e vira-se expulso da cidade em 1289, por algum tempo...

Morto pois Nicolau, os cardeais, para a eleição do seu sucessor, reuniram-se primeiro em Roma, mas atemorizados com o desordem da cidade, refugiaram-se em Perugia em 1293. Foram, uns, partidários da facção dos Orsini, outros da dos Colonna que cresceram em poderio por favor do papa defuncto. Assim contrabalançando-se as forças, conservara-se suspensa a eleição. Ora enquanto estavam mergulhados na incerteza, ouviram os cardeais falar de um santo ermita que vivia em retiro profundo, no flanco do

Monte Morrone, perto de Sulmona...

Este piedoso solitário era o undécimo filho duns pobres camponeses dos Abruzos. Abraçara muito novo a vida beneditina e lepois com outros companheiros fundara em 1251 um novo ramo da Ordem de S. Bento, muito rigoroso, primando pela pobreza, humildade e mortificação dos sentidos. — ramo que o papa Urbano IV reconhecera, e que, sendo Pedro da Morrone venerado de todos pela sua austeridade, o papa Gregório X, junto do qual Pedro estivera no Concilio de Lyon em 1274, aprovava como uma ordem independente, sendo os seus membros chamados *ermitas de S. Damiano*.

Ora, agora, o ermita Pedro tinha perto de oitenta anos e passava a vida numa espécie de gruta, todo dedicado ás macerações, aos jejuns, á oração e ao êxtase. Em Perusa, o velho e piedoso cardeal Latino annunciou pois aos seus colegas que o ermita do Monte Morrone, Pedro, no decurso de uma visão tinha sabido que o Céu reservava aos membros do Sacro Colégio rigorosos castigos se eles não tratassem quanto antes de pôr termo á viltade da Igreja. Veio então aos cardeais a singular inspiração de darem os seus sufrágios ao santo anacoreta. Três deles empreendem a penosa viagem, de Perusa ao rude

O comboio matou

numa passagem de nível um individuo que seguia sobre uma motocicleta

ENTRONCAMENTO, 18. — (Pelo telefone). — Ao atravessar uma passagem de nível sem guarda, existente na linha férrea da Beira Baixa, entre esta vila e a Barquinha, o sapateiro Eugénio Vieira da Silva, de 26 anos, casado, que seguia numa moto conduzida por Francisco Coelho, caiu sobre a via férrea, sendo mortalmente colhido por um comboio que passava naquele momento.

Supõe-se que a causa do desastre fosse a aceleração rápida inesperadamente imprimida á motocicleta, pelo seu condutor, quando se apercebeu da aproximação do comboio.

Mocidade Portuguesa

O inicio das actividades dos Centros de Formação Geral

Começaram hoje em todo o País as actividades dos Centros de Formação Geral da Mocidade Portuguesa, que funcionam junto dos liceus, escolas técnicas e colégios particulares. Em muitos centros, essa abertura foi assinalada com cerimónias para apresentação dos filiados que pela primeira vez os frequentaram as quais constaram de reuniões de camaradagem ou sessões culturais.

Os Centros da Especialidade de Milícia tiveram também hoje o inicio das suas actividades pre-militares.

Os centros extra-escolares da M. P., embora não tenham suspendido as actividades no Verão, principiam igualmente o novo ano de trabalhos efectuando sessões hoje á noite para filiados e suas famílias.

Reunião rotária

Na próxima reunião do Rotary Clube de Lisboa, será prestada homenagem ao sr. barão dr. Giuseppe Vitaliano Confaloniere, embaixador da Itália, que brevemente vai deixar o nosso País, para ocupar novas funções na secretaria de Estado. Durante a reunião, que por recomendação do presidente internacional, Cliff Randall, é destinada a enaltecer a solidariedade mundial, o sr. dr. Giuseppe Vitaliano Confaloniere fará uma palestra intitulada «Solidariedade Mundial», a qual, bem como a saudação que será proferida pelo presidente do clube, serão gravadas a fim de serem enviadas cópias a todos os distintos rotários italianos.

O «Diário de Lisboa» é vendido em ALMADA por José Zeferino Matoso.

retiro do ermita. Encontraram-no coberto de andrajos, e logo que os viu, ajoelhou. Recebeu as mensagens através da janela de grades do seu abrigo. Recusou. Mas eles insistiram, e então, depois de ter rezado algum tempo, persuadido de que tinha que obedecer ao Espírito Santo, declarou que aceitava e queria chamar-se Celestino V.

O rei de Nápoles, Carlos II e o seu filho, com seu primo, o rei da Hungria que os viera visitar, vêm então ter com ele e conduzem-no montado num burro, pela redea, seguindo eles, a pé, até á cidade de L'Aquila, onde os cardeais, vindos de Perusa, o aguardavam e o consagraram a 24 de Agosto de 1295; depois do que o rei Carlos, desejando ficar tendo mão sobre ele, o induziu a ir para Nápoles em vez de para Roma.

O pobre papa, ignorante e ingénuo não podia ser mais que um instrumento nas mãos do soberano... No palácio real de Nápoles deram-lhe uma cela que lhe recordava o seu ermitério... E o cardeal Benedetto Gaetani, ambicioso, cheio de ardor, inteligente e impaciente de cingir a tiara, não tardou em persuadir o bom Celestino de que ele não estava feito para levar ás costas o peso duma cruz tal como o pontificado. Por seu lado, o papa compreendia bem depressa que não escaparia ao domínio da casa de Anjou. Assim, atormentado de remorsos, incapaz de seguir para Roma ou de se submeter á vontade dos reis, fez uma coisa inaudita na história do Papado: abdicou e refugiou-se no seu antigo ermitério.

Assim, a 13 de Dezembro de 1294, em Nápoles, Celestino V reuniu os cardeais, e declarou-lhes que não se sentia de molde a governar a Igreja. Dez dias depois da abdicção de Celestino V, a 24 de Dezembro de 1294, o conclave reunido em Nápoles elegia aquelle que se impunha a todos, á facção dos Orsini como á dos Colona, e ao próprio rei de Nápoles, pela sua energia, pela sua firmeza, pelo seu valor pessoal, o cardeal Bento Gaetani que tomou o nome de Bonifácio VIII e cujo pontificado se conta no numero dos mais célebres. O novo papa era originário de Anagni, pequena cidade, perto de Roma. Estudara na Universidade de Paris, e, como canonista, adquirira fama universal. Imediatamente depois da sua eleição Bonifácio, com pressa de se subtrair ao jugo do rei de Nápoles, tomou o caminho de Roma, onde fez uma entrada olean e foi coroado em S. Pedro, a 23 de Janeiro de 1295.

Parece que Bonifácio que, segundo se diz, fora quem hábilmente compellira Celestino a descer do trono, para se lhe substituir, estabeleceu ou conceder como residência ao ex-papa voluntário, um condigno castelo na Campania, onde o velho ermita teria visto o fim dos seus dias em 1296, como um simples religioso em todo o c.s.o. Em 1313 Clemente V canonizava-o, dando-lhe as honras dos altares, com a festa a 10 de Maio. E, segundo acabo de encontrar acidentalmente, é a «dugentesca» Chiesa di Collemaggio em L'Aquila, que hoje «accoglie le spoglie di Papa Celestino V».

«Se documentos certos não atestassem a autenticidade dos acontecimentos que se seguiram á morte de Nicolau IV, poder-se-ia achar que eles relevavam (segundo a nota de Gregorovius, mais da lenda que da História» (F. Hayward).

Sabe-se como Bonifácio VIII — o papa do Jubileu do ano 1300 a cujo espectáculo extraordinário Dante assistira — foi, pelo rancor politico do poeta florentino, colocado no inferno, como um monstro de orgulho e de intolerância, quando na realidade o seu pontificado de 8 anos, teria sido a comprovação de que ele, um octogenário, filósofo e poeta, generoso e humano, tolerante e compreensivo, não lutara senão «pela independência da Igreja; pela independência da Itália, pela independência do espirito» (F. Berence).

A renúncia, ou recusa ou abdicção do papa Celestino V, longe de ter sido a vileza que Dante perfilhara, é, bem ao contrário, um caso unico da mais alta nobreza moral. Se o pontificado efémero de Celestino V foi efectivamente nulo sob o ponto de vista politico, dele ficou todavia, como de nenhum outro, antigo ou moderno, (como já se disse) com razão «o exemplo de uma vida religiosa que se eleva até á santidade».

FRANCISCO FERNANDES LOPES

Tauromaquia

Amanhã, em Evora

E' amanhã, ás 15 horas, que em Evora se effectua o grande festival a favor do Hospital do Patrocinio, com os cavaleiros João Nuncio, Manuel Conde, David Teles e José Barahona-Nuncio, os matadores António dos Santos e Francisco Mendes e os novilheiros José Julio e José Simões. O Grupo de Forcados é o dos Amadores de Santarém, sob o comando do sr. Rhodes Sérgio.

Aos lidadores é oferecido um jantar para o qual todos os «aficionados» podem inscrever-se.

Finalmente AMANHÃ MAR BRAVO?



Sensacional

The ACE of CLUBS
Apresenta

- SOLISTAS FAMOSOS
- GRANDES ORQUESTRAS
- REGENTES CONSAGRADOS

137\$50

em microgravações de 30 cm.

PELA PRIMEIRA VEZ as mais famosas obras dos grandes mestres da música em discos microgravados de 30 cm. ao preço excepcional de 137\$50. Gravações de alta qualidade, magníficas interpretações pelos mais famosos artistas mundiais: CARL SCHURICHT, ERICH KLEIBER, HANS SCHMIDT-ISSERSTEDT, ALFREDO CAMPOLI, RUGIERO RICCI, JULIUS KATCHEN, ROGER DESORMIERE, ANTHONY COLLINS, EDUARD VAN BEINUM, SIR ADRIAN BOULT — Orquestras do Conservatório de Paris, London Philharmonic, da Rádio Hamburgo, Sinfónica de Turim e Sinfónica de Londres.

VEJA BREVEMENTE NESTE JORNAL O ANÚNCIO DA 1.ª SÉRIE

EST. VALENTIM DE CARVALHO, LDA. • R. NOVA DO ALMADA, 97 • LISBOA

Pode ouvir os discos
ACE OF CLUBS
em gira discos desde

750\$00

Peça-nos informações



VALENTIM DE CARVALHO, LDA.
Rua Nova do Almada, 97 • LISBOA

Queiram enviar-me folheto referente
aos discos ACE OF CLUBS

Nome

Morada

Tenho/não tenho giradiscos



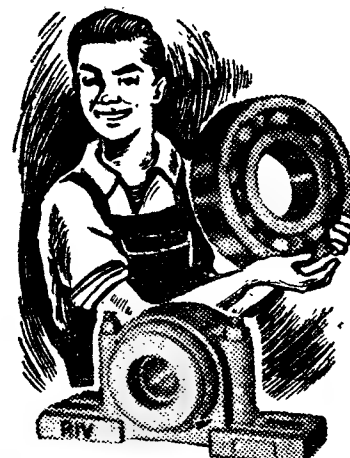
VIS-PEN

A CANETA MAIS IMITADA E NUNCA IGUALADA

UMA CANETA INVULGAR A PREÇO POPULAR ESC. 39\$04

Garantida pela fábrica contra todos os defeitos de fabrico

SOC. POLLUX, LDA.
R. dos Fanqueiros, 276
Descontos para revenda



RIV

ROLAMENTOS
E CHUMACEIRAS
PARA APLICAÇÕES
INDUSTRIAIS



ESMERADO FABRICO
ITALIANO

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

PELES HELEN

ULTIMOS MODELOS
VISON E ASTRAKANS
AOS MAIS BAIXOS PREÇOS

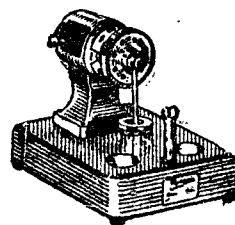
Av. António Augusto Aguiar, 3, 2.º, Dt.
Telef. 53735

ESCOLA DE ADULTOS

3.ª e 4.ª Classes — Telef. 662244
Exames c/ diplomas garantidos
Largo Chão do Loureiro, 1, 2.º

A SIMPATIA DO PUBLICO PELO SERVIÇO DE «TARIFAS»

Em cada mês transporta a C. P. cerca de 3 milhões de quilogramas de «tarifas» em volumes de 5, de 10, de 20 e de 30 quilogramas.
É uma prova da eficiência e perfeição deste serviço.



MAQUINAS DE APANHAR MALHAS NAS MEIAS «VAPEDRONE»

COM FACILIDADES
CASA VAPEDRONE
Rua da Vitória, 54-56 — T. 25632
ou MEIA DE VIDRO — Rua Augusta, 158
— LISBOA:
no PORTO — MOREIRA & LEITE, LDA.
— Rua Firmeza, 403

Feira das Mercês

A EMPRESA EDUARDO JORGE comunica que nos dias 19, 26 e 27 do corrente efectua carreiras consecutivas entre Benfca e Belém para a Feira das Mercês e vice-versa.

A EMPRESA

Leiam o «SEMPRE FIXE»

EVORA Pensão-Giraldo

o estabelecimento que serve bem por bem servir

Voltou á modalidade de
PENSÃO-RESTAURANTE

FEIRAS E ROMARIAS a realizar no mês de Outubro

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Outubro, as feiras e romarias que a seguir se indicam, a C. P. vende, em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos.

CASTRO VERDE-ALMODÓVAR — Feira Anual, em Castro Verde, nos dias 19 a 21.

TOMAR — Feira de Santa Iria, nos dias 19 a 24.

FUNDÃO — Feira Anual, no dia 20.

FARO — Feira de Santa Iria, nos dias 20 e 21.

OLEIROS E PARADES — Romaria a São Simão, em Oleiros, no dia 28.

CHAVES — Feira Anual dos Santos, nos dias 30 de Outubro e 2 de Novembro.

Os cartazes anunciadores destes serviços especiais podem ser consultados nas estações.

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

DESPREZO os denunciadores e informadores, mas, neste caso, tem de ser, pois parece-me que não há outro remédio! — exclamou o inspector Allan, abanando a cabeça.

— Parece que sim! — repetiram os seus dois ajudantes, sargentos Turnbull e Bayliss.

— Há quase três meses que o colar foi roubado, e estamos na mesma como no princípio — continuou o inspector. — Como vale cinquenta mil libras e pertence a Miss Wallingtry, ainda aparentada com o alto-comissário, isso mais complica as coisas. Nem se teria feito mais barulho se fossem roubadas as joias da Coroa!... Claro que o comissário e a companhia de seguros exigem-nos acção e resultados. Parece até, pela maneira como falam, que somos nós os culpados do roubo e não aquela descuidada e desmiolada mulher que deixa assim ao acaso um colar de cinquenta mil libras, como se fosse coisa de sucata. Sempre há gente que não tem a noção das responsabilidades! Ora, eu gostava de saber o que fariam certas pessoas se não houvesse a Polícia para olhar pelos seus interesses e lhes restituir as suas preciosas bugigangas, todas as vezes que se viam a deixar roubar!

Turnbull e Bayliss manifestaram a sua concordância, por meio de um som qualquer, e o inspector prosseguiu, ao mesmo tempo que enchia o cachimbo:

— Não sei para onde me hei-de virar! A princípio, ainda julguei que se tratasse de um furto doméstico, mas, como vocês sabem, averiguámos que o pessoal da casa nada tinha com o assunto. Quanto à gatunagem conhecida, o resultado foi o mesmo. Se Miss Wallingtry não fosse milionária,

A tragédia da Trafaria

Foi hoje removido do Hospital de São José para o Instituto de Medicina Legal, para ser autopsiado, o cadáver do pescador António Mário Caravela, vítima da tragédia da Trafaria.

Continuam em estado satisfatório os alvejados a tiro Angelo Caravela e Francisco Chaves de Almeida, que se encontram na sala de observações do Hospital de São José.

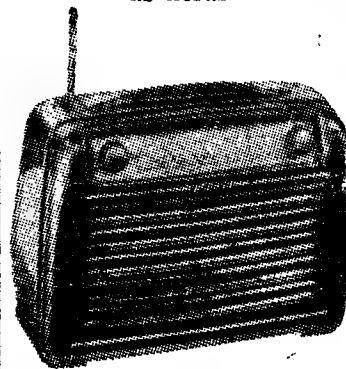
HOMENAGENS

Comandante da P. S. P.
de Vila Real

VILA REAL, 16 — As autoridades de todos os concelhos do distrito de Vila Real oferecem no dia 27, às 20 e 30, nesta cidade, um jantar de homenagem ao comandante distrital da P. S. P., sr. capitão Mário Sanches Vaz.

SCHAUBLORENZ AMIGO

O portátil de pilhas e todas as correntes para o campo, praia e lar; o amigo de todas as horas



Esc.: 2-370\$00
ainda outros modelos
à escolha

TAPETES FRANCESES

Desenhos Orientais
Nova Colecção

QUINTÃO

Casa Especializada
30, R. Ivens, 34

até diria que simulou o roubo para receber o dinheiro do seguro!... Despedindo-se dos dois homens, ordenou-lhes:

— Tragam-me cá o Benny, esta tarde! Encontram-no, com certeza, no «Café Norry», em Old Compton Street!

* * *

O homem ainda fez umas ligeiras objecções quanto a acompanhar os dois agentes. A meio do almoço, dispunha-se a dormir, depois, a sesta.

— Estive a pé a noite inteira, cuidando do petiz de um amigo que está doente! — disse ele aos «detectives».

E Turnbull e Bayliss falaram-lhe com simpatia, prometendo-lhe outro almoço, à sua custa, em qualquer das cadeias de Sua Majestade e ainda a oportunidade de dormir a sua soneca em qualquer das celas.

Benny mostrou-se convencido e acompanhou-os.

O inspector esforçou-se para fingir que estava muito contente por vê-lo, sem poder, contudo, simular que considerava o Benny como um mal necessário.

O delator, por sua vez, não pareceu impressionar-se com ostensiva antipatia. Já estava acostumado, e os seus sentimentos para com o inspector eram idênticos, excepto em considerar a Polícia como um mal desnecessário, embora, algumas vezes, lhe proporcionasse alguns ganhos.

— Então do que se trata? — perguntou, servindo-se de um dos cigarros do inspector, o qual, com ganhas de agarrá-lo pelo pescoço e o atirar pelas escadas, lhe comunicou:

— Precisamos de uma pequena informação: Que sabe você a respeito do colar de Miss Wallingtry?

— Nada!... a não ser que foi roubado já vai para três meses e a Polícia ainda anda a ver se descobre o pássaro que lhe deitou a garra...

— Não se preocupe com isso! — rosnou o inspector, olhando-o de revés. — O que queremos saber é se você nos pode dizer alguma coisa a respeito desse camarada...

— Talvez... Conforme o que que rendesse...

— Rende, rende! — garantiu o inspector. — Penso que a companhia de seguros não se recusaria a largar umas massas, como recompensa, se fosse encontrado o colar.

— Também me parece!... — exclamou Benny.

E, atirando com a ponta do cigarro para o soalho, embora estivessem dois cinzeiros em cima da mesa, foi dizendo:

— Mesmo com uma das pérolas

defeituosa, o colar vale cinquenta mil libras, e o inspector vem-me falar «numas massas» como recompensa!... — Está bem; está bem! — acudiu o inspector. — Poderemos entrar noutros pormenores, quando o colar aparecer. Agora, o caso é com você!

— Não vai ser assim tão fácil... — resmungou o servilheta. — Pode ser que o colar tenha sido feito e, a estas horas, já esteja vendido no estrangeiro!...

— Não! não foi! O caso teve tar-

jinhos — disse de si para si. — Pensam que não há nada mais próprio que um ladrão para apanhar outro ladrão! Parece-me que o inspector morria com o choque, se adivinhasse que mandou um ladrão agarrar-se ele mesmo...

Na realidade, Benny, já farto de andar aos cobres, como diriam os seus colegas americanos, resolveu dar um grande golpe. Tivera a sorte de todos os principiantes e viu-se, por acaso, com o famoso colar de Miss Wallingtry na mão,

Pérola falsa no colar

Texto integral

do conto de

Michael Hervey

ga publicidade, com a descrição minuciosa do colar e as saídas do país estão todas bem vigiadas. A estas horas, quer-me parecer, o tipo que o roubou não sabe o que lhe há-de fazer; e isso, até certo ponto, facilita a sua restituição.

— Talvez tenha razão! — admitiu Benny, mas com ar relutante. Voltou, no dia seguinte, parecendo muito satisfeito:

— Trago boas notícias, inspector! Estou na pista do colar, ou, para dizer melhor: achei-o. O bando que o roubou concorda em entrar em negociações e pediu-me para conseguir que o inspector arranque a companhia de seguros cinco mil libras de recompensa pela entrega do colar. Mas não se esqueça de um pequeno acréscimo para mim!...

— Bem! parece-me que isso se pode arranjar! — concordou o inspector. — Mas... quem faz parte da quadrilha?

— Lá isso não lhe digo! São tipos duros de roer, e se eu desse a língua, que valeria a minha cabeça? Tem de se contentar em receber o colar de volta!

— Compreendo... — respondeu o inspector, falando vagarosamente. — Está bem! Você traz-me aqui o colar amanhã, e eu respondo pelo resto!

— Está combinado! — concordou Benny, agarrando numa duzia de cigarros do inspector.

Uma vez na rua, largou as galgaduras.

— Estes polícias são mesmo «an-

mas, infelizmente, não o podia vender. Agora, porém, isso não importava. A Polícia ia ajudá-lo a livrar-se dele, por cinco mil libras, como intermediária junto da companhia de seguros. Assim, poderia enganhar mais uns tantos golpes e ajudar a Polícia a recuperar as coisas roubadas, sem medo nem risco de denunciar alguém. Não admirava, pois, que risse de satisfeito.

Logo no outro dia, pela manhã, apresentou-se com o colar, como fora combinado, recebendo as cinco mil libras e mais qualquer coisa para ele.

— Obrigado, inspector — ia ele a dizer, mas Turnbull e Bayliss deram, também, mais qualquer coisa — a sua contribuição, na forma de um reluzente par de algemas.

— Então que é isso? — perguntou, quando, por fim conseguiu articular palavra.

— Você fala demais — condensou o inspector em dizer-lhe. — A pérola defeituosa, lembra-se?

— Essa agora! Pois eu li isso nas notícias publicadas pela Polícia!...

— Pois leu!... Mas acontece que esse pormenor não foi mencionado. De facto, tivemos conhecimento dele esta manhã, quando Miss Wallingtry telefonou para nos dizer que só agora lhe ocorrera o pormenor!

E o inspector fez sinal aos dois agentes para meterem Benny no calabouço.

Vida mundana

PASSAGEM DE MODELOS

Durante um chá de caridade, no Aviz Hotel, que reuniu a mais alta sociedade lisboeta, incluindo a esposa de Sua Ex.ª o Presidente da Republica, efectuou-se uma bela passagem de modelos, com vestidos de Ana Maravilhas e peles de David Kit.

O conceituado peleiro David Kit, apresentou pela primeira vez em Portugal, entre os vários modelos «vibidos», um casaco de «Vision Palomino», de grande novidade, o qual deslumbrou a assistência presente. Além deste modelo, de grande valor, apresentou igualmente um casaco de «Vision Royal Pastel» e um outro de «Vision Diamante Negro», os quais igualmente despertaram interesse na assistência e foram muito elogiados.

Urbanização de Évora

EVORA, 18 — Em consequência de uma estimativa elaborada pela repartição técnica da Camara Municipal, que prevê como necessária a verba de 4.500 contos para expropriações, demolições e remoção de entulhos de vários prédios da Rua Miguel Bombarda, verba esta que parece exceder a que foi autorizada á Associação do Legado Operário de Évora, que colaborava com o Município nos trabalhos previstos para o alargamento de parte daquela artéria, está comprometida a realização desta obra de urbanização que muito beneficiaria aquela zona comercial da cidade.

Espera-se, ainda, contudo, uma diligência a efectuar pelos presidentes da Camara e daquela instituição mutualista.

ANIVERSÁRIO

da Academia

Luís Almeida Grandela

Principiam depois de amanhã as cerimónias comemorativas do 47.º aniversário da fundação da Academia de Instrução e Recreio Luís Almeida Grandela, as quais se prolongarão até ao dia 2 do próximo mês. Entre as várias cerimónias previstas figuram uma sessão solene, um baile, um torneio de ping-pong, uma desfilada de futebol e um almoço de confraternização.

Finalmente AMANHÃ
MAR BRAVO?

ESTES SÃO OS 3 MODELOS POPULARES DAS FAMOSAS MARCAS

165 = L 150 = L 10,52 pes cub

MODELOS DE PORTA COM CHAVE

Sigma Breda Gibson

EXPOENTE DE QUALIDADE A BAIXO PREÇO GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO 5 ANOS DE GARANTIA UNIDADES OLIMPIADAS INTEIRAMENTE SILENCIOSAS

REPRESENTANTE:

ESTABELECIMENTOS Sida, LDA.

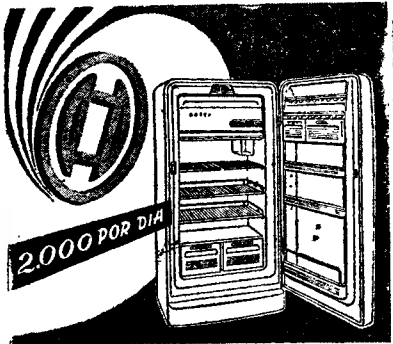
RUA DE S. NICOLAU, 46 - LISBOA

A morte do Papa Pio XII

(Continuação da 1.ª página)
 à biblioteca particular do Papa, e a senhora Boothe Luce. — (A. N. I.).

A chegada de Foster Dulles

ROMA, 18 — Chegou ao aeroporto de Ciampino, o secretário de



BOSCH

O 1.º FRIGORÍFICO ALEMÃO
 em qualidade, economia, técnica
 e preço

Os frigoríficos BOSCH de fama mundial são agora produzidos no ritmo de 2.000 por dia

6 modelos diferentes. Todos os tamanhos. Preços acessíveis. Facilidades de pagamento. Assistência técnica eficiente.



Ministério do Ultramar

Repartição do gabinete
 Secção de Marinha

Faz-se publico que pelo prazo de 60 dias, a contar da data da publicação no «Diário do Governo», está aberto na Secção de Marinha do Ministério do Ultramar concurso documental para provimento do lugar de Director da Estação de Biologia Marítima da Inhaca (Província de Moçambique), criado pelo Decreto n.º 38.980, de 8 de Novembro de 1952.

A este concurso serão admitidos indivíduos formados em Ciências Biológicas, especializados em Biologia Marítima e que apresentem a sua petição em requerimento dirigido a Sua Ex.ª o Ministro do Ultramar, com a assinatura reconhecida por notário e com indicação do seu domicílio habitual, provando com documentos satisfazer aos seguintes requisitos:

- a) — Ser cidadão português;
 - b) — Maioridade;
 - c) — Habilitações:
- 1 — Curso superior adequado ao exercício do respectivo lugar;
 - 2 — Ser especializado em Biologia Marítima;
 - 3 — Apresentar trabalhos científicos da sua autoria, especialmente sobre Biologia Marítima.
 - d) — Idoneidade civil (Registos criminais da naturalidade e da residência).
 - e) — Capacidade profissional (documento provando que não está de licença ilimitada, aposentado ou reformado ou demitido por motivo disciplinar).
 - f) — Aptidão física;
 - g) — Certificado de vacinas;
 - h) — Cumprimento dos deveres militares;
 - i) — Posse do bilhete de identidade;
 - j) — Declaração a que se refere o artigo 80.º do Estatuto do Funcionalismo Ultramarino;
 - k) — Declaração a que se refere o Decreto-Lei n.º 27.003;
 - l) — Declaração a que se refere a Lei n.º 1.901;
 - m) — Bom comportamento moral e civil;
 - n) — Informação confidencial a que se refere o Decreto n.º 25.317, de 13 de Maio de 1935.

E' condição de preferência: Saber falar correntemente as línguas francesa ou inglesa.

NOTA: — O vencimento orçamentado é de Esc. 108.000\$00 anuais acrescido de 20% de subsídio de isolamento ao abrigo do disposto na Portaria Provincial de Moçambique, n.º 12.219, de 7 de Dezembro de 1957.

Ministério do Ultramar — Secção de Marinha, 16 de Outubro de 1958.
 O Chefe da Secção.
 Luís Manuel Vianna Patacho
 Capitão-tenente.

Estado, Foster Dulles, que vem representar o Governo dos Estados Unidos nas cerimónias religiosas à memória de Pio XII.

— O falecimento de Sua Santidade — declarou Dulles — entristeceu o Mundo inteiro, mas o património que nos deixou perdurará sempre na memória dos homens. A força de vontade, a coragem, as directrizes de Pio XII mantiveram viva a fé numa justa paz. Sentimo-nos muito honrados em representar o presidente dos Estados Unidos na solene missa de «Requiem», que será celebrada, amanhã, em São Pedro.

Dulles, que é acompanhado por Clara Booth-Luce, que exerceu o cargo de embaixador em Roma, e por MacCone, director da Comissão de Energia Atómica, foi cumprimentado, no aeroporto, por mons. Benincasa, da Secretaria de Estado; pelo embaixador americano em Roma e altos funcionários do Palácio Chigi. — (F. P.).

Os preparativos para o Conclave

CIDADE DO VATICANO, 18 — Os aposentos de Pio XII estão prontos para receber o seu sucessor. A comissão de quatro cardeais, encarregada de tratar dos aspectos materiais do próximo Conclave, visitou os aposentos e resolveu que não sejam utilizados durante a reunião do Conclave, a fim de estarem prontos a receber o novo Papa, imediatamente depois da eleição. As salas no andar superior aos aposentos do Padre Santo vão ser utilizadas para o Conclave.

Entretanto, os altos dignitários do Vaticano que vivem na ala do palácio apostólico, que deverá ser selada para o Conclave, principiaram já a abandonar os seus aposentos. Estão neste caso mons. Carlos Grano, pró-secretário, assistente de Estado; Callori di Vignale e Nasalli Rocca, que foi camareiro secreto de Pio XII. Mons. Angelo Dell'Acqua, cujos aposentos se encontram, também, na área do Conclave, pôde ficar neles, pois têm acesso por uma porta lateral.

Duas irmãs do Instituto de Santa Marta, no Vaticano, foram escolhidas para cozinhareem as refeições dos cardeais, durante o Conclave. — (A. N. I.).

ROMA, 16 — Os círculos autorizados desmentem, categoricamente, que o presidente Amintore Fanfani tenha dado ao embaixador da Itália na Santa Sé instruções sobre as preferências do Governo quanto à escolha do Sacro Colégio.

Acrescentam que todas as informações, publicadas a esse respeito não têm qualquer fundamento. — (France Presse).

Acusação a um médico de Pio XII

ROMA, 18 — O prof. Ricardo Galeazzi Lisi, médico de Pio XII, durante muitos anos, foi hoje acusado pela Associação Médica de Roma de vender a imprensa notícias confidenciais e pormenores sobre as últimas horas do Pontífice. — (Efe).

Exéquias em Lisboa

A embaixada de Espanha mandou celebrar, na igreja de S. Roque, hoje solenes exéquias por alma de Pio XII.

O templo foi decorado, interior e exteriormente, e no transepto foi colocada uma grande essa encimada por um rico pano bordado a ouro. Celebrou a missa solene de «Requiem» o rev.º padre da Ordem dos Carmelitas, Eliseu Maria Maia, acolitado pelos reverendos da mesma Ordem, Bartolo Lurvuik e Elias Maria Manso.

No transepto e junto à entrada da capela-mor, sentavam-se o embaixador de Espanha e todo o pessoal superior da embaixada e do consulado daquela país em Lisboa. No corpo da igreja viam-se representações das instituições espanholas na nossa capital, tais como Instituto Espanhol, Juventude Galícia e Centro Espanhol e muitos membros da colónia espanhola.

A cerimónia religiosa começou e terminou com o hino nacional espanhol.

Exéquias em Braga

BRAGA, 18 (Pelo telefone). — Na catedral celebraram-se solenes exéquias em sufrágio da alma do Papa Pio XII. Presidiu o arcebispo primaz acolitado pelos membros do cabido e assistiram o governador civil, o presidente da Camara, o comandante militar, comandante do regimento de Infantaria 8, presidente da Junta de provincia do Minho, directores dos estabelecimentos de ensino e ainda de organismos da Acção Católica. A meio da nave central foi colocado um catafalco sobre o qual se via uma urna encimada pelas insignias pontificias rodeada de candelabros acesos. Após os officios o arcebispo celebrou missa de «requiem» finda a qual subiu ao pulpito o bispo auxiliar, D. Francisco Maria da Silva, que proferiu o elogio fúnebre do Papa Pio XII. No final, o arcebispo, junto do catafalco, e rodeado de todo o cabido, lançou as absolvições ao ritual. O orféo do seminário, sob a direcção dos mestres dr. Manuel Faria e padre Alberto Brás, colaborou nas cerimónias.

O monumento ao Papa, no Largo da Senhora-a-Branca, encontra-se com o pedestal envolto em crepes.

A retirada das tropas britânicas da Jordânia

AMAN, 18 — Em vésperas de começar, oficialmente, a evacuação das tropas britânicas, reina a maior tranquilidade na capital da Jordânia.

Muitas colunas de camiões, emprestados pelo Exército jordano, vão já a caminho pela extensa estrada que conduz ao unico porto do país, o de Akaba, no Mar Vermelho, transportando o material pesado. Partiu para Akaba, de avião um batalhão que ali embarcará para o Quénia.

A presença das tropas britânicas, que, ao contrário do que sucedeu com a das forças americanas no Líbano, foi, desde 17 de Julho, muito discreta, é agora quase completamente invisível. Parece mesmo que a muitos habitantes de Aman, que nunca vão às proximidades do aeródromo onde se instalaram no máximo uns 3.000 homens, essa presença passou quase despercebida. Trata-se, como é evidente, de uma política decidida de acordo com as autoridades jordanas, pois o comando militar britânico ainda não esqueceu a expulsão de Glubb Paxá, nem as manifestações que assinalaram as tentativas do general Templer para fazer entrar a Jordânia no Pacto de Bagdad. — (F. P.).

O movimento previsto do pessoal da B. O. A. C.

LONDRES, 18 — Vai ser nomeada uma comissão para tentar pôr termo à greve dos 4.000 empregados dos «serviços de manutenção» da B. O. A. C., movimento que dura há cinco dias e imobilizou todos os aviões que se encontram em Londres. — (F. P.).

Motins políticos na Turquia causaram dezenas de feridos

ANKARA, 18 — Uma grande desordem opôs, durante a noite, em Zile, vila da provincia de Tokat, na Turquia setentrional, forças das policas militar e civil a grande massa de partidários populistas, que se juntaram à passagem do chefe do Partido Republicano do Povo, o antigo presidente da Republica, Ismet Inonu.

Invocando a lei que proíbe as reuniões publicas sem autorização, a Policia tentou dispersar os manifestantes que se recusaram a acatar as suas ordens. Os agentes fizeram fogo para o ar e os bombeiros regaram a assistência. Houve, então, uma desordem geral na qual participaram os deputados da comitiva de Ismet Inonu. Contam-se umas dezenas de feridos e a Policia fez prisões. — (F. P.).

Três mortos na explosão

de um tanque de gás

LONDRES, 18 — Morreram três homens e ficaram feridos 32, pela explosão de um tanque de gás metano, numa fábrica perto de Altrincham. Na maioria, os feridos sofreram queimaduras graves, tendo sido hospitalizados.

As autoridades iniciaram imediatamente um inquérito sobre as causas do incêndio, que parece ter começado com «ruídos» num tanque. A explosão destruiu as instalações da fábrica. — (A. N. I.).

FOGÕES
A. MARTIN
 GAZCIDA ou GÁS da cidade



OFICIALMENTE APROVADOS E ESTAMPANHADOS

NA CIDADE, NO CAMPO, NA PRAIA,
 ONDE QUER QUE ESTEJA, PODE USAR
 ECONOMICAMENTE O FAMOSO
**A. MARTIN. UM FOGÃO GRANDE E
 DE LUXO PELO PREÇO DUM PEQUENO
 FOGÃO VULGAR**

**A. MARTIN REPRESENTA 100 ANOS DE EXISTÊNCIA
 AO SERVIÇO DAS DONAS DE CASA DE TODO O MUNDO**

**APRESENTAÇÃO LINDÍSSIMA EM PURO ESMALTE
 BRANCO ALTAMENTE RESISTENTE**

**UM FOGÃO DE CATEGORIA
 AO ALCANCE DE TODOS**

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45 - Telef. 59181 - 2-3 - LISBOA

ACESSÓRIOS E PEÇAS PARA TODAS AS MARCAS DE VEÍCULOS AUTOMÓVEIS

**ESTES 5 RESSALTOS
 PODEM OFERECER-LHE
 MAIOR POTÊNCIA**

O isolador de 5 ressaltos, exclusivo da Champion, oferece-lhe uma protecção 20% maior contra curto-circuitos do que um isolador liso... ajuda a assegurar uma faísca perfeita, a qual permite obter do motor toda a potência e rendimento para que foi criado.

CHAMPION

Para um rendimento perfeito de qualquer carro, substitua as velas sujas, gastas e queimadas por velas novas, Champion de 5 ressaltos.

Representantes
C. SANTOS LDA.
 Lisboa - Av. da Liberdade, 29-41
 Porto - R. de Sta. Catarina, 100-108
 Coimbra - Av. Fernão de Magalhães, 70-78

ACESSÓRIOS E PEÇAS PARA TODAS AS MARCAS DE VEÍCULOS AUTOMÓVEIS

DIÁRIO DE LISBOA

alguns SENTIMENTOS

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — As 21 e 45 — «A rainha do ferro-velho».
COLISEU — As 20.30 e 22.45 — «Fogo no Pandeiro».
MARIA VITÓRIA — As 20.30 e 22.45 — «Por causa delas...».

CINEMAS

TIVOLI — «O homem que queria ser amado».
SAO LUIZ — «Os irmãos Karamazov».
SAO JORGE — «Escola do crime».
IMPERIO — «Os dez mandamentos».
EDEN — «Tempo para amar e tempo para morrer».
POLITEAMA — «O bote dos mal-ditos».
ALVALADE — «Os irmãos Karamazov».
MONUMENTAL — «A árvore da vida».
ROMA — «Nathalie».
OLIVIA — «A ferida luminosa».
CONDES — «Os carrascos do mar».
AVIS — «A radariga das violetas».
RESTELO — «O adeus às armas».
OLIMPIA — «O rival de King Kong».
IDEAL — «Baionetas caladas».
PROMOTORA — «O homem das mil caras».

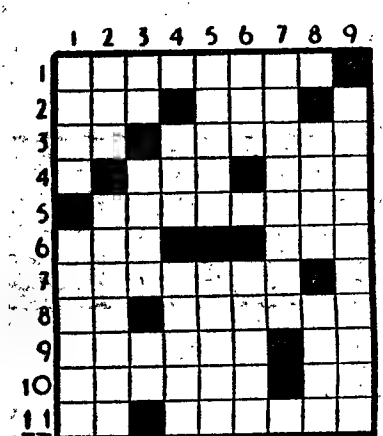
EFEMERIDES

No dia 18 de Outubro de 1860 morreu o poeta brasileiro Casimiro de Abreu.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1393



HORIZONTAIS: 1 — Emplastrete. 2 — Santo. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 3 — Porco. Matérias vegetais, mais ou menos carbonizadas, que servem de combustível. 4 — O qual. Aqui está. 5 — Correia com quistos. 6 — Cem metros quadrados. Epiderme. 7 — Veracidade. 8 — Pronome pessoal (inv.). Território a NO da América do Norte. 9 — Comprimento. Idem (abrev.). 10 — Transferida. Imperfeita. 11 — Nome de letra grega. Indivíduos muito parecidos com outros.

VERTICAIS: 1 — Pronome demonstrativo. Advertir. 2 — Negativa. Fendido. 3 — Te o. Deseja. Grito de dor. 4 — Cidade da Galiza. Propensas. 5 — Arrufes. Com asas. 6 — Pareilha. Entregada. 7 — Adornos. 8 — Serra do distrito de Santarém. Cume. 9 — Maduras.

Resolva completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1392

HORIZONTAIS: 1 — Espiada. 2 — NAO. Safas. 3 — Lá. Rios. 4 — Oca. 5 — Cã. PASSES. 6 — Arcado. 7 — Rã. O. Cri. 8 — PE. An. 9 — Calzeta. 10 — ALEM. Mar. 11 — DA. MÃO. Sá.

VERTICAIS: 1 — Endocampo. 2 — Sá. Carie. Aa. 3 — Pola. Cã. Gl. 4 — Pã. Saem. 5 — As. Pado. Imã. 6 — Dar. Só. IX. 7 — Afias. Em. 8 — Ao. Erratas. 9 — Assassinará.

(Provérbio: NÃO PASSES O PÃO ALEM DA MÃO).

HA TRINTA ANOS

«Liquidei todos os meus teatros brasileiros para mais tranquilamente me poder dedicar ao «roullement» de companhias europeias para a América» — dizia ao «Diário de Lisboa», no dia 18 de Outubro de 1928, o empresário José Loureiro, que acrescentava: «As companhias portuguesas continuaram tendo a minha preferência e posso já adiantar que nesta temporada levarei mais duas ao Brasil. O publico brasileiro prefere-as sempre que saibam aproveitar as vantagens da raça e da língua, e sem esquecer que ao Brasil vão as melhores companhias do Mundo».

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — As 18, noticiário e danças; 19 e 40, operetas; 19, desdobramento; 21, noticiário; 21 e 15, desdobramento; 23 e 45, noticiário.

Programa «A» — As 19, emissão infantil; 19 e 30, trechos em piano; 19 e 45, Aguardela brasileira; 20, jornal sonoro; 20 e 15, musica ligeira sinfônica; 20 e 30, que quer ouvir?; 21, junção dos emissores; 21 e 30, comentário político, programa da União Nacional; 21 e 45, serão para trabalhadores, organizado pela Emissora Nacional e pela F. N. A. T. e transmitido do ginásio do Liceu Camões. No intervalo, vozes do Mundo, revista mundial de som; 23 e 30, danças.

Programa «B» — As 18, transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, do 1.º concerto da série, organizada pela E. N., em que colabora a Orquestra Sinfônica Nacional, dirigida pelo maestro Malcolm Sargent. No intervalo, noticiário regional e tempo de poesia; 20 e 15, canções, de Schubert, Brahms e Loewre; 20 e 30, musica de câmara: «Sonata em lá maior», de César Franck, para violino e piano, por Henry Koch e André Dumortière; 21, junção dos emissores; 21 e 15, 3.º acto da ópera «La Fanciulla del West», de Puccini, por solistas, coro e orquestra da Rádio Italiana, sob a direcção de Arturo Basile; 21 e 45, radiodrama: «Eugénia Grandet», de Balzac, numa tradução e adaptação de Alice Ogando; 22 e 45, que quer ouvir?; «Sonata Apassionata», de Beethoven, por Backhaus e «Septimino, em mi bemol maior», de Beethoven, pela Associação de Musica de Camara e a Orquestra Filarmónica de Berlim.

RADIO CLUBE — As 17 e 30, variedades; 18, ritmos de baile; 18 e 30, fados e guitarradas; 19, um conselho; 20 e 15, apontamento do dia; 20 e 20, solistas; 20 e 30, onda desportiva; 21, imagens por musica; 21 e 30, língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, trechos recreativos; 22 e 30, cultura espanhola; 22 e 45, canções; 23, concerto; 23 e 30, ritmos de baile, do Casino Estoril; 23 e 45, agenda; 23 e 50, conjuntos; 0 e 30, noticiário; 0 e 40, ritmos de baile.

Estação de Miramar — As 18, paisagem infantil; 18 e 30, canções; 19, palestra de língua portuguesa; 19 e 15, motivos portugueses; 19 e 30, isto é Portugal; 20, boletim informativo; 20 e 10, conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, vida desportiva; 21, noticiário; 21 e 15, canta Vic Damone; 21 e 30, orquestras ligeiras; 22, programa para a mulher; 22 e 5, Brasil; 22 e 30, conjuntos instrumentais; 22 e 45, melodias; 23, trechos de operetas; 23 e 30, artistas portugueses; 0, ritmos de baile, da Canoa; 0 e 16, ritmos de baile; 0 e 28, sumário.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 30, terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 25, boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, conjunto de R. Carosone; 20, musica para o seu jantar; 20 e 30, noticiário; 20 e 55, meditando; 21 e 5, as ultimas novidades; 21 e 30, canções francesas; 21 e 50, melodias; 22, musica sinfônica; 22 e 45, noticiário; 22 e 57, boletim religioso; 23, serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; 22 e 1, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, às 21, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, «Tele-Desporto»; 21 e 30, «O Agente Radio-Activo»; 22 e 15, jornal de actualidades internacionais; 22 e 30, «Na rua e na estrada»; 23, programa cultural; 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas noticias; e 23 e 30, fecho da emissão.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Estão a pagamento durante o corrente mês os seguintes:

Contribuição industrial — A terceira e quarta prestação trimestrais tendo a terceira juros de mora.

Contribuição predial — A terceira e quarta prestações trimestrais, tendo a terceira juros de mora.

Imposto profissional — Profissões liberais e assalariados — A terceira e quarta prestações trimestrais, tendo a terceira juros de mora.

Imposto complementar — A primeira e segunda prestações das colectas iguais ou superiores a 2.000\$, tendo a terceira prestação juros de mora.

TAXA MILITAR

A anuidade do ano de 1958 que não foi paga até ao fim do mês de Maio com taxa simples, isto é sessenta escudos, pode ser paga este mês e até ao fim do corrente ano com a taxa elevada ao dobro, posto o que relaxará, sendo, então, paga com custas e selos do processo.

IMPOSTO DE INCENDIOS

Pode ser pago até ao dia 30 de Outubro corrente, com juros de mora, posto o que, findo este prazo, relaxará.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL — GRUPOS B e C

Rendimento ilíquido presumível para 1959 — Convém pedir informações na secção de finanças competente, acerca da data em que a fixação do rendimento tributável para o ano económico de 1959, se encontra em reclamação.

Da fixação do rendimento tributável de cada contribuinte poderá reclamar-se, no prazo de quinze dias, contados da data em que a mesma for anunciada por editais.

Sociedades anónimas e comanditistas por acções: — Lançamento para 1959 — As sociedades coloniais ou as que tenham de aguardar do estrangeiro elementos essenciais à sua escrita poderão fazer, ainda, até 30 de Novembro próximo futuro, a apresentação de:

a) Um exemplar dos estatutos sempre que houver alteração dos mesmos;

b) Declaração do modelo oficial;

c) Certidão passada pela respectiva camara de corretores, com a cotação média das suas acções no ultimo ano civil;

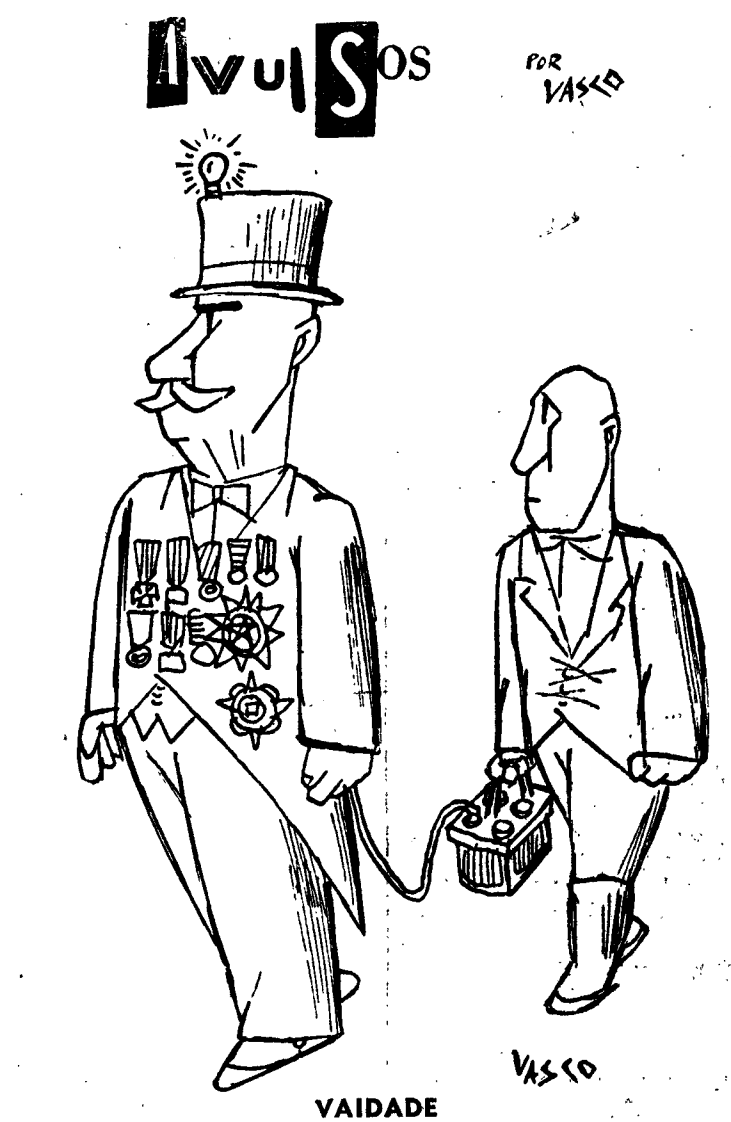
d) Um exemplar do ultimo relatório aprovado pela assembleia geral.

IMPOSTO SOBRE A APLICAÇÃO DE CAPITAIS — SECÇÃO B

Dividendos distribuídos: — Abandonado — Quando os dividendos não sejam postos a pagamento por uma só vez, considerar-se-á abandonada a favor do Estado cada uma das prestações em relação a qual, desde o dia indicado para começar a sua cobrança, haja decorrido o prazo de cinco anos, estabelecido no artigo 69.º do decreto n.º 10.634, de 20 de Março de 1925.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNIO C — União — Estrada de Benfica. 592-594. Tel. 780092. Vitec — Estrada de Benfica. 373-H. Tel. 780548. Curie — Avenida Madame Curie. 15-A. Tel. 778439. Leal de Matos — Rua Neves Costa 33-35. Carmide — Tel. 780181. Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata. 160-162. Tel. 761035. Central do Lular. 77. Tel. 779430. Brasil — Avenida Rio de Janeiro. 66-68-A. Tel. 722368. Sanex — Avenida da Igreja 31-C. Tel. 776905. Belmar — Avenida de Roma 53-A. Tel. 776314. Algarve — Avenida de Roma. 7-H. Tel. 777478. Garantia — Avenida Padre Manuel da Nobrega 5-A-B. 9 Praça do Azeite. Tel. 727307. Onilda — Avenida João XXI. 13-A. Tel. 726348. Campo Pequeno (Do) — Avenida da Republica 58-D-E. Tel. 771661. Vale — Avenida Marques de Tomar. 45-49. Tel. 773043. Universal — Rua Actor Taborda 5-7. Tel. 44159. A — Novais — Avenida Luis Bivar 11-13. Tel. 44324. Ascenso — Rua 27 41. Bairro da Encarnação. Tel. 359216. Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia. 19. Tel. 389237. Conceição — Calçada D. Gastão 30-32. Tel. 381279. Pereira. Suc. R. do Paraíso. 98-100. Tel. 863224. Silva — Calçada de Santo André 16. Tel. 862074. Branquinho — Rua dos Sapadores. 87. Tel. 842725. Luzmar — Rua 2. 16. Bairro de Santa Engrácia. Tel. 723395. Iberla



—Rua Barão de Sabrosa, 235-A. a PALAVRAS CRUZADAS

Alameda. Tel. 728277; Bastos — R. Moraes Soares. 91-D. Tel. 844350; Castro — Avenida Almirante Reis. 76-A-B. Tel. 44373; Peninsular — Campo dos Mártires da Pátria. 117-118. Tel. 53308; Vicente de Jesus — Largo do Rato. 3-C-D. Tel. 941947; Salutar — Rua B. 75-A-B. Bairro da Liberdade. Tel. 633694; Júdice de Oliveira — Rua de Campolide. 54-A. Tel. 694424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique 131-133. Tel. 663640; Janeiro — Avenida Alvares Cabral. 100. ao lado do Liceu Pedro Nunes. Tel. 661453; Tagus — Praceta Possidónio da Silva lote 3. Tel. 669495; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório. JPM 3. Tel. 610256; Gomes Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira. 326. Tel. 638193; Costa — Rua dos Lusitadas 32. Tel. 636704; A César — Rua Prior do Crato. 74. Tel. 660187; Guerreiro da Costa — Rua das Janelas Verdes 90. Tel. 662327; Mota Capitão — Rua de S. Félix 45-A-B. Tel. 660720; Fénix — Rua da Cruz dos Poais. 52. Tel. 21031; Santas — Praça Luis de Camões. 24. Tel. 22798; A — Liberal — Avenida da Liberdade 217-219. Telef. 43641; Ferrão — Rua da Mouraria 12. Tel. 960464; Portugal — Rua Augusta 216-218. Tel. 22073; A — Farmácia Remísio — Rua dos Jerónimos, 14-C. Telefone 631699.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era moderado de Nordeste e o Céu estava pouco nublado, por acção de uma massa de ar seco, transportada e a circulação de um anticiclone, centrado a Sul da Irlanda.

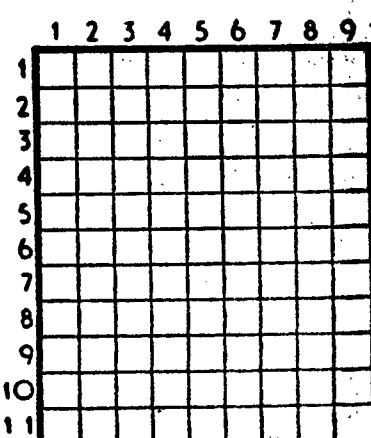
Temperaturas registadas hoje, às 12 horas: Lisboa e Porto, 20º; Coimbra, 19º; Faro, 23º; Funchal, 28º; Ponta Delgada, 23º; e Penhas Douradas, 10º.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu geralmente limpo; vento fraco ou moderado de Nordeste; descida de temperatura.

O «Diário de Lisboa» vende-se em MONTE-MOR-O-NOVO, na casa Joaquim R. Amaro.

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3479



HORIZONTAIS: 1 — Fasco. Estimador. 2 — Vazias. Nome de um jogo. 3 — Gasta. Escudeiro. 4 — Comparecias Acusado. 5 — Lodaçais. 6 — Em a. Preposição. 7 — Porém. Título dos bispos maronitas. 8 — Preposição e artigo. Navegador português que descobriu o rio Zaire. Artigo definido. 9 — Ribomba. Cidade que foi durante muito tempo senhora do Mundo. 10 — Algarismo. Rio do Norte de Portugal. Parecência. 11 — Tema. Imposto de transmissão.

VERTICAIS: 1 — Desacompanhado. Pau ferro. Peixe escumbado. 2 — Recuar. Doença do gado cavalari. 3 — General de Napoleão que comandou a 3.ª invasão francesa. 4 — Pegã. Cidade da Arábia. 5 — A ti. 6 — Fileira. Dilações. 7 — Terra dos Moiros. 8 — Levei á sirga. Ramagens. 9 — Letra grega. Gasto. Nome de mulher.

Solução do problema n.º 3478

HORIZONTAIS: 1 — Base. Sena. 2 — Santana. 3 — Fera. 4 — Os. Ema. Ex. 5 — Bela. Bala. 6 — Ideal. 7 — Rama. Taft. 8 — Ara. Soa. 9 — No. Pia. Rs. 10 — David. 11 — Amal. Sabe.

VERTICAIS: 1 — Soberania. 2 — As. Se. Aro. 3 — Sai. Lima. Da. 4 — Entenda. Pal. 5 — Tem. XIV. 6 — Sarabat. Ais. 7 — Ena. Alas. Da. 8 — Na. El. For. 9 — Exaltasse.

LENÇOS

de SEDA e de Lã

NOVIDADES

TORRE EIFFEL

104 — RUA DO CARMO — 106

Os peronistas desencadearam violentos motins, com atentados em Buenos Aires e noutros pontos da Argentina

BUENOS AIRES, 18. — Embora as 62 organizações sindicais peronistas tivessem decidido não fazer ontem greve, assinalando o «Dia da Lealdade Peronista», o trabalho parou por completo em três empresas frigoríficas dos arredores da capital e numa cm. Rosário, calculando-se que, nesta última cidade, mais de 40.000 operários não se apresentaram ao trabalho.

Em Beriso, localidade industrial, os peronistas que tentavam organizar uma manifestação, foram dispersos pela Polícia, mas não deixaram por isso de largar fogo a um «eléctrico».

Na capital, pouco depois da meia-noite, mais de 1.000 manifestantes, aos gritos de «Viva Perón!» e atirando manifestos com a inscrição «Perón ou a Morte!» tentaram reunir-se na Praça de Maio, mas foram rapidamente dispersos pela Polícia montada e por um esquadrão equipado com gases lacrimogéneos. Mais tarde, os peronistas tentaram reagrupar-se noutro local, mas foram, de novo, dispersos com o emprego de bombas daqueles gases.

A Polícia fez numerosas prisões e foram canceladas todas as licenças de forças da terra, mar e ar, que se encontram de prevenção.

Pouco antes da meia-noite, um informador oficial do Ministério do Interior anunciou que as forças armadas tinham o «controle» da situação e que a ordem e a tranquilidade eram agora absolutas em todo o país. — (F. P. e A. N. I.)

A luta causou vítimas

BUENOS AIRES, 18. — Seis potentes bombas explodiram nos subúrbios e houve graves motins entre elementos peronistas e antiperonistas, o que obrigou as forças de segurança a intervir para restabelecer a ordem.

Os estragos materiais são muito elevados e há notícias de ter havido mortos e feridos, mas ignora-se o seu numero.

Houve tiroteio entre a Polícia e os desordeiros, que incendiaram carros eléctricos, autocarros, automóveis e praticaram outras violências.

Em Tucuman mais, de 11.000 manifestantes gritaram: «Viva Perón! Queremos Perón no poder!».

Nos arredores de Rosário, a segunda maior cidade de Argentina, onde os operários peronistas não compareceram ao trabalho e a indústria esteve virtualmente paralisada, ocorreram, em Saladillo e Alberdi, numerosos actos de violência. Os elementos peronistas lançaram fogo a um autocarro e a três automóveis. A Polícia fez fogo de metralhadora sobre um grupo de peronistas que tentava bloquear a linha do caminho de ferro, em Rosário.

Em Avellaneda, mais de 3.500 peronistas levantaram barricadas, numa tentativa para paralisar o tráfego, mas intervieram mil polícias com capacetes de aço que dispararam sobre os desordeiros, dispersando-os.

Em diversas buscas, feitas na capital, durante a madrugada, pela Polícia, foram encontradas andes quantidades de armas, munições e material de propaganda peronista. — (A. N. I.)

A viagem de Dulles à Formosa tem por fim explicar a atitude dos Estados Unidos no caso das ilhas costeiras

WASHINGTON, 18. — O objectivo imediato da viagem de Foster Dulles à Formosa — depois de assistir, em Roma, ao funeral de Pio XII, é reafirmar — segundo se declara nos círculos oficiais — a solidariedade que existe entre os Estados Unidos e a China nacionalista. A chegada de Dulles é anunciada, oficialmente, em Taipei, para depois de amanhã.

Nestes círculos afirmam ser falso pensar-se que Dulles vai exercer pressões sobre o Governo nacionalista, para o levar a retirar das ilhas costeiras de Quemoy e Matsu. As conversações, que se realizam a convite do Governo de Taipei e de acordo com o tratado de defesa mútua sino-americano, proporcionarão ao secretário de Estado ensejo de prestar esclarecimentos sobre a atitude americana e explicar o fundo do pensamento dos dirigentes dos Estados Unidos quando afirmam que, no caso de se conseguir um autêntico cessar-fogo, seria preferível diminuir os efectivos que se encontram naquelas ilhas. O secretário de Estado tenciona, também, acentuar que Pequim se engana redondamente, se pretende provocar uma cisão entre Washington e Taipei. É claro que foram notadas na capital americana as sondagens feitas pela China comunista aos Chineses de Quemoy e Matsu para estabelecerem, eventualmente, negociações directas entre nacionalistas e comunistas e, também, o facto do Governo de Mao Tsé Tung ter explicado o seu desejo de prolongar a trégua por motivos humanitários, a fim de permitir aos Chineses que se encontram naquelas ilhas receberem armamento e géneros alimentícios.

Não se sabe — afirma-se nos círculos oficiais americanos — se o governo de Chang Kai Chek fará gestos concretos a Foster Dulles, quanto ao dispositivo das forças nacionalistas, tendo em conta os reforços importantes de material moderno que acabam de lhe ser fornecidos pelos Estados Unidos.

Segundo indicações obtidas nos mesmos círculos, não se supõe que o secretário de Estado permaneça em Taipei mais do que três dias. Sabe-se, também, que Walter Ro-

Os viajantes à Lua deverão alimentar-se com produtos leves e desidratados

LONDRES, 18. — No Simpósio de Medicina do Espaço organizado pela «British Interplanetary Society», e referindo-se ao problema da alimentação dos viajantes no espaço, S. W. F. Hanson, do Ministério da Agricultura e Pescarias, disse crer que nos primeiros voos em volta da Terra poderiam utilizar-se com êxito os métodos agora usados na Aviação para alimentar os pilotos através das máscaras de oxigénio. Para curtas viagens à Lua, este cientista preconiza o uso de produtos desidratados, pouco pesados e fáceis de conservar. Deverão elaborar-se técnicas novas, no entanto, para os astronautas que forem a

Marte e outros planetas, pois essas viagens durarão meses.

Pensou-se, também, nos primeiros homens que forem à Lua, pois será preciso protegerem-se contra temperaturas que vão de 120 graus, durante o dia, a 150 negativos, durante a noite. O tenente J. Billingham, do Instituto de Medicina da Aviação, que estudou as condições existentes à superfície da Lua, preconiza o uso de um escafandro com três espessuras de folhas de alumínio. Tem de prever-se um sistema de arrefecimento, que poderia conseguir-se fazendo circular oxigénio (líquido ou gasoso) ou água entre as duas paredes interiores.

O dr. A. E. Slater fez um relato a respeito da radiação cósmica primária. Os satélites artificiais mostraram, como se sabe, a existência de uma zona de radiação intensa, cujo máximo se situa a cerca de 10.000 quilómetros de altitude. Mas as informações obtidas agora com o «Pioneiro» levam a pensar que a intensidade diminui, depois, a pouco e pouco, e que esta barreira será vencida pelos astronautas.

O Simpósio durou dois dias, durante os quais foram apresentadas quinze comunicações relativas a problemas de interesse geral e a questões de pormenor. As comunicações não revelaram nada sensacional, mas nem por isso deixam de contribuir para o progresso de uma ciência que procura fazer com que seja possível realizar num futuro próximo um sonho secular da Humanidade. — (F. P.)

A Jordânia apoia o Cairo contra a Tunísia

(Continuação da 1.ª página)

a agência do Médio Oriente. — (France Presse).

A Jordânia apoia o Cairo

AMAN, 18. — A Jordânia, que no plano externo, rompeu todas as relações diplomáticas com a República Árabe Unida, apoiou o Governo do Cairo, sem reserva alguma, no seu litígio com o da Tunísia, na última sessão da Liga Árabe. Isto, apesar das críticas que o rei Hussein fez a respeito do presidente Nasser, ainda não há muito tempo. Entretanto o embaixador das Nações Unidas, Spinelli, não tem tido ensejo de observar quaisquer ataques violentos das emissoras árabes contra o regime jordano. A emissão «A Voz dos Árabes», nos últimos dias, tem-se ocupado quase exclusivamente da propaganda contra o presidente Bourguiba. — (F. P.)

Libertação de prisioneiros franceses em poder dos Argelinos

GENEVA, 18. — Dois delegados da Cruz Vermelha Internacional seguiram hoje para Tunis, para negociarem a libertação dos prisioneiros franceses em poder dos rebeldes argelinos. Trata-se de Jean Depreux e Pierre Gaillard, ambos suíços, que devem avistar-se, ainda hoje, com os dirigentes da insurreição em Tunis, para tomarem conhecimento dos pormenores relativos à operação.

Desconhece-se, por enquanto, o numero de favorecidos e o local onde se fará a sua entrega à Cruz Vermelha, mas é provável que se efectue algures em solo argelino. — (A. N. I.)

A reacção dos «Comités» às decisões tomadas por de Gaulle

ARGEL, 18. — O semanário «Sa-

Ultimas notícias

Experiências atómicas em Las Vegas

LAS VEGAS (Nevada), 18. — A Comissão de Energia Atómica informou que estão marcadas duas explosões para hoje: uma do alto de uma torre e a outra de um balão, uma das quais já se efectuou. — (F. P.)

Armas britânicas para o Sudão

LONDRES, 18. — A Grã-Bretanha concordou em fornecer armas e equipamento militar, livre de encargos, ao Governo sudanês — segundo foi, oficialmente, comunicado pelo Foreign Office. — (A. N. I.)

Dois naufrágios no mar do Japão

AOMORI (Japão), 18. — Naufragou, sob o temporal, o barco de pesca «Mio-ju Maru», ao largo de Hachinoé, em Aomori, tendo desaparecido dezasseis dos seus 27 tripulantes. Dez foram salvos.

Na mesma zona, ao Norte do Japão, afundou-se outro barco de pesca, o «Hochin Maru», cuja tripulação foi toda recolhida por outro que se encontrava próximo. Mais tarde, um dos pescadores morreu devido a ferimentos e ao frio. — (A. N. I.)

lut Public», órgão dos «Comités» de Salvação Pública, diz em artigo de fundo: «Assim, o Exército volta a ser o grande mudo. O direito de perturbar o silêncio fica reservado aos políticos profissionais e à imprensa derrotista. Para nós, que não cedemos seja a que conformismo for, o direito à palavra pertence aos que pagam com a sua pessoa, e só a estes. O Exército pagou um preço suficientemente elevado para ser recambiado, sem cerimónia, para a luta militar. Torrentes, doravante sem dique, os «Comités» continuarão a correr. Oxalá não provoquem demasiados remoinhos, nem grandes salpicos de lama. A França de 1958 preparou-se em 1948, hoje preparamos a de 1968». «Salut Public» que se orgulha do nome que tem, dirige-se respectivamente ao presidente de Gaulle e diz-lhe: «Deixámo-lo de o compreender».

A Comissão de Salvação Pública do Treze de Maio, reunida durante a noite, na delegação geral do Governo, durante quatro horas, distribuiu uma nota, proclamando a vontade de unidade que animou os membros do «Comité» de Salvação Pública, depois da crise grave suscitada, naquele organismo pela carta e as instruções do general de Gaulle.

Crêem muitos comentadores políticos, incluindo o do «Journal d'Alger», que se trata «menos de uma reconciliação que de uma «colagem» cuja solidez poderá ser posta à prova num futuro próximo. Dizem, entretanto, membros da mesma comissão que foram submetidas ao general Salan «decisões capitais que ainda não podem ser reveladas». Interessariam as estruturas fundamentais do movimento e sua acção política. Figurariam na agenda de um congresso extraordinário, cuja organização ficaria pronta na terça-feira. — (F. P.)

Talm Beach

ALMOÇOS CHÁS JANTARES

Serviços especiais de banquetes

PASSAGEM DE MODELOS

Carla

actualmente na R. Rodrigues Sampaio, 156

Comunica que realiza a sua passagem de modelos (vestidos e casacos) nos próximos dias 21, 22 e 23 pelas 16 horas, na Av. Almirante Reis, N.º 2-1.º-D.º em colaboração com a Casa Laura Campos (peles) e Dolores (chapeus).

Reserva de lugares pelo telefone 44870

CAIU UM AVIÃO no Pacífico

GUAM, 18. — A Marinha americana anuncia que um avião de reconhecimento, com 4 homens, teria caído no mar, na quinta-feira, entre a Guam e as Filipinas. Muitos aviões, helicópteros e navios procuram o aparelho desaparecido, que pertencia aos serviços fotográficos da força aeronaval. — (F. P.)

RESTAURANTE CASTANHEIRA

LUMIAR — Tele. 77 91 68

Todos os dias menus variados

Salas para banquetes e lanches de casamento

AO S DOMINGOS

Serviço normal de lista

DAVID KIT

ASTRAKANS EXTRA LEVES

Av. Sidónio Pais, 24

RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS — TEL. 14

A Gerência informa os seus presados clientes que tem as suas instalações reservadas no próximo domingo 19 aos Almoços para a Conferência Diplomática da Propriedade Industrial, festa oferecida pelo SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO.



FIM DE SEMANA FELIZ

Para onde
vai amanhã?



A notícia de maior sensação dos últimos dias foi a do lançamento pelos Americanos de um satélite lunar. Batidos pelos Russos no campo dos satélites terrestres, os ianques buscam haver desforra mais longe — e aí vão eles brincar à laranjinha nas fronteiras selenitas...

A tentativa falhou. O veículo estava a funcionar absolutamente bem e a navegar melhor quando as coisas, imprevisivelmente, começaram a correr mal. O satélite andou para trás com mais fôlego do

que aquele que levava para diante e cabe aqui lembrar os versos conhecidos do Vate Maior:

*Olhe, Veloso amigo, aquele ou-
teiro é melhor de descer que de
subir...*

(Continua na página seguinte)

CASOS CELEBRES DAS POLÍCIAS DE TODO O MUNDO (2)

O misterioso processo da Marquesa de Brinvilliers

Uma dupla paixão uniu, desde logo, este tenebroso fabricante de venenos implacáveis e esta mulher cruel, imediatamente tornada a sua «experimentadora».

Retirada para a Picardia, para o castelo de Sains, ela experimentou a eficácia dos pós preparados pelo alquimista, um d'um, nos indígenas que pululavam a região; atraídos pela fama de bondade e caridade da marquesa, abandonados de todo, com uma saúde de antemão comprometida pela miséria; seduzidos pelos bons «petiscos» que a bondosa senhora lhes servia — eles nem sabiam que em cada dia, uma dose de veneno lhes era lançada dentro de cada prato!

Mas depressa a marquesa perdeu todos os escrúpulos, arrastada pela afeição do amante, pela ruína que se aproximava pela mão da vida faustosa que vivia, pelas esmolas generosas que distribuía. Para conseguir dinheiro, resolveu suprimir o próprio pai para herdar mais cedo, a parte que lhe cabia. Sete meses durou o teimoso velho, rodeado por dois homens de confiança do par criminoso — um deles, precisamente o homem sinistro que primeiro aparecera ao comissário a reclamar as «economias» guardadas pelo alquimista. No fim deste tempo, cansado de lutar pela vida, o velho expirou, sem que qualquer suspeita surgisse... os venenos não deixavam o mínimo vestígio. Ao pai seguiram-se os dois irmãos, um primeiro outro logo a seguir. Só um milagre salvou o marido e a irmã da marquesa já condenados. Este milagre foi representado pela aparição de um jovem teólogo, preceptor dos pequenos Brinvilliers; ingênuo e leal, depressa foi apanhado na rede dos encantos da marquesa que, num momento de amor, o pôs ao facto da sua vida criminosa. Talvez, levando-o ao pecado, ela pensasse torná-lo cúmplice também; mas, horrorizado, o jovem fugiu para o convento. — Oh! ironia — de Nossa Senhora das Virtudes — confessando-se, antes, a dois ou três padres.

Entretanto, deu-se a explosão no laboratório, espalhando o terror em certos elementos de destaque da sociedade do tempo. Prevenida a tempo, a marquesa fugiu para Inglaterra, daí para os Países Baixos (Luís XIV havia convencido o rei inglês, Carlos II, a entregá-la), e

finalmente para um convento de Liège. Dois anos e meio decorreram até que o refúgio fosse descoberto. Pensou-se num hábil estratégia para a fazer sair da voluntária

clausura. Jogou-se com o temperamento ardente da marquesa, colocando no seu caminho um falso abade, homem bonito e sedutor. Conquistado pelos encantos decadentes

da marquesa, iniciou uma corte discreta mas firme, a que ela não foi indiferente, conforme se esperava. Ela estava só no Mundo, terrivelmente desamparada, com um passado tenebroso, caiu nos braços... não do apaixonado abade, mas dos arceiros que a esperavam na estrada próxima e a prenderam. Em Março de 1677 fez a sua entrada triunfal em Paris, onde muitos corações estremeceram, por certo; a vida tinham-na eles nas mãos criminosas daquela mulher, senhora dos segredos do alquimista.

Uma busca passada na cela onde vivera esses dois anos e meio revelou uma «Confissão» minuciosa, elaborada nos momentos de remorsos. Nela surgiu toda a sua vida, incestos, vícios, crimes. Por ela se soube da tentativa de envenenamento da própria filha e até... da marquesa! Designava como principal cúmplice um boticário suíço, fornecedor oficial do rei, que fornecia os venenos, depois manipulados por de Saint-Croix.

Sabendo-se perdida, a marquesa conseguiu mandar uma carta secreta para um tal senhor de Thérin, certamente um «bom cliente» e homem de influência na corte. Falhou o plano. Tentou seduzir outro dos guardas da prisão, a fim de conseguir a fuga. Falhou, também este.

Perdidas as esperanças, resolveu pôr fim à vida; mas das duas vezes que o fez, foi salva a tempo.

Aconselhada pelo guarda da prisão a apresentar a lista dos clientes do alquimista, ela respondeu:

— Se eu falasse, metade da alta sociedade de Paris viria fazer-me companhia. Tenho bom coração. Não os denunciarei. Mas sei que, neste momento, muitos tremem tanto ou mais do que eu.

E não exagerava, como depois se apurou. Os envenenadores sabiam a sua sorte assente em bem frágeis bases; bastaria um momento de fraqueza ou de consciência (!) da marquesa para os lançar no cadafalso. Começou uma intensa campanha de favores, de bons lugares conseguidos à custa do pesado se-

(Continua na página seguinte)

magazine

CLOVIS GRACIANO PINTOR DA REALIDADE BRASILEIRA

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

OS seus temas mais impressionantes encontram-se na fronteira da realidade—ou mesmo de uma infra-realidade social — e da magia. São, por exemplo, os bailarinos da macumba ou as «filhas de santo» quase fantasmiais, quase levitando, quando, no auge do caudomblé, nelas baixam os orixás; e bem assim o santo caçador — São Jorge negro — o prodigioso Oxossi da mitologia nagô. Porém, desde os bucrânios de Minas às ossadas que a seca semeia nas plagas do Ceará, aos vaqueiros, aos jagunços do sertão da Baía, aos zebus, aos cavalos e touros dos rodeios, todo o fabulário, todo o bestiário do Nordeste, acham expressão na pintura de Clovis Graciano. Porque, nascido embora em Araras, no Estado de São Paulo, mas sem limitações provinciais, solicitado pelas formas e pela interioridade das formas, pela realidade telúrica e pela realidade mágica do seu país, ele é, na verdade um «pintor brasileiro». Mas não — note-se bem — um pintor folclórico. Pelo contrário, na monotonia quase triste da sua paleta (em que dominam os cinzentos, os ocre e os tons fúlvos), na densidade reflexiva do seu desenho, não há qualquer concessão à facilidade, antes uma atitude antivirtuosista. A seu respeito escreveu Mário de Andrade: «Os desenhos de Clovis Graciano apresentam-se nutridos de um vigoroso silêncio reflexivo». O que Mário de Andrade acima de tudo valorizava

na obra de Clovis Graciano era um julgamento implícito na sua tradução da realidade, sem «instintividades florais», uma identidade entre sentimento e expressão, fruto

de inteligência consciente, de vocação crítica. Sente-se, logo ao primeiro contacto, uma seriedade absoluta nas telas e nas monotipias de Clovis Graciano. Certos espectadores, mais seduzidos pela graciosidade do que pela graça, mais permeáveis ao bonito do que ao belo, reagem mal à austeridade cromática e ao plebeísmo intenso e voluntário, ao «proletarismo» da pintura de Clovis Graciano. Entretanto, em certos desenhos vaporosos, delicados, ele prova soberbamente a sua capacidade de estilização «elegante». Simplesmente, defende-se de todas as estésias «epixímicas» ou que

(Continua na página central)



O CULTO DE EROS

Por LUÍS DE SOUSA REBELO

COM o cair melancólico das folhas de Outono nos squares ajardinados e nos parques de um verde emborralhado, a prenúncia frígida e chuvada, a cidade espreguiça-se numa vaga de erotismo. No fundo não é um acontecimento novo ou fenómeno estra-

nho que tenha marcado pela sua presença insólita. De há muito já que a Inglaterra puritana se libertara das convenções opressoras e procurara enveredar por um caminho mais sã e mais sincero. Mas

(Continua na página seguinte)

SUMARIO

«O Finezas»
ALEXANDRE CABRAL

Clovis Graciano
URBANO TAV. RODRIGUES

Os dois gigantes
ALFREDO BRAS

O misterioso processo da
Marquesa de Brinvilliers
M. GABRIELA WALTER

Crônica de Londres
LUÍS DE SOUSA REBELO

Fim-de-semana feliz
CICERONE

Os filhos do Pai Tomás
RICHARD WRIGHT

Apontamentos para os tem-
pos futuros
DIOGENES

Ganhe 100\$00 com um sorri-
so nos lábios

O Demônio buscou outro
Martinho
AUGUSTO DA COSTA DIAS

Saiba comer
M. CAROLINA FREITAS

Eduquemos o nosso filho
M. LÚCIA DA SILVA ROSA

Comentário humorístico ilus-
trado
TABUAS

Página da Mulher

FIM DE SEMANA FELIZ

(Continuação da página anterior)

De qualquer modo, nós lamentamos o facto. Lamentamo-lo porque o fracasso do «Pioneiro» veio

inutilizar uma resma de papel já rabiscada e pronta a ser composta. Imaginem que mal os comunicados deram conta do bom êxito da operação comecei logo a ima-

ginar tirar proveito dele — e aconselhar aos leitores habituais desta secção o fim-de-semana na Lua...

Num Mundo onde todos querem ser «primeiros» (primeiro a ter bombas, primeiro a ter satélites, primeiro a produzir beterraba, primeiro a fazer 100 metros em dez segundos...) ninguém me levará a mal que também eu quisesse a primazia em dar um conselho que não tarda muito se torne cediço, vulgar...

Os Americanos comprometeram o meu êxito (o meu primeiro êxito na vida...) com o fracasso do «Pioneiro». Nada a fazer. Para me reabilitar só uma sugestão de boa categoria pode servir-me. Julgo tê-la encontrado. A minha sugestão para o nosso fim-de-semana chama-se

POEMAS

BRASILEIROS

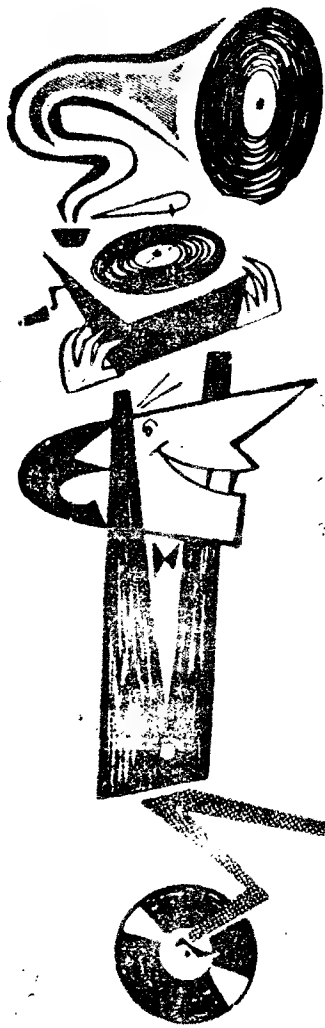
por

Os Jograis

de São Paulo

disco da semana

(Ru: Affonso, Armando Bogus, Rubens de Falco e Maurício Barroso)



Os Jograis de São Paulo deram o seu primeiro recital em Maio de 1955, no Teatro Arena de S. Paulo. O êxito dessa apresentação inicial abriu-lhes as portas de uma carreira rápida e brilhante. Em menos de três anos de existência, já realizaram cerca de 300 recitais, com sete programas diferentes. Depois de inúmeras «tournée» através de diferentes Estados do Brasil, os jograis de São Paulo começaram a projectar-se internacionalmente, estreando-se no nosso País em Novembro de 57 no Teatro Nacional D. Maria.

Em virtude do êxito alcançado o referido conjunto depois de 15 apresentações sucessivas percorreu todo o País do Algarve ao Minho, num total de 40 recitais.

O «long-play» agora publicado pela Parlophone permite a todos quantos não tiveram oportunidade de apreciar este extraordinário agrupamento artístico, julgarem as suas excepcionais qualidades através de uma notável escolha de poemas brasileiros em que é imperioso destacar o esmagador «Contraponto Paulistano», de Ruy Affonso. Um disco que não pode faltar na discoteca do público que preza a cultura.

Disco Parlophone CPMC 17

poemas de Ascenso Ferreira, Manuel Bandeira, Mário Andrade, Cecília de Meleles, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Bandeira e Martins, Venício de Moraes e Ruy Affonso.

Discos publicados pelos ESTABELECIMENTOS VALENTIM DE CARVALHO, Rua Nova do Almada, 97.

Casos celebres das polícias de todo o mundo

(Continuação da página anterior)

greco, de abusos de toda a ordem. Cada um desconfiava de todos os outros e pretendia conquistar-lhe as boas graças. Mas a Polícia vigia...

Quem eram estes criminosos? A frente de todos eles, aparecia o intendente Fouquet, preso na fortaleza de Pignerol, por tentativa de «complot» contra Luís XIV e o seu ministro Colbert.

Vinha depois a jovem De Foilour, tornada marquesa de Atluys; a duquesa de Vivonne e Maillard, um dos mais respeitáveis ministros das Finanças. Todos eles tinham comprado ao alquimista, diversos póis para se libertarem de aborrecidos que se opunham aos seus desejos.

Outra cliente assídua do laboratório era Olímpia Mancini, depois condessa de Soissons, suspeita de ter apressado a morte estranha de Henriqueta de Inglaterra.

A condessa de Roure, e marquesa de Feuquieres, a condessa de La Ferté, a viúva de um certo Jean de Refuge, tinham surgido dos arquivos secretos de Saint-Croix.

Mas a lista não findava aqui. A irmã da Mancini, Ana Maria, tornada duquesa de Bouillon, pretendia envenenar o marido para desposar o duque de Vendôme. A princesa de Tingry, havia tentado envenenar os filhos. O marquês de Clermont-Lodève, tentara fazer o mesmo a seu irmão, por lhe cobiar a mulher. O marquês de Thermes, o marechal de Luxembourg e o senhor de Par-dallant... engrassavam a lista negra dos partidários da «libertação» mais terrível que a História nos deixou.

A mais espantosa aventura foi,

sem dúvida, a de Athenais-Françoise de Montespan, favorita do rei. Compreendendo que o seu real amante se tinha fatigado do seu amor, começou a frequentar casas suspeitas e mulheres de virtude; nestas visitas conheceu Luís de Vanens, nobre provençal, que se dedicava às práticas abjectas do Satanismo. Cansado dela, o rei mantivera um: curta ligação com a jovem Fontanges, depois prendêr-se pela senhora Maintenon. Estas conquistas, embora de fraca duração enlouqueceram Athenais. Procurou reconquistar o rei por meios ilícitos aprendidos nas casas que frequentava: vendo o fracasso de tais processos «benignos» e auxiliada por dois meliantes — Lesage e Mariette — resolveu suprimir a sua rival.

Contudo os cúmplices cometeram uma série de imprudências que levaram Athenais à fuga de Paris e os dois comparsas à prisão de onde alguns amigos influentes os tiraram, no fim de certo tempo. Convencida do perdão do rei, Athenais-Françoise volta a Paris; mas este resolveu abandoná-la de vez, seduzido ainda pela senhora de Maintenon.

A despeitada Montespan começa, então, a frequentar as casas demóniacas, na esperança de poder liquidar a rival. Foi uma das mais assíduas frequentadoras do castelo de Villebousin, onde Guibourg se dedicava a missas-negras; daqui passou a Paris, exercendo iguais exorcismos.

A morte súbita de Saint-Croix lançou no desespero todas estas personagens. A fuga de Brinvilliers para Inglaterra trouxe-lhes, porém, algum alívio. Sabiam-se protegidas pelo seu silêncio...

SINTRA

Estão por fazer os dez mandamentos do Turismo Português e nessa tarefa empenharei eu, mais dia, menos dia, os meus créditos de Cicerone encantado. Um desses mandamentos já está pronto e vem a ser visitar Sintra ao menos uma vez cada ano...

Olhem que são poucos os lugares da Terra que subiram a categoria de Paraíso. Sintra é um desses tais e aqui tão perto francamente não faz sentido que lhe requeamos ou racionemos a assistência.

Depois com os comboios eléctricos que por aí andam põe-se lá a gente num pulo — e fica com uma data de horas na mão para saborear pausadamente este ou aquele trecho da vila. Sim, porque não pode ter-se a pretensão de admirar todos os belos panoramas sintrenses numa jornada só. Estou como aquele que disse que em Sintra, depois de se ver tudo, ainda havia muito para ver!

Só inumerar aqui os pontos onde ficaria o leitor extasiado levava-me o espaço todo. E ficariam ainda de fora os monumentos (o Museu Arqueológico, a Igreja de Terrugem, o Monge, o Museu Regional, o Paço Real, o Palácio da Pena, sei lá quantos!) de que falarei um dia, quando a chuva, arranhando nos vidros, nos convidar à meditação, ao recolhimento, ao estudo... Agora, com estes dias amassados em calma e Sol, leitor amigo, fará bem em procurar o Sol e a opulenta vegetação de Sintra.

Suba até ao Parque de Monserrate (que afirmam ter sido plantado por Francis Cook em 1856 e já ultrapassou, portanto, um século de existência. Sente-se a sombra de uma dessas velhas árvores, deixe-se penetrar pelos suaves eflúvios que fazem caminho por ali — e garanto-lhe que no regresso é outro homem — mais descontraído, pazes feitas com a vida...

Seteais — eis aí outra paragem — zona de qualquer bom roteiro de poesia. E se for em boa maré ainda por lá encontrará a sombra de Eça de Queirós, com o seu monólito sentimental fantasiado de cínico. O poeta Alencar — o Alencar de Alenquer... — andará por lá em busca de rimas, na companhia de Lolás mais ou menos castelhanas!

Por todo o lado encontrará árvores imponentes, sons de água caíndo do alto e um silêncio, que de tão recolhido nos obriga a falar baixo, como se estivéssemos no templo.

Evidentemente o leitor pode (como dizia o outro) «não ser apolo-gista» do campo. Nessa altura, rumem para a beira-mar, que tem por lá muito por onde escolher — desde a Adraga à Praia das Maçãs. Pode ainda visitar o Cabo da Roca — para poder dizer aos seus amigos, no escritório, que já esteve na ponta mais ocidental da Europa... Imagine os trabalhos e as despeças a que se obrigaria para dizer o mesmo se o leitor fosse, por exemplo, grego ou bulgaro!

A crónica finda aqui mesmo, na ponta mais ocidental da Europa. O cicerone sente que disse bem pouco a respeito desta jóia sem preço que se chama Sintra. Sim — disse bem pouco. Nem sequer — indisciplinável! — citou Byron, a primeira vez que tal acontece desde que se fala em Sintra!

Paciência. Dar-me-é já por muito feliz se puder ter levado a Sintra, neste fim-de-semana, alguns dos meus leitores. CICERONE

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

CRÓNICA DE LONDRES

(Continuação da página anterior)

ficou-lhe do passado um relento de consequências ainda mal definidas e que anda por aí tocado de uma respeitabilidade hipócrita e vagamente cínica.

De momento, respira-se por toda a parte uma atmosfera afrodisiaca que, embora mais ou menos frequente durante todo o ano, parece estar em vias de atingir o ponto de saturação. A solicitação erótica faz-se através de imensos canais e impõe-se ostensivamente aos olhos e aos sentidos da multidão. Ela insinua-se subrepticiamente na publicidade comercial, na propaganda de todo e qualquer produto, quer se trate de um dentrífico vulgar, ou de uma nova qualidade de pílulas contra a flatulência. Um salão de chá que acaba de abrir as suas portas, um «café», uma pastelaria não encontram meio mais eficiente de criar chamariz do que largar ao vento da aventura um quadrozinho picante ou uma «pin-up» tentadoramente provocadora.

Este culto do nu feminino está transformado numa indústria rendosa, que emprega inúmeras brigadas de seleccionadores experimentados na busca das mais belas mulheres do Império. Como Londres é ainda um grande centro internacional para onde convergem as mais diversas raças do Globo, a tentar a sorte, a fortuna ou o fio perdido de um sonho interior, o mercado tem naturalmente possibilidades inimagináveis de escolha.

Sob as arcadas de Piccadilly

Aranha —, ou cálidas liberdades tropicais.

E' claro que na Inglaterra existe uma lei contra publicações ou espectáculos de carácter pornográfico. Mas este país que tem sido o baluarte da legalidade, quando a lei lhe pesa, ou lhe deixa má consciência, descobre um processo hábil de a esquecer, sem a contestar.

Se o espectáculo decorresse num teatro aberto ao grande público, é provável que mais cedo ou mais tarde pudesse vir a ser acusado de infringir a lei. De modo que surgiram clubes particulares aos quais pode pertencer qualquer subdito de Sua Majestade mediante uma módica quotização anual.

Estes clubes do nu são os novos templos de Eros. A pretexto de um vago enredo revistório, há umas lindas raparigas de olho humido e modo dengue, que se despem a todo o momento sob a luz irreal dos projectores de cena. E' o escarlate gritante a lambem-lhes os corpos em chama, o azul celeste a adogar a euforia do momento, o cobre sujo que deixa cintilações na carne mordada, a claridade branca e crua esparramada em luaceiros lácteos sobre a alvaide e o pó de talco.

O público frequentador destes clubes é constituído na sua quase totalidade pelo elemento masculino, mas há também algumas mulheres que vibram com o espectáculo. Ora, ao lado do prazer colectivo, a pátria do individualismo não podia descurar o gozo sibarítico e o deleite unicamente pessoais. A iniciativa privada procura satisfa-



TEL. GERard 6327

Anuncio excitante de um café londrino

Circus, nos quiosques, nas tabacarias de bairro, nas vitrines das livrarias pulula uma série variada de publicações com fotografia a cores, ou a preto e branco, em que beladades louras ou morenas, negras ou brancas, europeias ou asiáticas, exóticas ou vulgares, nos atiram o desafio do seu olhar, ora de joelhos, ora de pé, ora de perna trancada ao jeito canalha, ora de costas e de joelho alçado, ou simplesmente acoradas numa atitude equívoca.

Nos lábios aflora-lhes quase sempre um vago sorriso lascivo, e todas elas, por mais estranha e bizarra que seja a sua postura, impõem a nossa contemplação estarecida uns peitos agressivamente desnudados. Muitas vezes estes magazines mascaram as suas intenções voluntárias sob a etiqueta de obra artística. Mas os títulos são descaradamente sugestivos e o conteúdo anda carregado de insinuações obscenas — Só para homens, Confidencial, Ao ouvido.

Há ainda publicações que implicam uma série folhetinesca, como as aventuras de Petite e Cagnette, duas valdevinas que só têm par com Jane, a heroína de uma «história dos quadradinhos», que aparece todos os dias num quotidiano de grande circulação.

Por um velho hábito enraizado, em que vai uma pontinha de despeito pelo desmbaraço e a desinibição latinas, a maioria dos «cafés», dos cabarés e dos clubes adopta nomes franceses, pois tudo o que vem de além do Canal promete um vicíozinho desenfreado e um fogo de sensualidade, que seca a garganta de emoção ao inglês bem procedido. Quando assim não é, a designação na própria língua evoca enleios subtile e irresistíveis — O Antro da

zer a tais caprichos, e é frequente verem-se nas tabuletas envidraçadas, à esquerda das ruas, pequenos anúncios presos com uma «punaise», oferecendo os serviços de alguma jovem senhora como modelo artístico.

O cliente leva o seu aparelho fotográfico e por um ou quatro guinéus — 85-340 esc. — tem direito a tirar de três a seis fotografias, escolhendo e sugerindo as poses que mais lhe agradarem.

Este delírio e este gosto do erótico é estimulado pelo cinema, mas aí as ligas de moral e a censura metem a tesoura e deixam no espectador um travo aflitivo de frustração. Num dos cinemas aqui ao pé da porta existe-se agora o último filme de Brigitte Bardot e numa enorme vitrine, protegida com uma grade de madeira, encontra-se a verdadeira efígie do ídolo em biquíni. Apesar do aviso colocado na madeira E' favor não tocar —, o manequim desapareceu dentro de dois dias e a empresa proprietária oferece neste momento uma recompensa de cem libras, a quem o conseguir reter.

E' provável que tudo isto seja um traque vulgar de publicidade, mas o facto é que nunca o erotismo teve um lugar tão importante na conversa dos jovens ingleses.

A França é muito mais conhecida através de B. Bardot do que pelo general de Gaulle, cujo nome para muitos nada significa. O referendo não despertou aqui qualquer interesse e foi recebido pela imprensa com apatia, um certo alívio e uma ou outra nota de desalento. A política tornou-se um jogo confuso, uma trapaceira boa para velhos intriguistas e caturras. Melhor do que ela é Eros com o seu calor, a sua nudez e a sua beleza!...

Outubro, 58.

Apontamentos para os tempos futuros

O PARTICIPANTE PASSADO

Não sei se ainda se recorda do Jacinto — aquele moço que enchia o nosso quarto de estudantes com a descrição pormenorizada até ao esgotamento, do que viria a esculpir e a pintar no futuro. Nós tínhamos enorme veneração por ele. Quando não estava presente, todos sacrificávamos uma achazinha generosa no altar do seu génio. Nenhum duvidava que ali começava a esbracejar um génio. E todos nos preparávamos para receber de braços abertos as suas criações.

Depois de esgotados os quatro anos do Curso, dispersámo-nos pelo País — cada colocado no seu liceu, no seu emprego. Jacinto ancorou em Lisboa num emprego de muitas horas, casou, gregou, deu filhos. Ao fim de horas e horas de burocracia, mal entrado em casa, fechava-se nas quatro paredes a que, desesperadamente, chamava o «atelier» e modelava. Tentava modelar o programa que trouxera dos seus sonhos de estudante. A essa hora os gritos dos filhos atravessavam a casa com o mesmo desespero das sirenes. Jacinto sentia-se perdido. Tapava os ouvidos. Vinha à porta estourar um berro que talvez conseguisse preservar a sua inspiração. Mas vinha depois a esposa, sobretudo à noite, no balanço de contas do leito conjugal, lembrar-lhe com voz firme do abom senso que era preciso fazer «vida de família», ligar aos filhos, vigiar-lhes os estudos, apurar as suas perguntas ansiosas, ouvir o que lhes povoava as cabezinhas sempre em alvoroço.

E Jacinto, sepultando fundamente, dizia que sim, que era isso mesmo, que as crianças não tinham culpa, que mereciam dias melhores. Mas depois ficava instalado de olhos atentos horas e horas, noite dentro.

E assim deslizaram os anos. Quando me via Jacinto ruborizava-se, ficava a lutar entre o desejo de embarcar comigo numa generosa conversa, ou fugir de mim como dum acusador. Quando, nas primeiras vezes, tive a falta de tacto de lhe perguntar pelos seus trabalhos — «eh pá, é preciso deitar essas ideias cá para fora!» — a expressão dos seus olhos sugeria a tristeza irreparável do pobre canito que enfia a cauda entre as pernas.

Uma tarde encontrei-o no Rocio. Saudou-me finalmente com ostentação, com grandes salvas de alegria. Arrastou-se logo, logo a um café disse alto «que tomas?» e enquanto sorvamos a bebida quente inundou-me

com a bela notícia de estar a fazer um grande busto de Julião — aquele nosso colega que partiu para África, mal terminado o curso.

Sim? — acirrei com todo o entusiasmo. — Conta lá, caramba! Como te lembraste disso? — Jacinto sorriu comovido. O Julião tinha-lhe escrito. Mandara-lhe fotografias para que lhe fizesse o busto.

Jacinto chegou a este capítulo fez uma pausa triste, entornou a cabeça e procurou sequiosamente os meus olhos para me convencer que a vida o tinha desencorajado um pedaço. Sangrou então as suas queixas amargas, como uma criança in-

justamente castigada. Por fim chegara aquela carta de Julião e de subito encheram-se de coragem, deitaram mãos á obra: «Mas has-de ver qualquer dia. Eu levo-te a minha casa».

Depois mostrei a carta, as fotos de Julião. Já não era aquele Julião que fazia serenatas adstringentes. Neste prazo de vinte anos criara lastro, depositara gorduras — coisa aí de mal — uns trinta quilos tremulos e bonacheiros. Mas Jacinto escurugiu: «Sempre o mesmo, o Julião, não achas? Tal qual, não achas?».

Eu não disse nada. Quer dizer: não contrariei. Cá para comigo não deixei, no entanto, de considerar a coisa muito estranha. Que diabo! Não se daria ele conta que Julião sofrera os fatais estragos de vinte anos de vida sedentária? Passados uns dias Jacinto telefonou-me. Era o convite para ver a «OBRA». Lá fui.

Antes — será caridoso dizê-lo? — antes não fosse. Depois das fotografias do original, o busto causava-me uma funda perturbação. Eu não sabia dizer porquê. Só tive a certeza do que era três meses depois, quando Julião desembarcou na Rocha pela manhãzinha e à tarde foi comigo a casa do Jacinto.

Quando entramos no «atelier» eu senti apertar-se-me o coração. O nosso amigo estacou ante o seu «retrato», abriu muito os olhos e sacolejou-se a chorar como quem se despede dum morto muito querido.

Era, na realidade, um tremendo retrato de outros tempos, desengordurado, desbastado, idealizado pela distância de 20 anos. Um comovido Julião a que só faltava aparafusar um bom par de vasas. Jacinto, não tendo conseguido realizar os seus sonhos, frustrado pelo emprego, pelos encargos de família, por um meio avesso a estimular os talentos artísticos — acabara por paralisar irremediavelmente no passado onde fabricara aqueles sonhos. A fogosa esperança juvenil perdera as asas. Paralisava dos rendimentos antigos.

Nunca mais poderei esquecer o Julião a chorar ante o seu busto. Drama bem característico dos nossos dias...

DIÓGENES



OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

Ai dos tracos em Los Angeles!

Naquele ano, os Estados Unidos da América sofreram alguns dos seus maiores desastres aeronáuticos em tempos de paz. Uma coisa intrigava os peritos: que esses desastres eram causados, na sua maioria, por colisão dos aviões em pleno voo...

Concluíram que, voando os aparelhos em formação cerrada e muito juntos, se tornava praticamente impossível evitar esses desastres.

Clarence Makel não foi da mesma opinião. Casado embora e com três filhos, lança-se obstinadamente à tarefa de encontrar uma saída. Em breve, reparou que não poderia continuar a investigação permanecendo no emprego o dia inteiro. Abandonou o escritório...

A mulher acha que é uma rematada loucura, os filhos estão pequenos e além de pequenos, doentes. Fraca altura aquela de abandonar o emprego! Mas Clarence não tem a mesma opinião:

— Quando tiver conseguido o que pretendo — afirma ele — a nossa vida mudará radicalmente. Não teremos mais receio pelo futuro dos nossos filhos... E' por eles também que estou lutando...

Para cobrir as despesas de casa, a mulher trabalha de manhã até à noite. No escritório, Clarence devora todos os livros sobre o assunto. Não fala a ninguém. Tornou-se violento, agressivo, reage intempestivamente a menor observação. Um louco. A mulher deixou de procurar trazê-lo ao caminho da razão. Entra em silêncio no escritório,

pousa na secretária o tabuleiro com as torradas e o café. Retira-se silenciosamente, como entrara...

Isto repete-se durante meses e meses. A vida em Los Angeles continua com as suas características de luta implacável, luta de vida ou de morte. Ai dos tracos em Los Angeles! A mulher de Clarence Makel chegou ao limite das suas forças. Tem de abandonar o emprego em que fazia sério, os filhos começam a sentir o que significa a palavra miséria...

Arrostando com todas as consequências, resolve-se a falar ao marido. Expõe-lhe a situação de penúria extrema a que chegaram. Pede-lhe que seja sensato, que vá ganhar o pão que já falta em casa.

— Querida — implora ele. — Eu sei. Sei quanto tens sofrido, tu e os pequenos. Mas dá-me dois meses mais, dois meses apenas. Depois, para ganhar o pão dos meus filhos, trabalharei no que for preciso.

Antes de escoado o prazo, o louco Clarence Makel obtinha o prémio da sua loucura: a descoberta que tornava daí para o futuro impossível a colisão entre aviões...

E começa outra luta: a de fazer que o invento se aceite pelas grandes casas construtoras. Todas porém lhe dão com a porta na cara. Clarence Makel é um miserável e um louco. Aparece com uma invenção que os peritos ao serviço da casa classificam de charlatanice... A Direcção tem mais em que pensar do que em receber e falar com charlatões...

Desanimado, Clarence

cumprir o que prometeu à mulher: trabalhar para o lar. Mas a crise aumenta, nos Estados Unidos. Vai sendo cada vez mais difícil ganhar a vida honradamente. No escritório onde trabalhava, não o recebem. Clarence lança mão dos mistérios mais humildes. Chega a empregar-se como lavador de loiça numa pensão modestíssima. Como moço de fretes, depois. Na mira de melhor ocupação, imigra para outros Estados. Apesar dos seus trinta e oito anos, Clarence Makel é um velho, de cabelos totalmente embranquecidos.

Subitamente, a Polaris Engineering Company descobre o invento de Clarence Makel, um invento de interesse capital — afirma-se. Utiliza-o imediatamente numa encomenda de aviões para o Exército. Cabem ao inventor, nada menos, nada mais do que cinco milhões de dólares. Uma fortuna...

Mas a lei americana estabelece que a presença do inventor é obrigatória para a entrega da importância que lhe cabe. A Rádio e a Televisão deram a notícia, repetidas vezes. Não deve haver recanto no vasto território da federação onde o apelo não tenha penetrado: «Clarence Makel! Cinco milhões de dólares e a glória esperam por ti em Washington!» Chega a vez da Polícia entrar em acção. Segue a oísta do inventor mas a partir de uma certa altura a pista quebra-se...

E até hoje Clarence Makel não apareceu, para a receber. Ai dos tracos em Los Angeles!

GANHE 100\$00 com um sorriso nos lábios

«PREGUIÇA — É ARTIGO 1.º AO ABRIGO DO QUAL, OS SEUS ADEPTOS CUMPREM, PRAZENTELAMENTE, A CELEBRE LEI DO MENOR ESFORÇO» — afirma o vencedor desta semana, verdadeiro candidato a reformador do Código Civil.

Na realidade o sr. José Alberto Marques Magro Diogo (Av. Padre Manuel da Nóbrega, 7, 4.º, Esq., Lisboa) merece ver este seu Artigo no Código Civil. Há muito que nele se sentia a sua falta. Parabéns, portanto, e vamos enviar-lhe o... sorriso nos lábios.

Um candidato a médico (Joaquim de Carvalho Pedrosa, Lisboa) considera que a Preguiça é:

«Uma doença em que os atacados se agarram aos saos, para viver».

Assim os médicos acertassem todos os diagnósticos.

O sr. José Paulo Costa Vieira (Lisboa) optou por uma definição sociológica, muito semelhante à da riqueza. Vejamos:

«Preguiça é a «doença» contraída com o trabalho dos outros».

Esta mesma tendência sociológica, agora no ramo da Previdência

social, se manifesta na definição do sr. Manuel S. Neves (Lisboa):

«A preguiça pode ser considerada como precaução contra os acidentes de trabalho».

E já agora fechemos a série com mais outra definição sociológica. Pertence ela ao sr. João Carlos Vieira, também de Lisboa (as melhores respostas vieram esta semana da capital):

«Preguiça é o trabalho produzido com os braços cruzados e as pernas estendidas».

Está pronto! Hoje não tenho mais espaço. Por esta falta de espaço, semana passada esqueci-me de indicar a palavra a definir. Hoje pulei carei duas. Uma para se responder até ao dia 20 de Outubro, a outra até ao dia 27. Assim manteremos a distância que permitirá aos concorrentes da provincia participar no nosso concurso semanal.

São as seguintes palavras:

- 1) T E S O U R A
- 2) M E D O

CONCURSO DA GENEROSIDADE — DESAFIO AOS SENHORIZOS DO PAÍS!

sr. Joaquim Eusébio, teve a bondade de oferecer o prémio de CEM ESCUDOS a um pobre do «Diário

de Lisboa» que tenha dificuldade em pagar a renda. Em nome do benéfico, os nossos maiores agradecimentos. Esta generosa atitude sugeriu-nos um concurso:

O CONCURSO DA GENEROSIDADE DOS SENHORIZOS DE PORTUGAL

De que consta este concurso? Muito simples: apenas disto. Os senhores de Portugal reservam CEM ESCUDOS da renda que deve-

rão receber até ao dia 8 de Novembro para os dar aos pobres, pelo Natal!

Cá ficamos aguardando!

UM PRODUTO DE PRECISÃO DA FLORESTA NEGRA

SABA

O TELEVISOR EUROPEU DE CATEGORIA INSUPERÁVEL

A VENDA EM TODO O PAIS NOS AGENTES DA
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

Os Filhos do Pai Tomás

Por RICHARD WRIGHT

A cheia galgara o leito e subia agora com uma rapidez assustadora; um a um, os degraus da velha escada iam sendo tragados pela água pastosa e amarela. A casa rangia, talvez não aguentasse muito. Já não

subiam do coração, quase as mesmas que todos os negros diziam, repassadas de ansiedade: «Senhor, suavisa o coração dos brancos!»



seria possível senão de barco. Bob conseguia vender o cavalo? Encontraria um barco? Alguém estaria mesmo disposto a trocar um velho macho por um barco? E o tempo passava — oh! ceus! — como a água se movia, rápida, até fazia ondas. Brann, o negro do moinho, foi ao quarto. Lulu jazia no leito, há quatro dias para ter um menino; e o menino não nascia, com certeza nem já nasceria sozinho. Teria que levá-lo ao médico. Ao lado, o outro filho do casal negro dormia um sono irrequieto. Vovó, a pobre velhinha, saiu do quarto. Ela sabia, por muitos anos de experiência que o bebê não nasceria sem o médico. Mas também sabia que entre a pobre filha que sofria uma agonia lenta de quatro dias e o médico salvador, havia todo aquele mar de água barrenta e agitada que levava tudo diante de si. E o barco, viria ou não viria? Bob não aparecia e nem uma migalha de comida havia já em casa; e a criança sem nascer!

Brann que escutava atento o mínimo ruído exterior ouviu tiros. Um tiro, e outro e outro. Pensou: «alguma coisa está acontecendo na cidade!» Nem teve tempo de pensar o que seria. Um barco, guiado por Bob aparecia. Um pequeno barco a remos — a salvação! Preparou tudo para partir. Agora os brancos iam salvar a mulher; não, eles não deixariam que o filho matasse Lulu. Aquele rosto miúdo e escuro melia do; os olhos fixaram-se nele, mais brilhantes e tristes; nem sequer um gemido se ouvia; estava exausta. Antes de partir, Brann lançou aos céus uma oração; nenhuma que lhe tivessem ensinado, mas palavras que lhe

Agarrou nos remos, puxou com força o barco e deslizou para longe sobre a água escura...



— Negro, onde roubaste esse barco? — estas palavras caíram como chicotadas sobre Brann. Outras

vozes fizeram coro com a primeira: «E' o nosso barco! E' o nosso barco!» — «Negro, dá cá o barco! E' o nosso barco!» «Para, maldito negro!»... Dois tiros soaram. Brann afundou os remos cegamente; o barco girou para longe. «Negro não leves esse barco! Mato-te!» — a voz acompanhava a luz do holofote que pesquisava a noite. Bateu no rosto do negro. O barco chocou com qualquer coisa que vinha à deriva. A mulher tinha fechado os olhos. Ia ter um bebê. Ia para o hospital. E aquele branco agora a reclamar o barco, de pistola na mão. Brann viu-lhe, distintamente, o rosto duro e a arma que tinha na mão.

— «Negro, trás o barco!» o negro sentiu a garganta seca; seca a língua que passou pelos beijos grossos e gretados de febre. Meteu a mão ao bolso e tirou a pistola. Dois tiros partiram e o branco caiu de chapa na água barrenta...

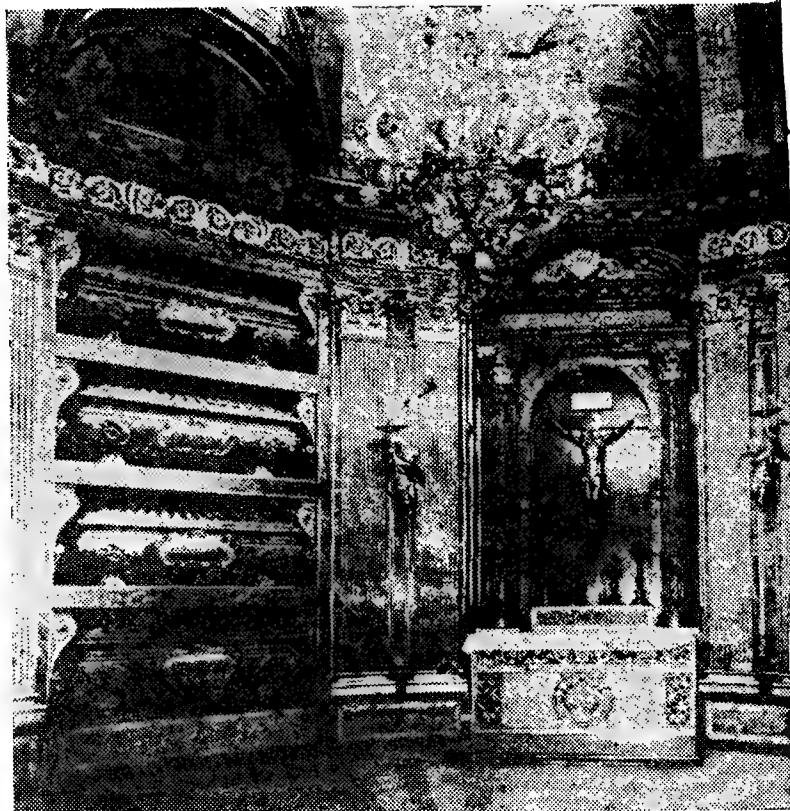
— Ergueu Lulu nos braços e entrou na Cruz Vermelha. Finalmente! Vovó trazia o outro pequeno a choramingar, pela mão. Na sala destinada aos doentes negros, depositou a mulher sobre a mesa. O médico olhou aquela jovem mulher. O seu rosto, cabelos, roupas, estavam enxarcados. O braço esquerdo caiu da mesa, mole. O doutor inclinou-se.

— Bem, meu rapaz, ela está morta.

— SENHOR! — nem Brann saberia, nesse momento, dizer a quem se dirigia...

— «Eh! tu! um soldado branco veio até ele. «Meu Deus o que irão fazer de mim! Sei lá!»

O pequeno chorava: «Pai, onde está a mãe?» «No céu, meu filho»... O coronel gritava ordens. Tinha de partir para as obras do dique; lá trabalhavam todos os negros apanhados a jeito. Sem protestos, negro, é a lei marcial para os negros.



O pátio de Carlos V e dos Filipes
Eis o espaço a que se acabam por reduzir todos os sonhos

A VIDA QUOTIDIANA O Demónio buscou outro

Por AUGUSTO COSTA DIAS

Era já teimosamente velha a fria intimidade que o cardeal-rei D. Henrique votava ao sobrinho D. António, Prior do Crato. Vinha, pelo menos, desde o ano de 1555 em que, por morte do pai, D. António (então com 24 anos) se recusou corajosamente a tomar ordens de presbítero e a seguir a carreira eclesiástica a que o haviam sentenciado desde o berço. Os nossos benévolo historiadores habituaram-se ao tradicional vício de taxar D. Henrique de fraco e irresoluto e há mais de um século que se dedicaram a repetir a desculpa com abundante generosidade. Acontece, porém, que o Cardeal-Inquisidor, instrumento perfeito da Contra-Reforma, implacável perseguidor dos desvios de pensamento — só era irresoluto quando a decisão porque optar não prejudicava os seus planos políticos, económicos e religiosos. Quando estes estavam em jogo, D. Henrique era um exemplo de impiedosa pertinácia.

Destinado, como disse, ao sacerdócio por resolução do pai e do tio, o futuro Mestre do Crato formou-se aos 20 anos pela Universidade de Coimbra. No ano anterior (1550), por altura da visita de D. João III à Universidade, o jovem pronunciara em latim o panegírico de Afonso Henriques. Até aqui tudo parecia bem. Acabado o curso, o cardeal mandou-o para Évora para se especializar em Teologia. Cumprindo o programa estabelecido pelos parentes, tomou ordens de diácono. E as coisas continuavam a correr bem. Ocorreu todavia a morte do pai de quem herdava o mosteiro da Ordem militar do Crato.

voz do negro soava no vácuo. Dentro do seu coração amargurado, ele implorava: «Senhor, não deixes que me matem! Não deixes que eles matem os negros! Senhor... Mas a voz perdia-se no ruído da cheia...

Com os soldados executores subiu a ladeira. As lágrimas cegavam-no. Só pensava em morrer, morrer antes que o matassem. Fugir das mãos dos brancos. Atirou-se para um lado, em direcção à corrente caudalosa. Um tiro, e outro e outro. Pragas. Mais tiros. Os soldados corriam. Mann rolou pela encosta, pesadamente e parou a alguns centímetros da água. A mão escura pendia, inerte, agitada docemente pela água negra...

Condensação de um dos capítulos da excepcional obra de Richard Wright — «Os Filhos do Pai Tomás». Richard Wright, é esse homem a quem alguém já chamou «paz da alma negra». «Os filhos do pai Tomás», que a Editora Arcádia acaba de lançar, é um violento, dramático libelo contra o racismo e uma obra de superior emoção.

Então a situação muda totalmente: o jovem António recusa-se a seguir a vida eclesiástica, alegando que, até aí, só por imposição alheia e não por devoção fora compelido para a carreira sacerdotal. Nenhuma ameaça o demove. O tio nunca mais lhe peidoará a corajosa atitude; nunca mais lhe concederá sobra de simpatia. Quando as cortes de 1562-63 escolhem D. António como membro do Conselho de Estado, D. Henrique, então regente na menoridade do sobrinho, D. Sebastião, afasta-o de tais funções juntamente com os outros fidalgos eleitos nas mesmas cortes para tal fim.

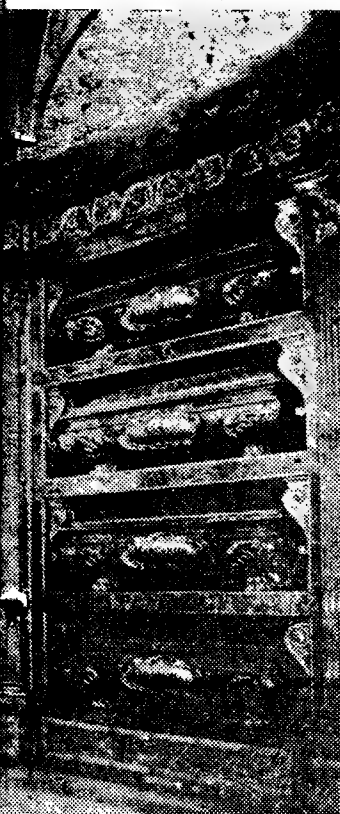
A firme decisão do Prior do Crato acarretou-lhe a animosidade dos membros mais fanáticos da Igreja portuguesa. O nosso País era arrasado pelas suas classes dirigentes para o campo de lutas sociais que se degladiavam na Europa. Quando o ex-candidato a bispo ou arcebispo ou talvez cardeal encabeça a resistência contra as pretensões de Filipe II, aquelas classes dirigentes que traíram o País para seguirem os propósitos da Contra-Reforma — apontam o Prior do Crato como herético, e o bispo de Silves não hesita mesmo em chamá-lo «o outro Martinho (Lutero) que o diabo buscou».

O bispo já em 1579, ainda em vida do cardeal, e em carta a este, apresentava o problema da suces-



Deste quarto governou





de domínio mundial...

EM 1580 Martinho (2)

do trono e da independência desta maneira: o socorro prestado ao partido que combate Filipe II é herético: vem de protestantes In-
leões e Franceses; nesse caso, ra-
o bispo «quem não houver maior medo do mesmo socorro que a guerra, que se teme, não tem entendimento». E acrescenta a seguinte espécie de ameaça: «Não esqueira V. A. neste derradeiro quar-
da sua vida por tão grande má-
ara em tão ilustre nome como o eu sempre foi, como será se não talhar tão grande mal como este ode ser».

Na carta aos governadores, de-
ois da morte do cardeal, é ainda mais nua a crueza com que expõe
linha política das classes sociais
que pertence. Começa por decla-
ar que «falar com o povo é coisa
erigosa». E assente que não se
ve escutar o voto popular — inu-
era as razões porque se deve re-
ber de braços abertos a Filipe II.
A primeira e a principal razão, é
m «pelo bem de toda a cristan-
ades». Quer dizer: a política de
idade do bloco feudal dos con-
a-reformistas em torno do rei es-
anhol, exigia a demissão de Por-
ugal como País independente. Vi-
ha logo a segunda razão: era, não
a o leitor de hoje, era pela con-
servação de Portugal. Que signifi-
cava esta frase? Se me não engano,
seguinte: no caso de vingar a
andidatura de Filipe II não have-



pe II, nos últimos anos de vida, o seu império luso-castelhano

ria qualquer transformação social revolucionária, não haveria possibi-
lidade de a burguesia, perseguida
como judaica pela Inquisição, se
apoderar das rédeas do País; em
conclusão: a nobreza e o clero
manteriam os seus privilégios, ou,
como se dizia naqueles tempos,
guardaria seus foros e costumes». Só esta se me afigura explicação
plausível para a violência com que
é atacado D. António, candidato po-
pular.

Cristóvão de Moura escrevia en-
tão a seu amo, Filipe II: «Com los
nobles y obispos está ya concluido.
Los lugares e gente del Pueblo son
los dañados».

Os danados eram os que seguiam,
pois, o partido do Prior do Crato;
ao qual pertencia também a aguer-
rida falange dos padres aldeões
contra que se rebela o bispo do Al-
garve quando escreve: «O demó-
nio, que sempre busca como nos
trague para estorvar os grandes
proveitos que desta união de co-
roas (de Portugal e de Espanha,
acrescente-se...) se seguirá não só-
mente para nós, mas ainda para
toda a cristandade (como adiante
apontarei) e, para semear, no que
ficou dela (entenda-se: depois de
se dividir entre protestantes e ca-
tólicos), as mesmas heresias e mo-
ver novas guerra no Mundo para
acabar de tragar tudo, buscou ou-
tro Martinho que devesse por ar-
mas a justiça torcida e interpreta-
da como ele quer e não como deve
ser; o qual Martinho, seguindo as
péggadas do dito seu antecessor, de-
pois de por todas as vias pertur-
bar a quietação e sossego destes
reinos (sempre a alegação da or-
dem e tranqüilidade publicas...) e,
para acabar esta sua obra diabólica
subrepticemente, impetrou car-
tas de V. S. (os governadores) para
os bispos e prelados de todo o Rei-
no mandarem advertir o povo nas
pregações e estações de todos os
mosteiros e freguesias que tomas-
sem as armas para não consentir
que ninguém, contra justiça e sem
sentença, se apossasse do Reino,
entendendo V. S. que algum dos
pretendentes naturais poderia ten-
tar de se levantar (tomar pela for-
ça o trono) e com isso se reprimi-
ria. Porém ele (D. António) usou
nela tanto ao revés, não lhe faltan-
do para isso ministros nos mostei-
ros que, para nossos pecados, das
cadeiras sagradas, feitas para en-
sinar ao povo cristão a palavra de
Deus, fizer pulpitos de mentiras,
exortando o povo a tomar armas
contra uma só coluna da Igreja
(Filipe II)».

Por esta amostra podem os nos-
sos leitores prenunciar o âmbito
político que determinou a perda da
independência nacional. Os agentes
portugueses de Filipe II, nas cartas
para o seu amo, ao falarem dos
que passavam ao partido do rei es-
panhol, usavam a curiosa seguinte
expressão: «atornaram», «fizeram-se
cristãos» ou «converteram-se». De
Febo Moniz, que nunca traiu, di-
ziam estar «endemoniado». Os pro-
blemas económicos, políticos e so-
ciais exprimiam-se em linguagem
teológica, o que é bem caracterís-
tico da época. Claro que muitas co-
isas haveria ensejo para se dizer.
Este artigo não é, porém, desti-
nado a especialistas e o meu ob-
jectivo foi divulgar ao grande publico
alguma coisa acerca da época mais
trágica da nossa vida nacional.

CLOVIS GRACIANO

(Continuação da 1.ª página)

tais lhe aparecem. E aí, sendo ele
um homem de ofício, fiel a uma tra-
dição plástica de humildade e apre-
ndizagem diária, pintor figurativo
(mas de modo algum inimigo da
arte abstracta, para ele «uma esco-
la como qualquer outra»), se situa
Clovis Graciano contra uma tradi-
ção aparente: a de todos os acade-
mismos preguiçosos, venais e vai-
doses.

Clovis Graciano deforma a reali-
dade através de uma visão indivi-
dualizante, como todo o verdadeiro
artista (seja de que época for), mas
fá-lo com uma intuição (essa intui-
ção dos plásticos que é processo de
conhecimento) corrigida por um
constante sentido de investigação.
Toda a sua obra é realista, por esse
amor ao real e essa pesquisa inces-
sante do real, mesmo nas expressões
mais surpreendentes de exaspero
do movimento, ou no arroubo oní-
rico dos bailarinos em transe, ou
nas cenas de «rodeio», em que a es-
tização é como que uma exigên-
cia íntima — o julgamento —, pro-
jectando-se num angulo ou em di-
versos angulos de visão necessária.

Tem hoje 51 anos esse homem
alto, seco, sóbrio, e sereno, quase
triste, quase rude, que simples e
cordialmente me recebeu no seu
«atelier» de São Paulo, onde um
amigo português me introduziu, o
poeta Carlos Maria de Araújo. Aí
ele me mostrou os óleos em que
actualmente trabalha, os seus últi-
mos desenhos e alguns quadros an-
tigos, depois de eu já ter tido no
Museu do Ibirapuera a revelação
da sua pintura, virilmente senso-
rial, mais sensorial, aliás, do que
a esperava, prevenido contra o seu
repúdio das «adivinhações»; aí me
envolveu aquele «encantamento lar-
go» — a que se refere Mário de An-
drade — que transcende as senso-
rialidades e segreda em nós o es-
tremecimento vago de uma ideia
que não diz.

A vida de Clovis Graciano, enqua-
nto a procura, aventura e mudança,
na sua instabilidade aparente, na
sua dureza, na fidelidade a uma
vocação, tem algo de semelhante à
existência de certos artistas-arte-

MORSE

Quantos filhos?

A evolução no seio da Igreja an-
glicana acaba de demonstrar-se com
a preocupação dela de se ajustar às
concepções da vida moderna.

Num documento com mais de
237 páginas, resultante do trabalho
de 317 bispos, reunidos de 7 de Ju-
lho a 10 de Agosto em conferência
no palácio de Lambeth, as autori-
dades anglicanas reconhecem que
«o «controle» de nascimentos é um
direito e um importante factor nas
famílias cristãs».

Uma passagem desse relatório:
«Quantos filhos? Com que inter-
valos? Eis duas perguntas a que, de
uma maneira geral, é impossível
responder. O problema deve ser re-
solvido pelos próprios pais, depois
de sérias e cristãs reflexões. Os ca-
sais que desejam atingir certo ní-
vel financeiro antes de procriar, de-
vem estar vigilantes, pois correm o
risco de colocar o seu conforto aci-
ma do seu dever. Mas é erróneo afir-
mar que as relações sexuais consti-
tuem um pecado desde que não
tenham por objectivo imediato a
procriação».

Os bispos anglicanos continuam,
porém, firmemente contrários.
— às relações pré-nupciais
— à inseminação artificial.

A única saída

A Gra-Bretanha fez explodir no
Pacífico central um engenho ter-
monuclear. A bomba foi lançada de
bordo de um bombardeiro de reac-
ção «Valiant».

Esta experiência é a vigésima
efectuada pelos britânicos desde
sempre, e a terceira da série que
principiou a 22 de Agosto ultimo.

Foi muito reduzida a publicidade
deste acontecimento na imprensa
inglesa. A opinião publica na velha
Albion mostra-se muito preocupada
com a possibilidade de uma guer-
ra atómica. Uma parte muito va-
liosa e influente dela vai mesmo
ao ponto de pedir a suspensão des-
sas experiências por parte da In-
glaterra — na certeza de que este
país não pode competir com os
outros gigantes muitíssimo mais
poderosos nesse campo. A ser as-
sim, argumenta-se, o que há a fazer
não é competir — mas sim neutra-
lizar e impedir.

Todos os «homens da rua» das
ruas de todo o Mundo são do mes-
mo parecer. Impedir uma guerra
atómica é a única maneira de nos
defendermos dela...



Clovis Graciano — autoretrato

sãos da alta Idade-Média. Aos 17
anos, com o curso primário, tirado
numa escola da zona rural em que
nasceu, Clovis Graciano era pisto-
nista de uma filarmónica e apre-
ndia a tocar violino. Três anos mais
tarde, porém, abandonava a musi-
ca, para se tornar pintor ambulante
de portas e tabuletas nos Caminhos
de Ferro de Sorocabana. Durante
quatro anos, que contam, quanto
o enriquecimento experiencial, en-
tre os mais importantes da sua mo-
cidade, morou num vagão e nele
viajou por longas terras. Finalmen-
te, em 1930, já com 23 anos, decidiu
apaixonadamente dedicar-se ao es-
tudo do desenho. Trabalhando, para
se manter, numa oficina de pintura
de automóveis, faze informando,
através de jornais e revistas es-
trangeiras, em que dispndia quase
toda a soldada, do movimento de
renovação artística, a que imedia-
tamente aderira. Essa fase da sua
vida apresenta um incidente simu-
laneamente dramático e pitoresco.
A fim de melhorar a sua condição
económica, Clovis Graciano aban-
donou a oficina e partiu para Goiaz,
onde fez concurso para um cargo
publico. Aprovado nesse concurso
e nomeado para um cargo federal,
em São Paulo, não pôde entretanto
sujeitar-se às obrigações burocráti-
cas, acabando por ser demitido da
quelas suas funções, por abandono,
pouco depois.

Foi por volta de 1934 que Gra-
ciano pintou os seus primeiros
óleos e aguarelas, frequentando ao
tempo o curso livre de desenho da
Escola Paulista de Belas-Artes e o
«atelier» do pintor Valdemar da
Costa. Relacionou-se então com o
Grupo «Santa Helena», formado in-
icialmente por Manuel Martins, Má-
rio Zanini, Alfredo Volpi e Rebollo
Gonzalez. O lema desse grupo, ex-
celentemente dotado, mas em que
predominava então o autodidatismo,
era «aprender de qualquer forma».

Acaso o próprio clima de São Pau-

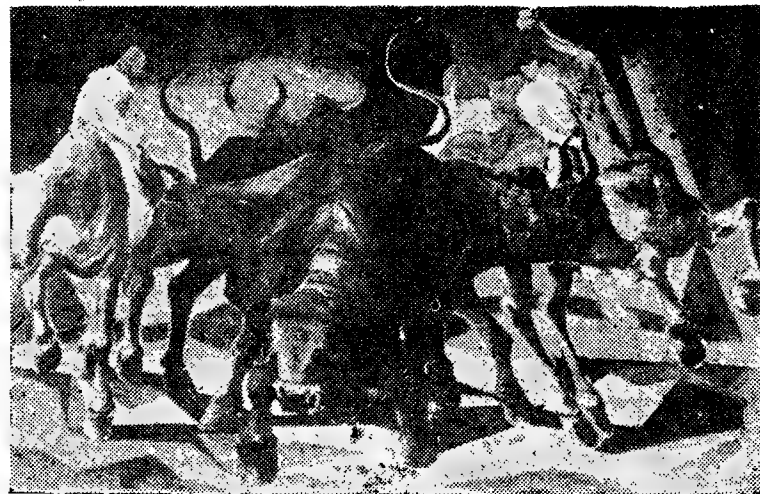
lo, a cidade morrinhenta, a Londres
do Brasil, lhes deu a todos a cor-
tema — o cinzento — que, por
outro lado, dada a origem pobre,
a ascensão dificultosa, que também
os aproximava, neles achava um
campo propício. Superadas as ex-
periências do impressionismo, de-
pois do expressionismo, por
passou o Grupo Santa Helena, bap-
tizado já de «Escola Paulista» e
acrescido de novos adeptos — Fi-
gueira, Penacchi, Giorgi, Cucci —
cada qual buscou a sua linguagem.

Clovis Graciano, sem se filiar em
nenhum «ismo», sempre insatisfei-
to, um pouco taciturno, forte e ca-
lado, vai robustecendo a sua arte,
em permanentes pesquisas, com su-
cessivos «apports», inclusive com
processos da pintura abstracta, que
ele, realista da gravidade, da mel-
ancolia, não desdenha.

Tem exposto em São Paulo e no
Rio, em Montevideo, Buenos Aires,
Valparaíso e Santiago do Chile, em
Paris, na exposição da U. N. E. S.
C. O., em Nova York e outras cida-
des dos Estados Unidos.

Entre os prémios por ele obtidos,
dois dos quais em São Paulo, no
Concurso de Desenho promovido
por Património Histórico e Artísti-
co do Brasil e no Concurso de Ce-
nários e Figurinos promovido pelo
Departamento Estadual de Impren-
sa e Propaganda, figura o Prémio
de Viagem à Europa, que lhe foi
concedido em 1948, pela sua parti-
cipação na Secção de Arte Moderna
do Salão Nacional de Belas-Artes
do Rio de Janeiro. Após essa via-
gem Clovis Graciano deu um passo
em frente. São de 1950 três dos
óleos admiráveis, cujas reproduções,
infelizmente apoucadas pela falta
de cor, ilustram esta nótula de ap-
resentação. De toda a maneira, elas
são ainda o melhor argumento a
favor da arte — do melancólico e
crítico e mágico realismo — de
Clovis Graciano.

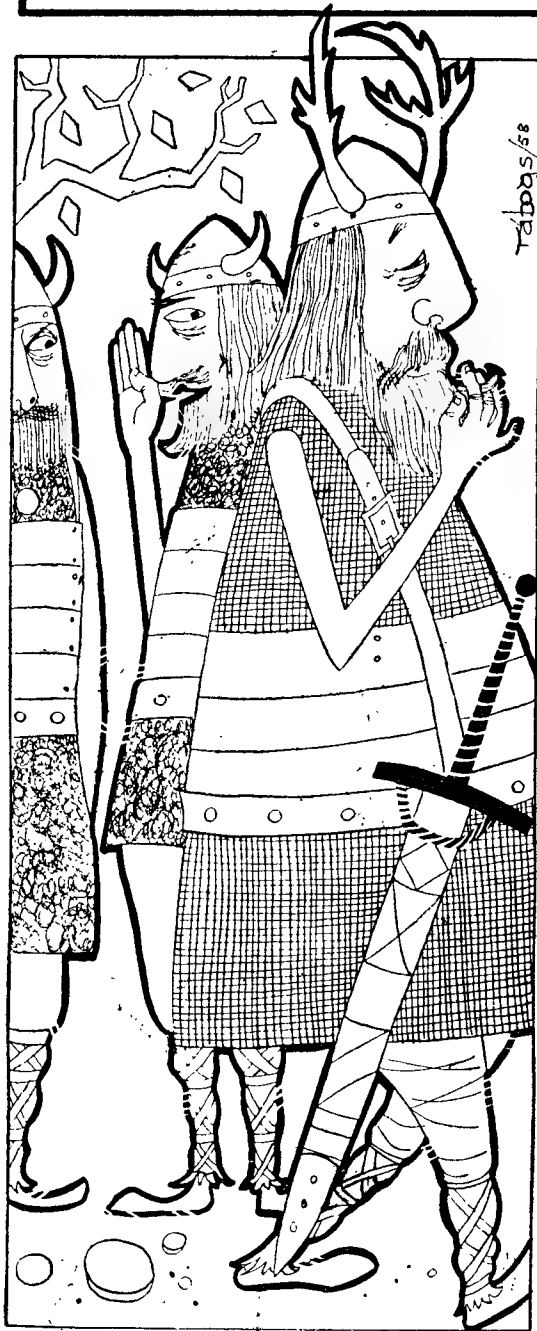
URBANO TAVARES RODRIGUES



Rodeio — quadro de Clovis Graciano

OS VIKINGS

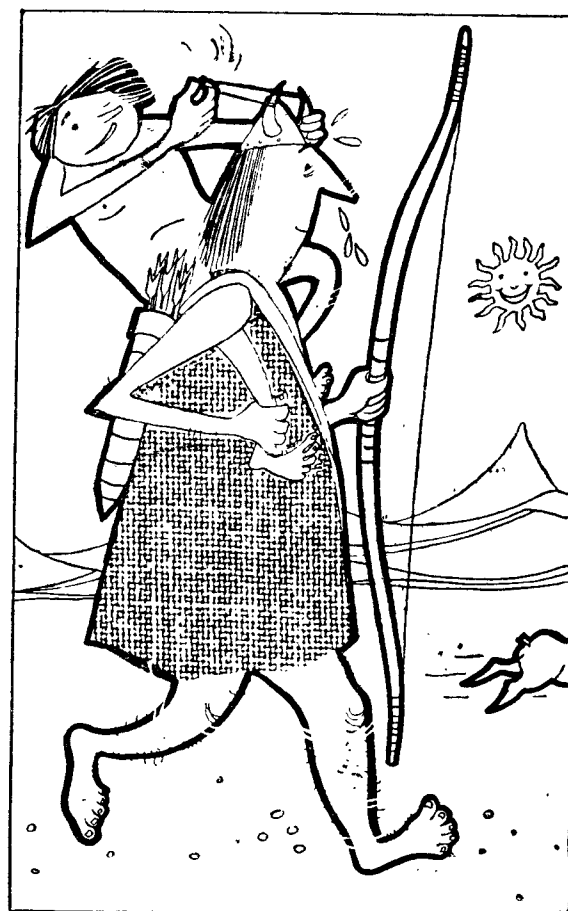
UM CASO POR SEMANA
UMA PÁGINA DE
HUMORISMO NACIONAL



...Sempre teve a mania
da superioridade !...



SEM PALAVRAS



NA CAÇA...



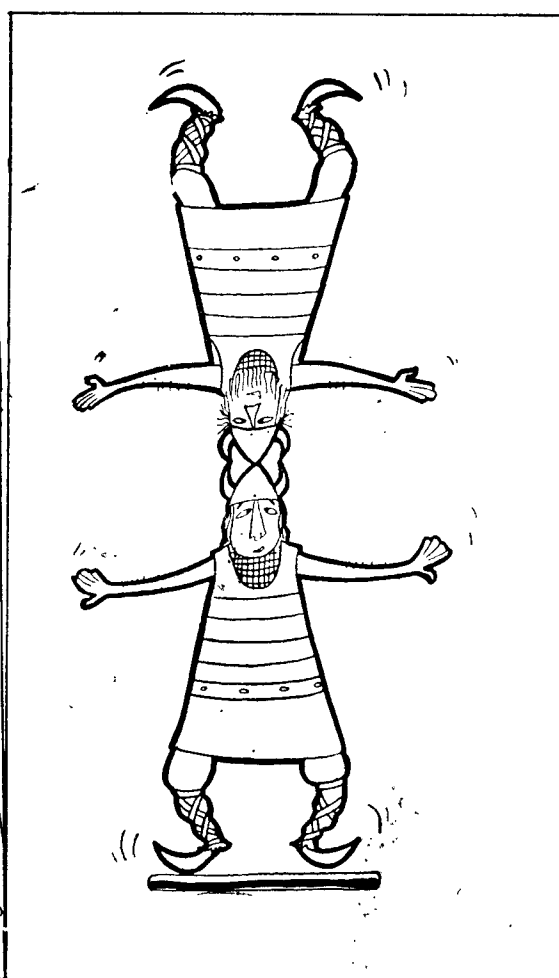
SEM PALAVRAS



— Fora daqui !...
— Por amor de Deus deixe-me entrar
que eu não sou o diabo...



— Então tiveste um desastre ?
— Não. Cheguei a casa às 5 h. da manhã...



EQUILÍBRIO...

O sorriso é o maior tesouro do homem!

Goze-o e conserve-o com a PASTA

DEX-CREME

LINHA SINGELA



Este é o modelo «8-234», um casquinho solto, muito curto, fechado até ao pescoço, e uma saia «eloches», graças aos seus oito panos, abotoada na frente. Manga três quartos. Tecido de pura lã. Mas, atenção aos preços, comparados com os das nossas modistas que os copiam para as suas passagens de modelos: apesar de vir assinado pelo seu criador (Delapierre) custa apenas um conto e cem... Quanto custará em Lisboa?

PARA HOMEM
E AGORA PARA RAPAZ
HÁ UMA CAMISA

Primaz



EM CAMISAS
A PRIMAZ SABE O QUE FAZ

Primaz

ROSSIO 115 — LISBOA

PAGINA D

PERGUNTE para saber

AMÉLINHA — Na secção de culinária encontrará a resposta às suas perguntas.

Quanto à Folha de Desenhos para Bordados e Rendas, foi publicada até ao número cinquenta e três. Muitos números dessa revista de labores com desenhos no tamanho natural estão esgotados.

MARIA PAULINA, DONA DE UM OLIVAL — Tanto no nosso Alentejo como na Estremadura espanhola preparam-se, em poucos dias, as primeiras azeitonas do ano que vão para a mesa ainda verdejantes e deliciosas. Colhem-se as azeitonas carnudas e verdes, do tipo das azeitonas de Elvas. Colocam-se uma a uma sobre uma pedra e, com uma machadinha, ou com outra pedra, dá-se uma pancada forte na azeitona de modo a abri-la. Se o caroço sair, melhor será. Depois das azeitonas terem sido todas esmagadas por este processo são postas numa talha de barro, vibrada no interior, ou num alguidar de barro. Cobrem-se com água fria que todos os dias é renovada. Passados dez dias provam-se as azeitonas. Se tiverem perdido o travo natural da azeitona nova, cobrem-se com água limpa, sal para temperar, rodela de limão, folhas de louro e oregãos. Passados três dias podem comer-se. Em Espanha — na Estremadura — usam temperá-las também com uns dentes de alho.

As azeitonas preparadas por este processo são as menos indigestas e as mais saborosas.

Gulosa provinciana — Pode fazer os bolos com mel orientando-se pela seguinte receita: misture e amasse bem duas chávenas de farinha com dois ovos inteiros, uma chávena de mel, meia chávena de nata quente e um bocado de manteiga do tamanho de um ovo grande.

Estende-se esta massa, com o rolo

e corta — dando-lhe formas variadas, rodela, quadrados, triângulos, lozangos, etc.

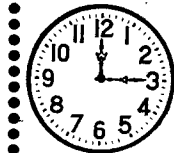
Leve ao forno a cozer em tabuleiros polvilhados de farinha. Feitos em latas de folha, conservam-se 15 dias.

Casaco de veludo

Problemas da dona de casa
Visitas inesperadas

Se a leitora tem, para o seu almoço, umas vulgaríssimas sardinhas e não quer servi-las assadas, nem fritas, às visitas que, inesperadamente, vieram partilhar da sua refeição prepare as sardinhas recheadas da seguinte maneira: manche-as, corte-lhes as cabeças, abra-as com um golpe dado pela frente de alto a baixo, e tire-lhes as espinhas. Prepare o recheio com miolo de pão embebido em leite, ovo cozido cortado miudamente, sal, pimenta e um ovo cru. Recheie as sardinhas dando-lhes a forma primitiva, passe-as por farinha de trigo e frite-as em óleo com muito cuidado para não se quebrarem. Servem-se quentes. Também podem ser passadas por farinha e depois por ovo antes de serem fritas.

Jean-Pierre Gattegno apresentou numa recente passagem de modelos este casaco de veludo «martilê». Tem um corte clássico, prático, ótimo para as compras ou para levar para o emprego.



PRISÃO DE VENTRE

A pontualidade intestinal sem cólicas nem acostumação.

Rectonus

Supositórios

A venda nas Farmácias.



* Marca Registrada de
The Singer Manufacturing Co.

SINGER

A MELHOR ORGANIZAÇÃO DE FABRICO E VENDA DE MÁQUINAS DE COSTURA EM TODO O MUNDO

MAIS DE CEM ANOS
AO SERVIÇO DA COSTURA

Conselhos e receitas

Quando se faz a marmelada, juntando-se-lhe um pouco de glicerina o açúcar não cristaliza nem se dão fermentações.

*

Para tirar nós de café dos tecidos de cor lava-se a parte manchada com gema de ovo diluída numa pequena porção de água morna e misturada com umas gotas de álcool.

*

Para restaurar artigos de polimento dá bom resultado friccioná-los com clara de ovo à qual se tenham misturado algumas gotas de essência de trebentina. Puxa-se depois o lustro com uma flanela macia.

VARIEDADES

O filho primogénito dos reis de Portugal a quem primeiro se deu o título de príncipe foi D. Afonso filho de D. Duarte e da rainha D. Leonor, que nasceu em Sintra a 5 de Janeiro de 1432. Até então todos os que lhe precederam recebiam, apenas, o título de infante.

*

As fêmeas dos cucos americanos são melhores mães do que as dos cucos europeus porque, geralmente não depositam os ovos nos ninhos de outras aves insectívoras, fazem elas próprias a incubação dos seus ovos, desde que comecem a postura, do que resulta apresentarem a ninhada com aves de tamanhos diferentes.

massas

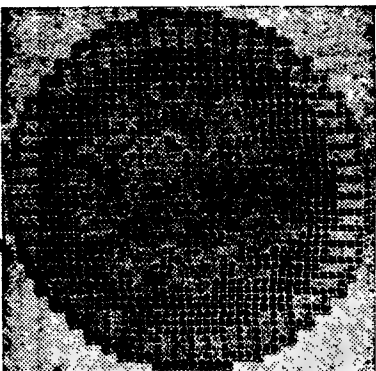


COM MASSA

COICA TODOS OS

A MULHER

«CROCHET»



Para satisfazer o pedido de uma leitora publicamos este modelo de «crochet» que se destina a cobrir o jarro da água numa casa de estilo rustico.

Foi executado na malha de abertos e fechados com linha Mercer Corrente branca n.º 20.

A nitidez da gravura permite a cópia das malhas. No entanto se alguma leitora desejar o desenho em papel quadriculado no tamanho natural importa-lhe em 5\$00. A' cobrança, mais 2\$00.

Pedidos á «Página da Mulher», «Diário de Lisboa», Rua da Rosa, 57, 2.ª, Lisboa.

Em ALBUFEIRA são o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendidos por António dos Santos

CULINÁRIA

Bolo de amêndoa

Batem-se cento e vinte e cinco gramas de manteiga ou de margarina até ficar na consistência de pomada.

Juntam-se-lhes, uma a uma, seis

No tempo das maçãs



Descasque umas maçãs tire-lhes por cima os olhos e os caroços encha as cavidades com açúcar em cima de cada uma ponha algumas nozes descascadas e partidas coloque-as num prato «pirex» e leva-as ao forno para assarem. Pode servir-las quentes ou frias.

gemas de ovos, duzentos e cinquenta gramas de açúcar refinado e uma colher, das de chá, de canela em pó.

Batem-se bem e juntam-se-lhes cinquenta gramas de miolo de amêndoas peladas e moídas.

Por fim, juntam-se as claras batidas em castelo e mexe-se levemente só para as incorporar na massa.

Deita-se em forma lisa bem untada com manteiga e polvilhada com farinha. Vai a cozer em forno de calor moderado.

Sopa dourada

Fervem-se durante uma hora e meia quinhentos gramas de ossos de vaca com a água suficiente. Passado esse tempo, coa-se o caldo passando-o por um pano, tempera-se com sal e nele se cozem cinco colheres de massa miuda — estrelinhas, pevides ou letras — Enquanto a massa coze, desfaz-se uma gema de ovo numa tigela, junta-se-lhe o sumo de melo limão e uma colher de salsa picada o mais finamente possível. Quando a massa estiver cozida, retira-se do lume e deixa-se arrefecer um pouco. Junta-se então o ovo mexendo-se rapidamente e leva-se de novo ao lume só para de novo levantar fervura.

Pequena sugestão DA LINHA IMPÉRIO



Delapierre criou este modelo, inspirado na linha «Imperio» e que, pela sua simplicidade, pode ser adaptado às senhoras de gosto mais discreto. Repare-se na escuridão das linhas desaparecem a cinta e a graça do busto. O vestido, para de tarde, é bouclors, num tecido que aparece agora nas grandes colecções e que lembra um «Tweed» de felpo.

Acabe com o mau cheiro usando



ODO-RO-NO

Eficaz durante 24 horas

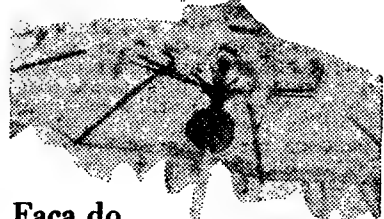
FAÇA DO

ODO-RO-NO

O SEU MELHOR HÁBITO DIÁRIO

Uma vez por dia, todos os dias dedique uns instantes a ODO-RO-NO.

Protege eficazmente contra a transpiração durante 24 horas.



Faça do

ODO-RO-NO

O seu melhor hábito diário



não dão maçadas...



ESTA É QUE É A VERDADE:

QUEM ESTÁ HABITUADO A PREPARAR MASSAS ALIMENTÍCIAS SABE COMO É FÁCIL E RÁPIDO COZINHÁ-LAS. PREPARANDO ASSIM UMA REFEIÇÃO AGRADÁVEL, NUTRITIVA E PARTICULARMENTE LEVE E ECONÓMICA.

É bom... é saudável, por isso... o Homem das Massas aconselha:

RECEITA 3

Esparguete com picado de carne

500 g de carne cozida ou assada — 300 g de esparguete — 1 colher de banha de porco — 1 colher de manteiga — 2 colheres de farinha — meio litro de leite — um pouco de pimenta e noz moscada.

1. Passe a carne pela máquina de picar.
2. Faça um refogado com a cebola, e a banha.
3. Junte ao refogado a carne picada, tempere com pimenta e noz moscada.
4. Coza o esparguete em água e sal, e depois escorra muito bem.
5. Num prato de ir ao forno, deite metade do esparguete, que cobre com o picado, e sobre isto deitará o esparguete restante. Alise muito bem.
6. Cubra com um molho branco, que fez, levando ao lume a manteiga com a farinha, e juntando-lhe depois o leite, temperado com sal e noz moscada.
7. Leve o prato a forno forte, para corar depressa, sem secar.

8... A VIDA É MAIS GOSTOSA

S EM RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS O «HOMEM DAS MASSAS»

OS GRANDES FIGURINOS

Com a chegada do Outono, acabaram as férias e principiou a necessidade de pensar nos novos vestuários de Outono e Inverno. Eis os grandes figurinos que aconselhamos às Senhoras que gostam de vestir bem, acompanhando a Moda:

MODAS SENHORAS

DIE ELEGANTE LINIE, Inverno	17\$50
LA DONNA, Outubro	22\$50
JANINE, Inverno	20\$00
LANA LOBEL, Outono	17\$50
GRACE SMART, Outono	12\$50

MODAS CRIANÇAS

MODAS INFANTILES, Outono	17\$50
MALHAS (TRICOT)	
ALBUM SUÍÇO BWT n.º 15	30\$00
ALBUM SUÍÇO LA FILEUSE n.º 26	30\$00
LAVORIAMO A MAGLIA (Bebés)	17\$50

BORDADOS

RAKAM, a melhor revista do género 20\$00
Se, na localidade onde reside, V. Ex.ª não encontrar estas revistas, queira fazer o favor de enviar a respectiva importância em vale do correio ou selos, ao distribuidor exclusivo: **ALBERTO ARMANDO PEREIRA**, Av. Ant. Augusto Aguiar, 13. LISBOA 1. A' cobrança, mais 5\$00 cada revista.

FANTASIAS DO "TRICOT"
CONHEÇA AS ÚLTIMAS NOVIDADES
EXECUTADAS PELA **ORION**
VISITANDO O
STAND HUSQVARNA
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 9-A

tuba Espuma Soca

Sensacional produto da Química Alemã. Limpeza a seco de Carpetes e Passadeiras, Estofos de Automóveis e de Móveis. Pelas suas mãos e na sua casa! Centenas de escudos de economia! A venda em todo o Mundo e em PORTUGAL, em todos os bons estabelecimentos.
REPRESENTANTES: SCHROETER & ALMEIDA
RUA DA MADALENA, 128, 2.º — LISBOA

Máquina de **TRICOTAR** **BUSCH**

APENAS POR **115\$** MENSAIS
CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER "TRICOT"

REPRESENTANTES:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telefs. 59181-2-3 - LISBOA

Luva azul

Apresenta um variado sortido de LUVAS para senhoras, homens e crianças, MEIAS, PEGAS e objectos para brinde.
RUA AUREA, 266

Na AMADORA o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Tabacaria Dina.

o desencontro

Por
JÚLIO ROCHA FRECHES



O Sol estava brilhante e ardente naquele dia de Agosto. Tudo escaldava. Uma quietude aborrecida andava nos ares. As pessoas dir-se-iam mudas, porque a boca estava seca, os lábios pegavam-se, e um calor insuportável tornava-as apáticas, selamurdas, sem forças.

O comboio, que vinha atrasado, pouco demorou na estação. Só eu tinha subido. Tomei lugar numa carruagem de terceira. Os bancos estavam vazios. Só uma pequenita, lá no fundo, nos últimos assentos, se empenava deitando a cabecita loura para fora da janela.

O céu era azul, muito azul e quente. Por vezes, a silhueta de uma ave, riscava-o, ao mesmo tempo que lançava um pio breve e fino. A carruagem guinchava, parecia estalar.

A rapariguinha de cabelos louros já agora sentada; porém, olhava, com os olhos fixos e muito abertos, para o céu. Nas mãos, muito agarrada ao peito, segurava uma boneca de farrapos. O rosto branco não era bonito, mas não passava despercebido: tinha um ar angélico, abstracto, como um sorriso, um sorriso triste de pessoa crescida. Não devia ter mais de nove anos. Olhei-a atento. Um vestido barato e claro cobria-lhe o corpo tenro.

— O seu bilhete?... — pediu o revisor, que tinha entrado.

Entreguei-lho. Furou-o e dirigiu-se para a pequena.

— Então?

— Ainda é muito longe? Quanto demora?

— Já estamos perto, falta pouco. Não te debruce da janela.

O homem saiu e a pequena ficou na mesma posição.

Entraram duas pessoas na estação de X... Um homem, que devia ser negociante, aparentava ter os seus cinquenta anos, e uma mulher toda vestida de preto. Eram marido e esposa.

— Isto é que vai um calor. Sim, senhor!

A pequena olhou o homem, que limpava o pescoço gordo e suado. A mulher ofereceu-lhe maçãs. Agradeceu, mas não aceitou.

— Talvez aquela menina queira. Pshiu, quer uma maçã? Ande... — incitou a mulherzinha.

— Não, não... — mas a outra não deixou acabar: já tinha a maçã nas mãos.

— Obrigada. — Olhou-nos, pareceu reflectir e começou a comer.

A mulher chamou-a para junto

de nós. A pequena hesitou, depois quase a correr, quase alegre veio.

— Então a menina para onde vai? Vem sózinha?

— Venho de Lisboa e vou para a Guarda. Ainda é longe?

— Mais meia hora. — Informou o homem.

— Vem cá passar as férias? — Continuou a mulher, que cada vez parecia mais interessada na miúda.

— Não, não! Vou... para casa de uma senhora.

Avizinhava-se a outra estação. Os dois viajantes que nos acompanhavam apearam-se, depois de amavelmente se terem despedido de nós. Não entrara ninguém. A viagem continuava.

— Faltam três estações para chegarmos à Guarda. — disse eu.

— Só? O senhor vai para lá? É linda? Dizem que neva lá?

Falei-lhe sobre a cidade. Escutava-me com interesse. Parecia sonhar, assim abstracta, a olhar para o céu e a ouvir-me atentamente. O revisor que a tinha a cuidado, chegara.

— Quase que lá estamos... — e depois para mim — O senhor não vai para a Guarda?

— Vou, vou... — respondi.

— Sabe, é que ela vai para casa de uma senhora, e eu não sei se na estação a esperam. E eu ainda me demoro lá, e só a posso lá ir levar quando for noite. E pensei que talvez o senhor...

Compreendi.

— Por que não? Posso, pois.

— Olhe aqui está a direcção. — entregou-me um cartão — Sabe onde é?... Vais com este senhor. Vês como arranjaste companhia...

— Os seus pais ficaram em Lisboa?

— Só o meu pai e os meus irmãos. Eu não tenho mãe: morreu. Não a conheci, eu era muito pequena. — Olhou-me, baixou os olhos e entristeceu. Duas lágrimas rebentaram-lhe dos olhos claros. — Meu pai mandou-me para casa desta senhora, que é muito rica. Dissê-me que era boa. Não muitas vezes tínhamos fome. Era só ele a ganhar. Tenho tanta pena de os ter deixado!

A rapariga dizia isto de uma maneira tão condoída que tive pena. Na face alva, ensombreada pelos cabelos louros, rolavam-lhe lágrimas. Acariciei-a.

— Não vou cá estar muito tempo...

Quando o comboio chegou à Guarda, o Sol começava a encobrir-se.

— É ali, naquela porta alta. Vamos.

Bati à porta. Daí a instantes acudiram-nos. Abriu uma criada, que perguntou:

— O que deseja?

— Desejava saber se a senhora X... nos pode receber. E por causa daquela menina que veio de Lisboa.

— Oh, façam o favor de subir! É esta a pequena? Entrem.

Subimos e esperámos numa sala ricamente mobilada. Apareceu uma senhora. Devia ter sessenta anos. Tinha um ar calmo, de boa pessoa. Cumprimentámo-nos, fez carícias à miúda e falámos algum tempo.

— Bem, se me dá licença, retire-me. Adeus, Cristina, sê feliz! Minha senhora...

— Muito obrigado! — agradeceu ela.

Cristina correu para mim, lançou-se-me ao pescoço e começou a soluçar.

— Então...

— São coisas de criança. Isto há-de passar.

Sai. A imagem daquela criança ocupava-me. Choraria ainda? Creio que sim. O pai e os irmãos não lhe fugiam do pensamento. Era sensível, devia sofrer. Pobre garota.

— Fazia a viagem de regresso. Ia a ler.

— O seu bilhete?...

Voltei-me. Era o mesmo revisor de há dias, que trazia Cristina a cuidado.

— Oh, o senhor?... — admirei eu. — Então, sabe alguma coisa da rapariga?

Sorriu-se enquanto cortava o bilhete, e depois com um ar filosófico:

— Isto... vê a gente cada uma... Não sabe nada? Ela já regressou para Lisboa. Disse-me que não podia passar sem o pai e sem os irmãos. Vejam lá... Estava tão bem... sempre há cada uma... Palerma!

Sorri. Via a rapariga loura e magra, de olhos rasgados e tristes, a sorrir, contente, embebida de Sol e alegria, junto do pai e dos irmãos, na sua humilde casinha.

no berço

A noite é triste
E eu imagino
Que no iar frio e sem janela
Da mãe trapeira,
Um ténue murmúrio de sonhos
Eleva-se dum berço de pobreza.
A luz duma vela
Mal deixa ver
O pálido rosto da criança
Que murmura.

A noite é triste,
E eu vou pensando
Que para mim
E para os que ainda não entendem

O mistério do máximo amor
Aquele pálida criança
Está sonhando
Num berço de pobreza.
Mas para a mãe
Que o entende e sente mais

que todos
Aquele ténue murmúrio de sonhos
Eleva-se dum berço de riqueza.

Maria de Lourdes Teresa Santos Martins—N.º 854—16 anos

Concurso gigantes da humanidade



Este genial compositor nasceu em Karevo (Russia), em 1839, e morreu em São Petersburgo, em 1881, no meio da maior miséria. Para o internarem no Hospital Escolar, os amigos fizeram-no passar por impedido de um oficial de carreira. Assim pagam as sociedades aos mais ilustres dos seus filhos.

O autor de «Boris Godunov», «Uma noite sobre o Monte Calvo», «Kovantchina», etc., disse um dia: «Quero falar aos homens a linguagem da verdade». E conseguiu-o: a sua arte é verdadeiramente, universalmente humana. Com o «Boris Godunov» realizou as suas mais elevadas aspirações: «Trazer o passado ao presente». Por essa razão faz do povo o principal

herói dos seus dramas musicais. Os coros ocupam assim um largo papel naquela ópera.

A autenticidade profunda deste grande Mestre russo, a sua sinceridade, o seu impressionismo — fazem com que, e muito justamente, seja considerado um dos maiores precursores da música moderna.

As respostas devem estar no «JUVENIL» até ao próximo dia 20 de Outubro, acompanhadas dos seguintes elementos: data de nascimento, morada e numero de Voto cheiro dos concorrentes (no caso de já estarem inscritos como Amigos do «JUVENIL»). Juntamente, devem apontar-nos os três artigos que mais lhes agradaram esta semana.

Atenção ao Concurso

«PORTUGAL E A JUVENTUDE»



Entre os petres da família dos ceratídeos, o macho é dez vezes mais pequeno do que a fêmea. Na gravura, o macho vai assinalado com uma seta

Já falámos, há tempos, de um peixe fêmea que transportava o marido, muito mais pequeno que ela, não nas palminhas, como é uso dizer-se, mas na ponta do nariz...

Outros casos curiosos aparecem na espécie animal. Imaginem um crustáceo, cujo macho é doze mil vezes mais pequeno que a consorte! (claro, que aqui, a sorte é dele).

Em quase todos os animais que nos rodeiam, macho e fêmea igualam-se em tamanho ou, se um tem vantagem sobre o outro, esse é sempre o macho. Daqui lhe vem a designação de sexo forte. No entanto, não pensemos que o caso dos machos filipinos é raro. Não; há muitas espécies de animais, por exemplo, cujo macho é mais pequeno que a fêmea mil vezes. É o caso o não perder, tráfego garrado à sua face ventral. É o argonauta, aquele cefalópode de concha que habita o Mediterrâneo, tem, por macho, um minúsculo animal de 1 a 2 centímetros. Há uma espécie de abelha que tem por esposo um ser pequeno de 1 milímetro, quase cego, quase sem asas e sem cor, que nunca sai do ninho; a sua única função, que de resto desempenha com toda a eficiência, consiste em acudir às fêmeas, logo que estas saem dos ovos. Também o Alcipe — um crustáceo — é um autêntico parasita. Vive de tal forma dependente da fêmea, que os órgãos todos degeneraram, atrofiaram-se, tornando-se, com as gerações, apenas um instrumento procriador. Quase se não pode dizer que seja um ser distinto dela. E é, melhor, um órgão como qual-

quer outro, existente no corpo da senhora Alcipe. Perguntarão vocês: então, por que não desaparecem, de uma vez, estes anêzinhos que só não trabalham, ou por que não passa a fazer parte integrante da fêmea?

Parece que por uma defesa natural. A conjugação é uma das leis mais fundamentais da Biologia. Ela aparece como um meio a que a espécie recorre para lutar contra o envelhecimento e contra condições desfavoráveis. Se o macho desaparecesse, para se tornar uma glândula da fêmea, apenas, a espécie perduraria, em consaguinidade absoluta e votada, por este mesmo facto, a uma rápida extinção. Verifica-se o facto em animais inferiores como os protozoários. A força de se reproduzirem por cissiparidade (uma célula mãe dá, por divisão transversal, duas células-filhas, cada uma transportando metade do núcleo da mãe), acaba por uma degenerescência caracterizada que rapidamente chega à extinção da espécie. Também no mundo vegetal, o resultado é o mesmo; e para obviar a esta degenerescência, há que praticar, periodicamente, uma reprodução sexual por meio do grão, e não por estaca, como é vulgar. Nos animais superiores, portanto, como defesa da espécie, deltam mão de processos mais seguros. Nestes animais, sobretudo nos mamíferos, o macho é mais forte e grande, porque entre eles vinga a lei do mais forte; não raro, a fêmea é disputada por meios violentos. Entre as aves, não é a força que vale, mas a beleza; no pavão, faisão, ave do paraíso, e mu-

tas outras, o macho criou uma aparência que lhe permite uma segura conquista.

Podemos, pois, considerar três espécies de machos:

1. — os mais fortes, em que a conquista da fêmea se dá pela força;
2. — os mais belos, quando o aspecto preside à escolha;
3. — os parasitas e anões, quando se verifica o problema apenas forçadamente.

Nestes, o chamado sexo forte é, muito mais pequeno e fraco.

Também aparecem, por vezes, fêmeas que alimentam um harem de machos; três ou mais fixam-se em diferentes partes do corpo avantajado dela, não pelos dentes que os não têm, mas simplesmente pelas paredes internas da boca. O tubo digestivo, por ser inútil, é extremamente reduzido; o aparelho respiratório, desapareceu; e o circulatório não é mais que uma derivação do da fêmea. Assim, o esposo tem cama, mesa e roupa lavada, sem outra retribuição que não seja fecundar os ovos que a fêmea lhe vai pondo ao alcance.

Então, nesta via da força feminina, aparece-nos o caso, na aparência cruel, do macho devorado após a fecundação. Mas, na verdade, ele deixou de ter utilidade. O que passou a ser muito útil é, sim, a morte, pois o corpo contém substâncias nutritivas necessárias aos ovos. O que a fêmea procura não é mais que as proteínas do macho, sacrificado em nome da prole.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

2 MINUTOS DE INTERVALO



Pensamentos que fazem pensar C cinco mágico

O prémio — constituído por um livro — para o Amigo que nos enviou uma boa colecção de pensamentos, coube esta semana a Amélia Mendes, Amiga n.º 610. Eis aqui alguns dos pensamentos que nos remeteu.

«Se pensássemos menos no impossível, fariamos muito mais coisas na vida».

(MALESHERBES)

«A preguiça é tão lenta que a pobreza ultrapassa-a sempre».

(FRANKLIN)

«É necessário filosofar, e mesmo que não fosse necessário filosofar, mesmo assim era necessário filosofar para demonstrar que não era necessário filosofar».

(ARISTÓTELES)

«A coragem é o hábito de dominar o medo».

(F. BECAUT)

«Parabéns à Amélia Mendes pelo prémio que obteve!»

Teste de inteligência para os teus irmãos mais novos

32) — Supõe que te encontravas numa roda de crianças de países diferentes. Como procederias tu para os entreteres durante alguns minutos?

33) — Vou contar uma história. Dize-me, depois, se há nela alguma coisa errada ou impossível:

Um homem foi atropelado em Paris, numa sexta-feira e perdeu os braços; no dia seguinte foi visto no Japão a jogar o ténis.

34) — Se tivesses de abandonar a casa onde moras para passares alguns meses numa ilha deserta, quais os objectos que levarias de casa?

Hieroglifo comprimido

NOTA

×

RÁPIDO

2

Vantagem

O senhor Periquitão vai passear com a esposa e a certa altura queixa-se do calor.

— Vês? — diz ela. — Eu bem te avisei de que trouxesses o sobretudo...

— Mas se eu assim já tenho calor...

— Justamente. Se tivesses o sobretudo agora poderias tirá-lo...

Curiosidade com números

Wagner, o grande compositor musical, nasceu em 1813, e estes algarismos somados dão 13. O seu nome tem 13 letras (Richard Wagner). Escreveu 13 obras musicais. Terminou o «Tannhäuser» em 13 de Abril e a sua primeira representação foi a 13 de Março do ano seguinte. Morreu a 13 de Fevereiro.

Palavras em desordem

Parece que os nossos amigos gostaram daquele passatempo que aqui demos e que consistia em pôr em ordem palavras... em desordem. Vamos, por isso, oferecer-lhes um passatempo do mesmo género. Simplesmente, as soluções ficam para o próximo número:

AOEBCG — poeta português.
ZMAOASN — rio do Brasil.
GUTAPLOR — País europeu.
AACUM — região da Ásia.

Quem é?

A senhora Periquitona vai a um concerto, com as amigas que lhe ofereceram o bilhete. A meio de uma peça musical, a amiga mais jovem debruça-se, entusiasmada, para a senhora Periquitona e murmurar-lhe ao ouvido:

— Tão belo o Beethoven!

E a D. Periquitona passando os olhos pelos camarotes:

— Qual deles é, minha filha, qual deles é?

Teste de inteligência para os teus irmãos mais novos

26) — Portugal é berço de grandes homens. No seu exame de segunda

Fece a um amigo que pense num número. Manda multiplicá-lo por dois e juntar 10 ao produto. Divida agora por 2. Mande subtrair o número em que pensou primeiro.

— Ficam cinco...

E não tenham dúvidas. Nunca falha...

Charadas combinadas

— + la = molusco
— + ento = desobrigado
— + sunir = desligar
— + mara = aposentó
— + tim = barulho
— + toico = austero.

Concetto: grande poeta português.

Letras embaralhadas

Alguns nomes próprios masculinos, depois de trocadas as letras, ficaram completamente irreconhecíveis. Vê tu se és capaz de saber que nomes são...

SONTACINTNO
EDAUMA
RAVENABOTU
MIOLOIP
ELAROIV
IMOILE
IMARRO.

Certamente já ouviste falar nas nove musas, que presidem às artes. Mas apostos que não sabes os seus nomes... Ora assenta lá então:

Urania — Astronomia
Clio — História
Calliope — Eloquência
Tália — Comédia
Melpomena — Tragédia
Erato — Poesia
Euterpe — Música
Róhmnia — Retórica
Terpsicore — Dança

Soluções do último número

Passatempo

Panait Istrate, Literatura; Marconi, T. S. F.; Niepce, fotografia; Pedro Nunes, Matemática; Flammarion, Astronomia; Kant, Filosofia.

Hieroglifos comprimidos

Esmola; Remígio; Estudo; De dent. o para fora.

Palavras cruzadas

HORIZONTALS: 1 — Rua. Pé. 2 — Opas. 3 — M. Il. 4 — Eva. 5 — Aço. Ro. 6 — Ia. Fel.

VERTICAIS: 1 — Rua. At. 2 — Meca. 3 — Ao Vó. 4 — Pia. 5 — Pai. Ré. 6 — Es. Sol.

Gostas de português?

1 — Entusiástico; encomiástico; bombástico; fantástico; sarcástico; eclástico; onomástico. (Daremos, brevemente mais passatempos deste género).

Qual o nome?

Hóspedes; passageiros; doentes; internados; espectadores; pensionistas; sócios.

classe perguntaram ao nosso amigo Quim qual o homem que ele mais admirava, o arrais «Ançã» respondeu ele.

O arrais «Ançã» foi um lobo do mar, pobre, humilde e ignorante. Arriscou mil vezes a vida para salvar outras vidas...

Estaria justificada a resposta do Quim? Arrais «Ançã» um grande homem? Porquê?

27) — O vento soprava com força. Rebatavam no campo as primeiras flores. Os passarinhos andavam numa dubadoura, levando palhinhas no bico.

...Serás tu capaz de dizer já a que estação é, ano se referem aquelas indicações?

28) — Depois de pensares alguns... Sim, depois de pensares alguns minutos, verás que não há a mínima dificuldade.

Gato escondido...

Periquitona é a criada de madame Periquitona. Há dias, foi lá a casa o cobrador:

— Sinto bastante — disse ela — mas a senhora esqueceu-se de deixar o dinheiro para pagar essa conta.

— Mas —volve o cobrador — como sabe a senhora que ela se esqueceu?

E a D. Periquitona:

— Como sei? Pois se foi ela própria que me disse quando lá a sair!

Periquitão na farmácia

— Desculpe, mas este tónico que levei ontem não serve para mim.

— Então porquê?

— Porque todas as indicações são para adulto e eu sou anémico...

Começaram as aulas!

Os professores de História queixam-se da falta de bons compêndios em português e são muitas vezes levados a indicar a leitura de manuais franceses. Ora bem: embora não fosse escrita para alunos de liceu, a «História Universal» de H. G. Wells, é uma bela obra que os estudantes do segundo ciclo lerão com grande proveito. Revista, anotada e prefaciada pelo dr. Oscar Lopes — eis um livro que recomendamos aos nossos Amigos.

Igualmente merecem ser apontados aos jovens do 2.º e 3.º ciclos do liceu (alínea F), mais os seguintes livros de História:

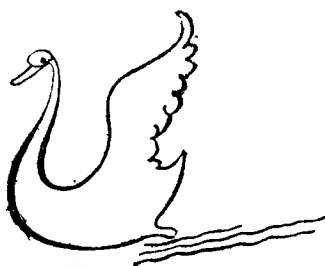
«A vida quotidiana no Egipto, no tempo dos Ramsés», por Pierre Montet

«A vida quotidiana no tempo de Homero», por Emile Mireaux

«A vida quotidiana dos Aztecas», por Jacques de Soustelle

«A vida quotidiana dos Incas», por L. Baudin

Todas estas obras são edições de Livros do Brasil, Ld.



Novo «Concurso da Semana» do Juvenil!

Que sugestão ao vê-la! —onda que de repente ao brincar com uma estrela se transformasse em gente

e viesse bailar pela manhã que alastra com a oferta do mar nos peixes da canastra:

horizontes, miragens, ilhas a haver, pelos mados na dobra da viagem com que sonhamos todos

Onda, miragem... Bem, se o poeta assim quer, Mas sem esquecer que tem um peito de mulher.

E no pregão que chora e canta eu entrevejo o romance que o Tejo desdobra de hora a hora...

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta ou postal, à seguinte pergunta:

Qual a cidade portuguesa a que pertence a figura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo dia 27 de Outubro.

Gente Nossa



O AMIGO

AINDA não baixara de todo a noite quando ele entrou na cidade. Era enorme, de belos olhos meigos e leais, mas metia do — tanto os ossinhos lhe rompiam a pele. Tio Evaristo, que vendia castanhas na estrada do cemitério, ficou-se a mirá-lo, enternecido. Carabala! — pensou o Tio Evaristo. — Com aquele tamanho e aquele pelo de fogo, se tivesse bom passado seria o cão mais formoso do Mundo! O velhote percebe de cães, sabe entendê-los às mil maravilhas. Animal tão nobre como aquele, nunca seus olhos piscos viram. Até pela maneira como fareja, inquieto, ou de focinho arremessado para o céu, ou de cabeça baixa, a modos de quem medita.

Tio Evaristo tira do saquinho do farnel um carapau e diz assim:

— Bocho, bocho, bocho...

Mas o grande cão fica-se a mirá-lo sem dar um passo, com um olhar tão inquieto que até comove as pedras. Então Tio Evaristo muda de tática: põe-se a proferir com voz amiga, um a um, todos os nomes de cães que já ouviu em dias da sua vida: Tejo, Farrusco, Nero, Négus, Ditador, Coringas — mais de um cento!

De cada vez que pronuncia um nome, faz um estalinho com os dedos, repete a palavra em voz baixa e grave e diz como verdadeiro camarada:

— Anda cá, meu velhinho, anda cá, anda cá...

O operário Bernardino — que veio à porta da oficina lavar, com limão, as mãos sujas de óleo — ri-se ao ver o namoro do bom do Evaristo. Mas o pior é que o enorme cão não liga. Nada lhe acalma o ar in-

Quanta vez a nossa primeira fome é a fome de amor...

...Assim acontecia com o herói desta história cujo nome era já uma palavra de amor — a doce palavra «AMIGO»

quieto. Fareja por todos os lados, resfolegando. Tio Evaristo cala-se e fica-se a observá-lo. Que mistério existirá na vida do bichinho?

Lá deu ele agora um salto e soergueu as longas orelhas. Por que seria? O cão ensaia uma corrida e Tio Evaristo, segue-o com o olhar. Lá ao longe, na esquina da rua, avulta uma carroça. O cão já corre mas de subito estaca: fica então a farejar e nada do que desejava devia ter encontrado, pois encolheu o rabo entre as pernas e voltou costas.

Tio Evaristo pensa que o desgosto do animal está ligado a uma carroça. Mas que mais? Da oficina do operário Bernardino sai um cachopinho. O cão fita-o, primeiro, abana a cauda e ladra, de alegria; em seguida, parte à desfilada, dá um salto, encosta as patas poderosas aos ombros do menino e lambelhe as bochechas. Tio Evaristo inclina-se para a frente para ver melhor. O cachopinho é um menino do povo; não um medricas capaz de ter medo de um canzarão; e é por isso que festeja aquele novo amigo que se lhe declara. Mas seria um amigo?

Cóisa estranha! — pensa o vendedor de castanhas. O cão deixa-se cair e fareja o menino com grande minúcia. Até parece que o apalpa com o fano. Ora este menino não deve corresponder àquele que o gigante traz no coração, porque de repente se põe a garrir baixinho como se lhe tivessem batido. E metendo a cauda entre as pernas lá vai, rua fora.

Tio Evaristo levanta-se, desce até ao passeio para o ver afastar-se, afastar-se parando a todo o momento que surge um menino ou soa o rodado de uma carroça...

ASSIM vagabundeou dias e dias, cada vez mais magro, cada vez mais triste. Não aceitava comida das mãos de qualquer alminha generosa. Seus grandes olhos enchiam-se de água ao ver um menino — porque a sua primeira fome era fome de amor, era aquela grande saudade que o obrigava a latir em sonhos, baixinho, baixinho...

Muita gente o tentou adoptar. Ninguém lhe atinava com o nome. Mas quem descobria que também o seu nome era uma palavra de amor? O menino — quem perdera nunca lhe quis chamar uma pala-

vra sem sentido — Leão, Tigre, Mondégo, Tejo. Só lhe chamou a única palavra possível, mas da qual ninguém mais, senão o menino, se poderia ter lembrado: «AMIGO». Claro que se o cão falasse também não chamaria outra coisa ao seu dono.

«AMIGO» vagabundeou, pois, pela cidade à procura do seu amigo. A fome ia-lhe deixando no pobre corpo cada vez mais covas, cada vez mais vazios; mas não lhe minguava a saudade. Chegou o tempo em que «AMIGO» já não podia andar nem ladrar. A febre enchia-lhe a cabeça de visões. Uma noite viu uma guarita vazia à porta de um pesado quartel. No seu delírio sonhou que se tratava de um palácio onde seu amigo o esperava. Quis erguer-se. Mas a fraqueza prendia-o ao chão.

Ao outro dia erguendo a cabeça, viu-se cercado por um anel de gente. Estremeceu. Lembrou-se de uma vez em que a carroça do seu dono e do menino ficara cercada por gente hostil e que ele se erguera com o triplo da força que normalmente lhe inchava os músculos e que toda aquela multidão se desvanecera em fumo. Julgou que de novo seus amigos corriam perigo; ericou o pelo; arregaçou os beiços: e de subito o amor deu-lhe forças para se erguer. A sua roda tudo debandou. Na mesma altura a sair do quartel um menino com o pai. «AMIGO» olhou-o, mas nada o comoveu: o seu companheiro trajava farrapos e aquele, não. No entanto, o menino gostou dele, aproximou-se e o grito do pai: «Cuidado! não lhe toques» — não teve forças para o atemorizar; os leais olhos de «AMIGO» prometiam um mundo de bondade. Cansado de abandono, aquelas festas de mãos pequeninas fizeram-lhe cerrar os olhos de felicidade. E foi já sem luta que deixou que o metessem numa camioneta, a caminho de novas terras.

Nª quinta do seu novo dono a vida era incompreensível. Queriam que ele fosse cão de guarda. Queriam que ele combatesse todo o Mundo que até então amara: os pobrezinhos. Mas «AMIGO» não sabia. «AMIGO» abanava a cauda sempre que alguém esbarapado surgia ao largo portão da propriedade. Lambia as mãos dos meninos pobres. E ficava muito espantado quando os donos lhe batiam brutalmente. Seus folhos bondosos pareciam dizer: «Então não é isto, amigos, o que é preciso fazer?»

Não era. Mês após mês, moído de pancada, foi aprendendo que não era.

Que a humanidade ali benvinda era justamente a que até aí sempre lhe despertara um olhar de desconfiança: os ricos, bem lavados, bem cheirosos. E aos poucos e poucos AMIGO foi aprendendo um novo caminho na vida. Acabou por ser o melhor cão de guarda em dezenas de léguas em redor. Os pobres, os ciganos, os cavadores de sacola ao ombro fugiam dos muros de quinta. «AMIGO» transformara-se em «NERO». Seus donos já não lhe batiam. O menino trazia-lhe torções de açúcar; escarranchava-se-lhe no

lombo poderoso e assim gozava de longos passeios.

Estaria desta forma terminada a vida de Nero?

Tudo parecia crer que sim.

Mas a vida é sempre rica e às vezes fornece boas oportunidades quando já ninguém as espera. Assim sucedia com «NERO». Há um ano que deixara de ser «AMIGO» e já nem se lembrava do seu antigo passado. Deitado em cima do muro, lambia os torrões de açúcar que lhe oferecia o seu novo dono. Fechava os olhos para melhor sentir escorrer tanta doçura pela garganta. Mas, de repente, um relampago atravessou-lhe os ouvidos. Ergueu-se nas patas da frente, a escutar aquele chiar de rodas. Seus queizos tremiam. O passado vinha varrer o presente com a sua enorme vassoura justiceira. Desta vez não se enganava: mesmo por baixo do muro, logo a seguir à curva da estrada, surgiu a velha carroça do ferro-velho e dentro dela o seu amigo, o seu amigo, o seu amigo. Grossas lágrimas o cegaram. Ladrrou, não de ódio, mas de amor, um amor inquebrantável, contra o qual não havia forças. Depois mediu a distância enorme que o separava da estrada, saltou para a quinta e desbarborou direito ao portão. O pequeno dono gritou pelos criados, em breve muitos o perseguiram. Mas nada impediu que «AMIGO» chegasse à estrada e saltasse num só pulo para a carroça. O cavalinho relinchou, a alegria deu-lhe forças para despedir a galope. E rodeado de rolos dourados de poeira, a carroça sumiu-se na calma suave da tarde. Que bom voltar a ser «AMIGO»! Que bom, que bom voltar a ser «AMIGO»!

TROTE



Curso elementar de estenografia

Por Natália da Fonseca

No último número de «Juvenil» um bando de graihas assaltou o nosso curso — e deixou-o num estado verdadeiramente lamentável...

Por esse motivo, vejo-me obrigada a repetir hoje a recapitulação dos sons iniciais sem ligação ao estenograma, para os quais chamamos a atenção dos alunos.

Eis, pois, os sons iniciais sem ligação:

im
des
com

Para terminarmos a recapitulação dos sons terminais falta dar o som *Mente* e os elementos euclíticos (me, te, se, nos, vos, se, lhe, lhes, o, a, os, as). El-lós:

mente
euclíticos

Iniciaremos hoje a recapitulação dos sons gerais (aqueles que podem aplicar-se no princípio, meio ou fim dos estenogramas). Tomem nota em primeiro lugar dos sons gerais que escrevem de cima para baixo, a partir da linha imaginária:

anta
ama
aga-ya
asta
aco

Ficaremos por aí, agora, no que respeita a recapitulações. Os alu-

nos devem estenografar também a carta que segue, para fecho da lição, e comparar depois com a correção da mesma.

Meu caro amigo:

Cheguei há dias de férias e já comecei com os estudos. Tenho, como deves imaginar, muito que fazer e o mesmo acontece contigo, não é verdade? Mas dois amigos que estiveram longe um do outro durante quase três meses, têm, certamente, muitas notícias a dar, muitas confidências a trocar.

Diz-me, pois, se no próximo domingo podes vir passar a tarde comigo para conversarmos demoradamente.

Abraça-te o teu amigo

ZECA

Correcção desta carta.

Handwritten steno-gram of the letter above, showing the use of various symbols and lines to represent the text.

Até sábado a todos.

FLASH

POR MANUEL AGRA

O peixe maravilhoso

Lisboa. O romance de Lisboa está por fazer. Ando com essa metida na cabeça, há muito tempo: fazer-me seu trovador, seguir as pisadas de Cesário Verde.

Cada terra, sua luz, diz o poeta. Em Lisboa isso falha. Abandonamos nós a beira-Tejo; subimos ao Arceiro, a Belém, a Campo de Ourique, a Alfama — e de cada vez acontece um clima diferente, encontra-se uma expressão diferente. Pode dizer-se que há mil Lisboas em Lisboa...

Aqui por exemplo, á beira de Santa Catarina. Ruas pejudas de vendilhões — que sobem do mercado da Ribeira ou da loja de peixe. Apregoam sua mercadoria, as donas de casa chegam á janela, discutem o preço — e ou a compradora vem abaixo ou larga o cestinho que faz de almocreve. Os tatecos e os canitos levam a sua parte. E até os marcanos da drogaria, soterrados pelo cabaz de pesadelo, se calha o homem da hortaliça estar bem disposto também ganham uma cenoura ou uma cabeça de nabo que vão roendo pelo caminho.

Estou a demorar-me nesse pormenor porque aonde vivo não é nada disso. As criadas vão, as criadas fazem, as criadas acontecem. E tudo no mercado. Não há pregões nas ruas. Nem carroças de verduras, nem canastras de peixe. Nem gatos pelintros, nem cachorros esfaimados, nem meninos idem idem...

Oh! oh! Reparem nesta peixeira. Leva a canastra e dentro da canastra o quê? Peixe não é, se o fosse não precisava de ir amparando com a mão. E não apregoa. E desce na lombada da carreteira com mil precauções...

Chamam-na de uma casa apalaçada. Pagam-lhe uma conta em atraso. A peixeira desce a canastra no degrau para cosevilhar a mercadoria...

A mercadoria é um menino. O anjinho vai deitado no cileado vermelho. Brilha-lhe uma escama na ponta do

nariz. Dorme. A mão, encostada á testa, parece fazer de pala, como se o menino praticasse já no berço para lobo do mar...

—Venda-me esse gorazinho... — brinca a dona de casa, uma senhora rica e solteira.

—Quanto me dá por ele? — inquiriu a peixeira no mesmo tom.

A senhora rica responde, agora séria, e com um suspiro:

—Tudo quanto tenho, senhora Arminda.

—Pois é, mas assim ficava eu sem nada! Ná... Não fechamos negócio...

Sempre riado, com o gorazinho precioso na canastra, desaparece a calçada.

—E eu fico a cismar o que a respeito dela dizia o poeta

embalam nas canastras os filhos que depois naufragam as tormentas...

Colaboração dos leitores

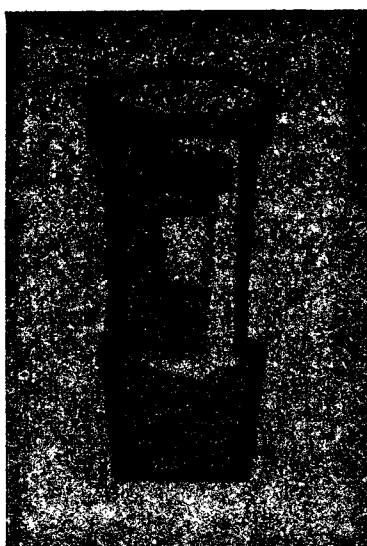
Um dos grandes motivos de justificado orgulho do nosso JUVENIL é este: dar aos nossos leitores e Amigos dedicados possibilidade de verem os seus trabalhos publicados e reconhecido o seu valor literário. Neste numero, por exemplo, pode ler-se colaboração de vários Amigos que merecem, amplamente, essa honra.

Pois bem, Amigos! Ficamos aguardando poesias, contos, artigos, não ultrapassando 600, 700 palavras de vossa autoria. NÃO É NECESSÁRIO DACTILOGRAFAR. Se o merecerem, publicá-lo-emos.

DIÁRIO DE BORDO

Alguns Amigos novos perguntam o que é o Concurso «Portugal e a Juventude». Possivelmente não têm lido todos os Suplementos de Sábado; neles tem vindo explicado o que é necessário para se concorrer. Contudo, aí val resumido:

- 1.º — é necessário ter menos de vinte anos.
- 2.º — é necessário que o trabalho verse sobre Portugal (lenda, costumes, cantares, paisagem, monumentos, modos de vida, etc.).
- 3.º — pode concorrer-se com trabalho em prosa ou em verso.
- 4.º — pode concorrer-se com desenhos sobre os mesmos assuntos.
- 5.º — não tem limite de tamanho. E pode ou não ser dactilografado.



O FAQUIR

Por MÁRIO CASTRIM

O faquir
de Leazir
toca a flauta
breve e mansa.
E a serpente
quando escuta
a flauta mansa
de repente
dança, dança...

Toda se torce
e retorçe
toda se cruza
e descruza
toda incapaz
de fugir
aos movimentos
que faz
ali, incapaz
de fugir
aos intentos
do faquir...

Do faquir
de Leazir

o emir
de Leazir
possuía
quanto queria
rico e bom.
So não tinha
aquele dom
e prazer
de certas gentes
de fazer
bailar serpentes.

Tal o faquir
o faquir
do emir
de Leazir

vai, chamou-o
face a face
e mandou
que lhe entregasse
a serpente
que bailava
se tocava
a flauta ardente

E foi então
que o faquir
disse não
três vezes não
ao emir
de Leazir
que não queria
desistir
nem por quanto
preço fora
da serpente
bailadora...

— Eu dou-te honras,
Senhoria!
— Ninharia!
— Dou criados...
— Oh, coitados!
...e um cavalo!
— Pois deixa-lo.
— Dou-te um trono...
— Tenho sono!



— Que desejas
tu em troca?

E o faquir
o faquir
de Leazir
respondeu
frio e pousado:
— Quero só
que me deixes
descansado!

— E a serpente?
— A serpente?
A serpente não a dou
não a dou
aos poderosos
que são maus
e invejosos!
e so vivem
contra a gente.
Nunca, nunca,
para eles
bailarei
minha serpente!

O emir
de Leazir
correu atrás
do faquir
que fugiu
a bom fugir
velozmente
pele e osso
com a serpente
calada
enrolada
no pescoço.

Muitos anos
se passaram
dez tiranos
governaram
a seguir.
E já morreu
o faquir.
Ja ninguém
lhe move guerra.
Jaz na Terra
sem temores
toca a flauta
dançam flores.

E a serpente?
A serpente?
A serpente
tenho-a eu
Trago-a eu
sempre comigo
que ma deu
quando morreu
nos dominios
do emir
o meu amigo
faquir.

O faquir
o faquir
o faquir
de Leazir.



Intercâmbio juvenil

Recebemos do Japão a seguinte cartinha:

«Dear Sir:
I am a Japanese girl (13 years old). My name is Katsuko Kodama. My adress is: Kutsuno, Jamanouchi town — Shimotakai gun. Nagano Prefecture—Japan. Jamanouchi town is the national park and has many hot springs. Many people visit here. We have club «Shirakaba Club», wich we exchange letters and things with friends in foreign countries.

Shirakaba Club has 22 boys and girls members. I am the leader. On the middle of november the school cultural festival will be held and so our club want to attend it. Will you please send me materials wich we, Japanese pupils, can understand your country?

I will send you the photograph wich is taken on the school cultural festival day. We are glad to see

them and can understand your country very much.

My hobby is gathering newspapers. If you can introduce, I am glad that you introduce me the friends who want to exchange letters and things with Japanese boys and girls.

Good-by, sir

KATSUKO KODAMA

Esperamos que os nossos Amigos prestem a esta cartinha toda a atenção que ela merece. Esta jovem de 13 anos, dirigente dum clubezinho juvenil, deseja, juntamente com os seus colegas, conhecer o nosso País e dar a conhecer o seu. Eis um belo e pacífico? para os jovens de todos os países se conhecerem! Escrevam a esta vossa Amiga. Mandem-lhe fotografias e lembranças da nossa terra. Contem-lhe coisas da nossa terra. E peçam-lhe o endereço de outros jovens, indicando as idades que mais lhes convierem.

Concurso da semana

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 75: — GRANDES FIGURAS DA QUINIDADE: ALMIRANTE NELSON. II — «GENTE NOSSA»: RIBATEJANO.

Vencedores

- 1 — Amigo n.º 6 — Maria José Valente Perfeito (Lisboa).
- 2 — Amigo n.º 14 — António José Coelho Peça (Leiria).
- 3 — Amigo n.º 337 — Armindo António Ribeiro Mendes (Lisboa).
- 4 — Amigo n.º 369 — Maria José Calado Duarte Gonçalves (Santarém).
- 5 — Amigo n.º 888 — Maria Manuela Leal Gonzales (Olhão).
- 6 — Amigo 1107 — Verissimo Manuel da Luz (Ponte de Sor).
- 7 — Amigo n.º 1134 — Maria Isabel Jorge (Bombarral).
- 8 — Amigo 1142 — Fernando Lyra (Lisboa).
- 9 — Amigo 1243 — Rui António Bona e Costa (Lisboa).
- 10 — Amigo n.º 1277 — António Henrique Tavares e Castro (Coimbra).
- 11 — Amigo n.º 1362 — Helder Rui Martins Leitão (Porto).
- 12 — Amigo n.º 1369 — António Manuel Sequeira Cardoso (Santo Amaro de Oeiras).

Prémios

- 1 — «SONETOS DE LUIS DE CAMÕES» (Col. Clássicos Portugueses)

- CLASSICA EDITORA.
- 2 — «O FIDALGO APRENDIZ» (Col. Clássicos Portugueses) CLASSICA EDITORA.
 - 3 — «CRONICA DA TOMADA DE CEUTA» (Col. Clássicos Portugueses) CLASSICA EDITORA.
 - 4 — «RELOGIOS FALANTES» (Col. Clássicos Portugueses) CLASSICA EDITORA.
 - 5 — «CANTIGAS DE EL-REI D. DINIS» (Col. Clássicos Portugueses) CLASSICA EDITORA.
 - 6 — «CRONICA DE D. PEDRO», por F. Lopes (Col. Clássicos Portugueses) CLASSICA EDITORA.
 - 7 — «AMADIS DE GAULA» (Col. Clássicos Portugueses) CLASSICA EDITORA.
 - 8 — «D. DUARTE: LEAL CONSELHEIRO» (Clássicos Portugueses) CLASSICA EDITORA.
 - 9 — «POETAS DO CANCIONEIRO GERAL» (Clássicos Portugueses) CLASSICA EDITORA.
 - 10 — «CRISFAL» (Col. Clássicos Portugueses) CLASSICA EDITORA.
 - 11 — «POESIA ULTRA-ROMANTICA» (Col. Clássicos Portugueses) CLASSICA EDITORA.
 - 12 — «BOCAGE — SONETOS» (Clássicos Portugueses) CLASSICA EDITORA.

PREMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE NELSON

- 13 — Amigo n.º 1235 — Amélia de Jesus Cachucho Rodrigues (Lisboa).
- 13 — «O PAIS DAS UVAS», por Fialho de Almeida; «A CIDADE DO VICIO», por Fialho de Almeida, ambos, edições da CLASSICA EDITORA.

E' preciso conhecer os nossos grandes escritores

Já por várias vezes lhes temos falado na necessidade de conhecerem bem os grandes vultos da nossa literatura. Quem não ama o passado do povo a que pertence, as melhores criações dos seus escritores, também não é capaz de amar a sua pátria, no presente.

Nunca, por isso, nos cansamos de repetir que devem ler os grandes clássicos portugueses, desde os cantares de D. Dinis aos tempos de hoje.

Em numeros passados referimos a uma colecção de «Clássicos Portugueses» que merecia o nosso apoio, não só pela autoridade dos organizadores de cada volume, como pelo seu preço verdadeiramente módico (7\$50). Trata-se da colec-

ção com o titulo acima mencionado, publicada pela Livraria Clássica Editora. De hoje em diante voltaremos a repetir o titulo de cada um dos volumes já editados:

- I — «Cantigas de El-Rei D. Dinis».
 - II — «Crónica da Tomada de Ceuta», por Gomes Eanes de Zurara.
 - III — «Poetas do Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende».
 - IV — «Amadís de Gaula».
 - V — «Crónica dos Feitos de Guiné», por Zurara.
 - VI — «Leal Conselheiro», por D. Duarte.
- De hoje a quinze dias mencionaremos mais seis titulos.

Concurso "Portugal e a Juventude"

Os novos Amigos que vão entrando todas as semanas perguntam-nos pormenores a respeito deste nosso Concurso anual. Como podem concorrer? Com que é que podem concorrer? As respostas são simples:

1. — COMO PODEM CONCORRER?

Não são precisas quaisquer formalidades. Podem concorrer todos os jovens até aos 20 anos. Haverá três classes de concorrentes:

- 1.º — Jovens até aos 12 anos (inclusive).
- 2.º — Jovens entre os 13 e os 15 anos (inclusive).
- 3.º — Jovens entre os 16 e os 20 anos.

Em Chaves o «Diário de Lisboa» vende-se na Casa Plastic, Rua Direita, 71.

2. — COM QUE É QUE PODEM CONCORRER?

Com um trabalho que tenha por tema o nosso país:

1. — Costumes regionais;
2. — Belezas de paisagem;
3. — Monumentos;
4. — Arte popular;
5. — Lendas populares;
6. — Forma de falar do povo;
7. — Riquezas da nossa terra;
8. — Como trabalha e vive o povo;
9. — Seus cantares e festas;
10. — Educação, distrações e vida da juventude camponesa.

Dentro destes temas, os nossos leitores podem escolher a vontade.

3. — PRAZO PARA A ENTREGA DOS TRABALHOS.

Receberemos trabalhos até ao dia 31 de Dezembro de 1958.



Eduquemos o nosso filho!

Quando uma criança diz:

— «Eu gosto de ser má»

Venho contar-vos uma conversa ocasionalmente escutada por mim há dias, sentada no meu lugar de autocarro, duma carreira qualquer das muitas que cruzam a nossa capital. Eram duas mulheres do nosso povo que assim conversavam.

— Sim, a pequena vai já este ano para a escola, embora tenha só seis anos, porque a mãe não a pode aturar de maneira nenhuma. E olhe que a garota é na verdade endiabrada. A mãe bem lhe bate, às vezes até com um chinelo, mas ela, quando calha, até já levanta a mão para a mãe.

— O quê, pois isso é assim?

— E' assim mesmo. Mas sabe, quando a garota era pequena, achavam-lhe muita graça a tudo, e tudo lhe deixavam fazer. Foi crescendo, e agora é que são elas. A mãe ainda no outro dia chorou ao pé de mim, a dizer que aquela filha tem sido sempre um tormento para ela, tendo-lhe tirado anos de vida. Diz que já no berço passava noites inteiras a chorar, quer tivesse a barriga cheia ou vazia. Levavam-na ao médico que dizia não ter a pequena nada, e assim foi crescendo, sempre má.

— E', eé. Há crianças que são ruins, desde que nascem.

— Pois há, e esta é uma delas. A mãe compara esta filha com o pequeno que tem agora sete meses, e que é um santo, pois dorme toda a noite, sem dar trabalho nenhum. Eu até já tenho ouvido ela dizer á pequena que valia mais ela ter morrido logo no dia em que nasceu. Agora mete-a na escola, mas disse logo que quando entrasse às nove horas, levaria uma merenda-zita para lá comer, e não vir almoçar, voltando a casa só lá para as três horas. Eu tenho pena dela, pois na verdade a miúda, que em pequena era tão engraçadinha,

agora não tem graça nenhuma e ninguém gosta dela. Quando alguém lhe diz para ela não ser assim má, porque as meninas bonitas não são assim, ela responde: — «Eu gosto de ser má».

— Pois então, se ela é dessas, não há nada a fazer-lhe.

* * *

Tudo isto eu ouvi, sentada, mas bastante agitada, no meu lugar do autocarro. E não vão julgar que a agitação de que falo fosse motivada pelos naturais balanços do veículo. Não! A agitação exterior era motivada pela grande agitação interior que aquela conversa me provocava. Dentro de mim, toda uma gama de sentimentos se levantava, sendo talvez o primeiro uma pena muito grande daquela mãe e daquela filha, infelizes ambas, e hora a hora aumentando essa infelicidade.

Quem algum dia se debruçou interessadamente sobre a vida e problemas infantis, sabe bem como afirmações deste género: «Eu gosto de ser má», são índice de sofrimento, mais ou menos profundo, mas sempre sofrimento. E esta é a principal razão por que me atrevi a escrever estas despretensiosas quanto sinceras linhas. Dói tanto ver sofrer, sob qualquer aspecto, os nossos irmãos! E dói tanto mais quanto mais esse sofrimento for injusto.

Ora, tratando-se de crianças, todo e qualquer sofrimento é injusto; e visto que, por ser criança, o ser que sofre é incapaz de se libertar desse sofrimento, creio ser impossível ficar indiferente perante a criança que sofre.

O nosso povo, de tão apregoados sentimentos generosos, capaz de se comover tão facilmente com o mal nesta ou naquela parte do Mundo, tem em seu seio com tanta frequência pais e mães capazes de dizerem a filhos de seis anos de idade que mais lhes valia terem morrido no dia em que nasceram, e outras coisas semelhantes!

E afinal, porquê esta situação dolorosa? Partindo do princípio que se trata duma mãe normal, no sentido em que vulgarmente se emprega este termo, julgo poder acusar a ignorância como causadora destes conflitos. Ignorância que infelizmente campeia por toda a parte e em todos os meios, em pleno século XX, o século da criança, não nos esqueçamos!

E quão profunda e prejudicial é a ignorância que acredita que haja alguma criança que goste de ser má!

Para a existência desta ignorância, tão prejudicial e tão frequente, repito, julgo não ser estranha a falta de preparação da grande maioria das nossas mulheres para serem esposas e mais tarde mães. Mas não é este o ponto que quero tratar neste momento. O que quero hoje, é afirmar a essa mãe que desconhece inteiramente e a todos os pais que se encontrem em situações idênticas, que eles estão a ser profundamente injustos para com seus filhos, fazendo deles seres infelizes, revoltados, e quem sabe até que ponto prejudicados para a vida, para a sociedade, que tão carecida anda de indivíduos física e moralmente sãos.

Surge no meu espírito esta pergunta: Como reagirá pela vida fora esta pequena que vai entrar na escola tão mal preparada para este primeiro contacto social?

O que eu quero é tentar ajudar esses pais, dizendo-lhes que, primeiro que tudo, tenham a coragem de olhar profundamente para dentro de si próprios, a fim de encontrarem em si, na sua maneira de proceder, a causa ou causas principais de terem esses filhos terríveis. E se não souberem, por si sós, emendar os erros que encontrarem, tenham a coragem de se dirigir a alguém que os ajude, seja esse alguém um psiquiatra, um psicólogo, um mestre, ou qualquer outra pessoa competente.

Mas quero mais ainda. Quero que á minha voz, fraca voz, que num esforço de solidariedade hoje aqui se faz ouvir, se juntem as vozes de todos aqueles que, neste nosso País, trabalhem com sinceridade para bem da criança portuguesa. E, com a força resultante da união de todos, instruíam, esclareçam, ensinem os ignorantes.

Ainda andam nos ares os ecos do Congresso Internacional de Psiquiatria Infantil que pela primeira vez se realizou no nosso País, o que representa uma grande honra para Portugal. Pois bem. Fecundemos com uma actividade prática a honra destes acontecimentos teóricos, a fim de salvarmos a criança portuguesa de tantos males que a prejudicam, o que será certamente uma contribuição importantíssima para o engrandecimento do País e do Mundo.

MARISABEL PEREIRA



Estas crianças ambliopes recebem ensino especial numa escola da Dinamarca. Ambliopes são os indivíduos com acentuada baixa de acuidade de visão não justificada por lesões orgânicas. Entre nós há 150.000 ambliopes e a sua situação ainda não foi considerada. As nossas crianças ambliopes ou são consideradas cegas ou ingressam nas escolas normais onde as julgam, muitas vezes, deficientes mentais, por não poderem acompanhar as lições devido á deficiência de visão. Até hoje, entre nós, a Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira encarou este grave problema, criando uma clínica para este tipo de crianças.

Consultório das mães

Estou bastante apouquentada porque me parece que não tenho leite suficiente para o meu filho, que é o primeiro, e tem apenas um mês. O bebé chora, chora, e resolvi não esperar pelas horas das mamadas e dar-lhe o peito sempre que ele chora, mas isto não melhorou a situação, porque ele continua a chorar e eu continuo a sentir pouco leite. A parteira já aconselhou a dar-lhe leite de vaca, mas tenho bastante receio.

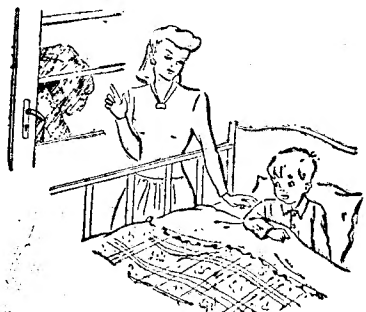
Resposta:

— O facto de a criança chorar não quer dizer que tem fome. Por enquanto, o choro é a sua única linguagem; portanto, o bebé chora sempre que pretenda queixar-se ou chamar a atenção da pessoa que o trata: se tem frio ou dores, se está sujo ou molhado, se está mal deitado ou sente alguma picada, etc. Observe atentamente o pequenino, e dentro em pouco saberá distinguir a causa do choro.

Quanto ao facto de sentir pouco leite, isso não a deve alarmar, pois a criança por enquanto não precisa de grande quantidade de leite para se alimentar; além disso, não é só a quantidade que interessa, mas também a qualidade; e está provado que, na maior parte dos casos, o leite aumenta na medida em que a criança exerce a sucção com mais força. Por este ultimo motivo, é frequente a mãe, que a princípio não tinha leite bastante, passado o primeiro mês, realizar um aleitamento normal, se insistir em dar sempre o seio á criança ás horas das mamadas. Esta insuficiência de leite durante o primeiro mês é bastante frequente quando se trata do primeiro filho. A sua resolução de não respeitar o horário das mamadas não podia resolver o problema da escassez de leite, como verificou. E' evidente que, se nas duas ou três horas de intervalo o leite se não formava com a abundância necessária, ainda menos se poderia formar num menor lapso de tempo. E o problema ainda se agravaria, pois todos sabemos que o atropelo continuado das digestões conduz a perturbações mais ou menos graves do aparelho digestivo.

Só a balança a pode esclarecer de maneira prática e segura da suficiência ou insuficiência do seu leite. Portanto, o que tem a fazer é pesar o menino da seguinte maneira: a uma hora determinada, antes de uma refeição, pesa a criança o mais despida possível. O ideal seria ter em casa uma balança própria, e pesar a criança nuazinha, sem a expor ao frio, evidentemente. Oito dias depois, pesar novamente o bebé, á mesma hora, com a mesma roupa e nas mesmas condições. Verificando-se nos oito dias um aumento de cento e cinquenta a duzentos gramas, o bebé está a aumentar de peso normal e o seu choro não é provocado pela fome.

Concurso - Relâmpago da Boa Educadora



XII

Joãozinho não gosta de ir para a cama. Parece que nunca tem sono. A mãe enervava-se com isto, porque lhe agradaria que o filho se deitasse cedo de boa vontade. Rara é a noite em que não há uma pequena luta entre mãe e filho, á hora do pequenino se deitar. A mãe recorre, então, a todos os processos para o convencer a ficar, ao menos, quieto e calado, na cama. Por exemplo: ontem, como de costume, o Joãozinho, sentado na cama, começou a choramingar. O céu estava carregado de nuvens negras, e, ao longe, ouvia-se o trovão. Então a mãe disse:

— «Olha, Joãozinho, tu não és obediente, e o Pai do Céu está a ralar contigo. Ouveste?»

Leitora, que lhe parece este caso? Como procederia no lugar da mãe do Joãozinho? Diga tudo o que lhe ocorrer a propósito desta situação. Assine o seu nome e indique a sua morada. Querendo, acrescente um pseudónimo. Envie o seu trabalho até ao próximo dia 27 do corrente, para «Diário de Lisboa» — Magazine — Página «Eduquemos o nosso filho» — Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa. O melhor trabalho será publicado e a sua autora receberá, como lembrança, uma assinatura da revista «Os Nossos Filhos».

A melhor solução do IX problema

Foram muitas as leitoras que se interessaram pelo problema IX, e nos mandaram as suas opiniões. Assim, resolvemos premiar não ape-

nas um, mas três trabalhos. São eles os das senhoras D. Maria Alberta Meneres, da Covilhã; D. Berta Vaz de Ascensão, de Lisboa; e D. Maria Rosa S. Pinto de Miranda, do Porto. Parabéns.

Caixa do Correio

MARIA DO ROSÁRIO: — Obrigada pelas suas palavras de simpatia. Gostava que continuasse a mandar as suas opiniões. Esta estava certa.

A. L. — ÉVORA: — Muito agradeço a sua simpatia e o seu interesse por esta página. Aguardo novos trabalhos.

MARIA DE LOURDES PEREIRA: — A sua carta impressionou-me pela sinceridade. Raciocina muito bem, e tem facilidade em exprimir-se. Por que não estuda um pouco mais? Que idade tem? Embora não tivesse sido premiado, o seu trabalho está certo, e será publicado brevemente. Gostava de receber mais notícias suas.

TERESA VITORINO — MARIA DE LOURDES FIALHO — ILDA NUNES — MARILIA DE DIRCEU: — Gostei dos vossos trabalhos. Os vossos comentários estão certos. Tentai despertar, entre as vossas amigas, o interesse por estes problemas. Sim? E' um serviço que prestais ás nossas crianças.

MARISABEL PEREIRA

Nem indiferença que ofende, nem exageros que cegam

Para a criança a mãe é o primeiro refugio. Quando uma criança chorando corre ao encontro da mãe para lhe contar o seu pequeno desgosto, precisa de encontrar da parte desta a compreensão que o seu coração infantil pede.

Se a mãe ri, se faz troça, se não lhe dá nenhuma importância, a criança sente-se desamparada e só, numa solidão onde o seu pequeno desgosto aumenta infinitamente e muitas vezes se transforma em companheiro. A criança incompreendida sente que não pode confiar a sua mãe tudo o que lhe vai na alma, e isola-se sempre mais. No intimo é uma maneira de se revoltar, e isto pode ter — tem sempre — consequências graves na formação do carácter das crianças.

A mãe deve, primeiro que tudo, acolher o filho com naturalidade e com amor, e depois perguntar-lhe

porque chora. E com calma, aproveitando o sereno do filho deve explicar-lhe em palavras muito simples o que aconteceu, procurando tirar sempre uma pequenina conclusão do facto. A criança habituarse-á a olhar os acontecimentos com mais consciência e a não deixar que tudo lhe aconteça inutilmente.

No entanto, também não é bom que a mãe exagere o desgosto do filho, dando-lhe sempre toda a razão. Isso seria transformá-lo num pequeno tirano que julga que só ele está certo, e que por qualquer pequenino nada corre a queixar-se a sua mãe, chorando minimalmente. Mais tarde esta criança sofrerá muito e reconhecerá que a mãe fora um falso refugio!

Nesta altura é-lhe já mais difícil avaliar as verdadeiras dimensões de sua própria personalidade, porque as sementes do orgulho, da vai-

dade, do egoísmo, do amor próprio consolado estarão crescendo na sua alma.

Atitudes certas da parte da mãe não são nem a indiferença que ofende nem exageros que cegam.

Uma criança incompreendida sente a sua alma como um grande poço; as lágrimas ao tombar ecoam assustadoramente como o eco das pedras arremessadas. Todas as crianças são muito sensíveis e á mais pequenina coisa tem muita importância para elas, faz parte da sua vida, do seu mundo.

Lembro-me que, quando eu tinha talvez dez anos, costumava sempre fazer troça de mim própria no dia seguinte áquela em que tinha tido qualquer pequeno desgosto. Lembro-me perfeitamente que pensava assim:

«Que tola eu fui em ter chorado tanto ontem! Afinal aquilo não ru-

lia nada...». E no fundo troçava de mim, por ter chorado na véspera. Mas um dia, no meio das minhas lágrimas, olhei para o espelho e ameacei-me:

«Amanhã não farei troça de mim! Se hoje choro, se souro, é porque há qualquer coisa verdadeira agora!».

O dia seguinte foi o primeiro em que respeitei o meu desgosto á véspera, embora já o não sentisse. E perante mim própria, isto teve grande importância para o futuro.

Hoje já nem me lembro dos factos, mas há qualquer coisa dentro de mim que me faz inclinar a cabeça quando penso nesse momento.

Para uma criança não há verdadeiramente desgostos grandes ou pequenos: há a importância de todos os momentos da alma.

MARIA ALBERTA MENERES

Sim ou não?

1. — EM CERTAS PESSOAS TUDO O QUE COMEM SE TRANSFORMA EM GORDURA, COMO DIZ O POVO. TUDO LHEZ FAZ PROVEITO?

Não. Todas as pessoas são submetidas às mesmas leis da nutrição. Se algumas, com regime idêntico, engordam mais, é porque são menos activas.

2. — OS SUMOS DE FRUTOS NÃO ENGORDAM?

Sim, engordam. Os sumos de frutas são relativamente ricos em calorias. Um pequeno copo de sumo de laranja contém 65 calorias; de tangerina, 50!

3. — EM IGUAL PESO, A MARGARINA ENGORDA MENOS DO QUE A MANTEIGA?

Não; 100 gramas de margarina contém, exactamente, o mesmo número de calorias que 100 gramas de manteiga: 760!

4. — O PÃO NEGRO ENGORDA MENOS QUE O BRANCO?

Não; em igual peso, qualquer tipo de pão contém o mesmo número de calorias, aproximadamente (260 para o pão branco; 240 para o integral; 250 para o de centeio).

5. — AS CURAS DE EMAGRECIMENTO SÃO PERIGOSAS PARA OS DOENTES DE CORAÇÃO?

Não; as doenças de coração nas pessoas obesas tornam mais indispensável a cura de emagrecimento.

6. — AS PESSOAS GORDAS SÃO, SEMPRE, ALEGRES E DESCUIDADAS?

Não; muitos obesos são, pelo contrário, pessoas nervosas e irritáveis. E depois, há as chamadas bonacheironas, cuja obesidade provoca a indolência, sempre precursora de saúde deficiente.



O sistema nervoso e a obesidade

Está provado que certas obesidades têm origem em desequilíbrios nervosos, sejam provocados por choque afectivo, sejam por uma longa série de conflitos e aborrecimentos (certos casos de desinteligência entre pais e filhos).

O dr. Klotz dá o exemplo de uma jovem mãe que, durante três meses, assiste e compartilha da agonia de um filhinho atacado de leucémia — no fim dos quais ela tinha 20 quilos a mais no peso!

Isto mostra bem o papel do «surmenage» crónico ou profissional do sistema nervoso. Os trabalhadores nocturnos são, muitas vezes obesos e emagrecem quando passam a trabalho diurno, mesmo que a ração alimentar aumente.

É vulgar que a alimentação não tomada a horas certas, a alimentação nocturna, a tensão nervosa anormal no momento das refeições, que se pode observar em

muitos obesos, possam ter sobre o «coeficiente de utilização dos alimentos» uma influência determinante. Sabe-se, seguramente, que certa quantidade de alimentos tomados de uma só vez, engordam mais que a mesma quantidade distribuída pelo número normal de refeições diárias, tomadas regularmente, sabe-se, também, que o método seguido por alguns obesos, de prescindir de qualquer das refeições, é um absurdo.

As condições de vida e de trabalho, assim como o ritmo da actividade cotidiana tomam uma importância nova e devem ser, em certos casos, estudadas e modificadas.

Por todas estas razões se explica que a psicoterapia e até a cura pelo sono dêem, por vezes, resultados tão brilhantes para o tratamento da ansiedade tão favorável à obesidade.

Mesmo nas crianças o factor psi-

cológico e, frequentemente, causa de obesidade. Contrariamente à opinião geral, que se extasia perante as nádegas anafadas de uma criança e lhe lança, com união, o «benza-te Deus», esta criança deve ser tratada a tempo e severamente, porque não raro é que se aninha nela um futuro diabético ou gótico. Raro é que a obesidade infantil desapareça na puberdade, pelo contrário, é frequente agravar-se. E se é certo, também, que certas obesidades infantis manifestam erros alimentares, como o abuso de doces, pão, etc., outras, pelo contrário, traduzem, como já dissemos, choques emocionais ou conflitos hoje tão vulgares entre as famílias; não raro, a criança frustrada compensa essa frustração com uma «fome canina»...

Uma psicoterapia bem orientada dá, então, resultados espectaculares que nenhum regime isolado poderia obter.



Não

MASCARE o verdadeiro sabor da COMIDA com temperos picantes!

Exija

uma alimentação sadia e saborosa



AJI-NO-MOTO

produto puríssimo extraído do trigo
não é um tempero
não ilude o paladar

antes o desperta, estimulando as nossas papilas gustativas.

Experimente

uma pequena pitada na sopa, no peixe, na carne, nas saladas.

SAIBA COMER

O facto da mulher estar empregada, não quer dizer que não goste de manter as suas relações, recebê-las bem, provar a sua fama de «boa dona de casa». Para a mulher empregada vão estas receitas para lanches.

Sandwiches Bem-bocados (Podem ser preparadas de manhã, antes de sair para o emprego):

1 pão de forma
2 colheres, das de sopa de manteiga
1 lata de «fois-gras»
1 colher, das de sopa, de mostarda
Um pouco de «paprika» (pode não levar)

Tire a codea do pão e corte-o em três fatias horizontais. Misture a «paprika», cebola e «mayonaise». Espalhe esta mistura sobre a primeira fatia. Tape com a segunda que cobrirá com uma pasta formada com o «fois-gras», molho inglês e «mayonaise». Cubra com a terceira. Embrulhe em papel impermeável e meta no frigorífico ou em lugar bastante fresco, até à hora de servir. Então, corte em fatias finas. Antes de cobrir com as respectivas pastas, unte as fatias com um pouco de manteiga (ou margarina).



Almondegas de lamber os lábios

1/2 quilo de carne de vitela, passada pela máquina
1/4 de chavena de presunto passado pela máquina
1/2 chavena de leite
1/2 de miolo de pão
1/4 de chavena de salsa picada fina
1 colher de sumo de limão
1 colher de sal
1 colher, das de chá, de Aji-no-moto
Pimenta q. b.

Amoleça o pão no leite, esmagando com um garfo; vá deitando e esmagando todos os componentes do prato, até ligar bem. Faça as almondegas, passe for farinha e frite em margarina até tostar ligeiramente.

Sopa Maizena

30 gramas de manteiga
3 cebolas médias
2 dentes de alho
1 colher, das de sopa de farinha maizena
Sal e pimenta q. b.
Pão torrado

Pique o alho e as cebolas para uma frigideira, onde deitará a manteiga; deixe alourar. Junte um litro de água e os temperos e deixe ferver durante 10 minutos.

Desfaça a maizena num pouco de água, deite-a na sopa, misturando bem e ferva, durante 15 minutos, brandamente.

Torre ou frite quadradinhos de pão e ponha na sopa, na ocasião de servir.

Calinha mascarada

Passa pela máquina restos de galinha ou outra qualquer carne. Prepare um molho branco em abundância (2 colheres, das de sopa, de farinha maizena para 1/2 litro de leite sal, pimenta e um pouco de manteiga ou margarina. Fora do lume, deite sumo de limão).

Misture metade deste molho com o picado e ponha no centro de um prato «pyrex»; ponha à volta couve-flor, feijão verde, ervilhas, couve portuguesa, cenouras já cozidas e escorridas. Sobre tudo isto, deite o resto do molho; abra uns buracos com a colher e deite tantos ovos quantos os comensais. Polvilhe com queijo e pão ralado e leve ao forno. Quando os ovos estiverem escalfados, retire do forno, polvilhe com sumo de limão e salsa finamente picada.

«Mousse» de chocolate económica

Desfaça duas colheres, das de sopa, de maizena em 1/2 litro de leite; tempere com açúcar. 2 gemas de ovos, chocolate ao gosto. Ponha a cozer, mexendo sempre. Retire do lume; bata as claras em castelo bem firme (pode deitar mais, se as tiver) e misture bem. Coloque esta «mousse» em taças e gele, se possível for. Na altura de servir, polvilhe com amêndoas ou avelãs passadas pela máquina.

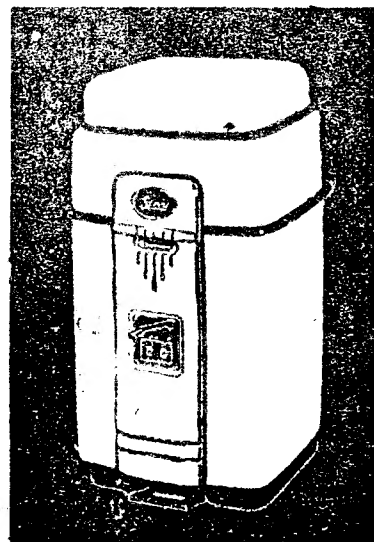


Eis a ECONOMIA que encontrei na máquina SERVIS

1. ECONOMIA DE DINHEIRO: o agitador não molesta a roupa, imprimindo à água um movimento de turbilhão em todos os sentidos.

2. ECONOMIA DE TEMPO: a lavagem pelo sistema de turbilhão compensado é rapidíssima.

3. ECONOMIA DE ESFORÇOS: espremedor eléctrico, aquecimento e despejo de água automáticos.



Comprei, claro, a minha SERVIS na

Agência Comercial Sueca

AV. Fontes Pereira de Melo, 40

a preço fixo

Não é na gaveta que poupa a sua roupa

Vista-a com gosto
e sem receio

Quando estiver suja

POUPE-A

lavando-a com

SABÃO ACTIVADO CUF



*Roupa sempre nova
Roupa sempre elástica
Roupa sempre rigorosamente
limpa e sem desbotar*

SABÃO ACTIVADO CUF poupa como nenhum
sabão a sua roupa



UM SÉCULO DE EXPERIÊNCIA NO FABRICO DE SABÃO

Quando seu filho quiser um sorvete
dê-lhe o sorvete em pó



É um alto produto dinamarquês que se prepara higiênicamente em casa
(Saqinhos para 5/6 sorvetes. Latas para 20/24 sorvetes)

4

O «FINEZAS»

Outra coisa ainda: a figura do «Finezas», e tudo quanto ela simbolizava, jamais a olvidei.

Bastava um acontecimento inesperado estoirar na chateza da normalidade, arrastando-me para o torvelinho do seu epicentro, quase sempre contra a minha vontade, para na minha frente se desenhar a esguia imagem. Apontava-me com firmeza o caminho, mas uma força maligna obrigava-me a retroceder. Tanto procurei identificar-me, ou pretender consegui-lo, com o carácter rebelde do «Finezas», que fiz da sua lembrança a sombra de mim próprio; nada mais que sombra; pois nas situações críticas ele indicava uma solução e eu tomava a contrária. Infelizmente, o sol que dardejava nesses momentos angustiosos e decisivos encontrava-se afastado do zenite, de modo que a sombra não coincidia com o objecto. Assim, eu nunca fui o «Finezas».

Diante de um evento que transcendesse o quotidiano, a minha vontade oscilava em dois sentidos opostos: architectava, primeiro, uma atitude heroica, de impossível correspondência com os actos inerentes, devido certamente a um sentimento de frustração e à maciez do meu carácter; para logo a seguir, em contradição com o primitivo impulso, me recolher à casca, imitando o animal que pressente o perigo e teme enfrentá-lo. Quer dizer, empregando uma linguagem clara e pouco metafórica: a primeira reacção provinha da minha sombra, da imagem que em mim criei do «Finezas»; a segunda, aquela que ao cabo prevalecia, era a minha própria resposta.

Vamos lá pôr uma certa ordem nesta narrativa (creio começar a embaralhar os passos), que focando o que há de mais notável na minha vida, termina por ser uma cadeia de episódios, alguns deles estranhos ao «Finezas», mas em cujo centro ele se situa.



OS DOIS GIGANTES

O enorme desenvolvimento atingido no século XV pela economia mercantil veio abalar a rígida estrutura de uma sociedade hierarquizada e velha de dez séculos, facultando ao indivíduo, pela primeira vez depois do advento da Idade Média, inéditas possibilidades de expansão. Foi nas cidades italianas que esse desenvolvimento mercantil mais depressa se realizou e aí, por conseguinte, surgiram as primeiras manifestações de uma nova cultura individualista a que se deu o nome de «Renascimento», querendo com essa designação exprimir a ideia de uma ressurreição da antiga cultura greco-latina.

É natural que o facto da tradição clássica se ter mantido particularmente viva em Itália tenha de qualquer maneira influenciado o movimento renascentista, mas não resta dúvida de que só o desenvolvimento económico e social das cidades italianas, onde a emancipação da classe média urbana se deu primeiro do que no resto da Europa, pode explicar plenamente o motivo porque só no século XV essa tradição chegou a ser convenientemente compreendida.

Várias circunstâncias, entre elas a fundação da famosa Academia Platónica por Cosme de Medicis, fizeram da cidade de Florença o principal centro de irradiação da cultura renascentista italiana e o berço de algumas das mais pujantes individualidades do Renascimento, entre elas os dois gigantes de que vamos falar-vos.

Leonardo da Vinci e Miguel Ângelo viveram nesse fecundo período, situado entre a segunda metade do século XV e a primeira do século XVI, em que o individualismo renascentista se manifestou, principalmente em Itália, na sua máxima força. É certo que Rubens, Rembrandt e Velazquez, por exem-

Por ALFREDO BRAS

plo, não são de forma alguma «menores» do que Miguel Ângelo e serão talvez mesmo, em alguns aspectos, mais completos e equilibrados, mas não há dúvida de que não conseguem dar-nos a mesma impressão de prodigioso gigantismo. Os grandes homens dos fins do «quatrocento» e dos princípios do «cinquecento» afirmam-se com uma coragem e uma paixão jamais igualladas; parecem dispostos a todas as transgressões e a todas as violências para conseguirem afirmar plenamente a sua excessiva vitalidade. Quer se trate de Leonardo ou de Miguel Ângelo, de Lourenço o Magnífico ou César Borgia, de Maquiavel ou Julio II, todos eles dão a impressão de algo de monstruoso, de mitológico, de uma grandeza que não pode ser medida pelos nossos mesquinhos padrões actuais.

Leonardo da Vinci foi sem dúvida a mais alta expressão de todo o Renascimento e talvez mesmo o génio mais completo de toda a humanidade. Nunca tantos dons se reuniram num só homem, a ponto da sua figura, já hoje lendária, nos aparecer como o vivo símbolo do movimento renascentista. «Era o mais belo rosto do Mundo», diz dele o historiador italiano Paulo Jove e os seus contemporâneos atribuem-lhe uma força que, lhe permitiria sustar um cavalo á desfilada segurando-o pelas rédeas e quebrar entre os dedos uma ferradura. Era dotado de uma espantosa memória visual e de uma grande sensibilidade auditiva e aqueles que o ouviram cantar disseram jamais poderem esquecer o timbre particular da sua voz. Servia-se indiferentemente de ambas as mãos, tendo escrito o seu diário no sentido contrário ao habitual e pintado a célebre «Gioconda» com a mão es-

querda. Tinha, segundo dizem, um extraordinário poder dialéctico e uma terrível força de persuasão. Irradiava de Leonardo um tal fascínio que, segundo escreveu Vasari, «pelo esplendor do seu aspecto, ele reanimava toda a alma abatida».

Mas, muito mais do que conhecer todas as prodigiosas faculdades com que a Natureza dotou Leonardo da Vinci, importa saber de que maneira ele utilizou essas faculdades em benefício da Humanidade e, nesse aspecto, o balanço é bem menos favorável, pois temos de reconhecer que, como obras realmente concluídas, foi bem pouco o que o extraordinário génio legou á posteridade. O seu espírito ágil e errante saltava de um assunto para outro, dedicando um único instante a cada fenómeno da natureza, como um jovem deus que se recreia. É verdade que o seu olhar tinha uma maravilhosa penetração das coisas, mas cada uma das actividades científicas ou artísticas por ele afloradas necessitaria anos de constante, atenta e paciente convivência para atingir a sua possível conclusão. Leonardo, porém, asfixiado pela sua pletora, surpreendido ele próprio com as imensas possibilidades com que a Natureza o dotara, hesita na escolha definitiva, pretende abarcar todos os ramos do conhecimento humano, passa com incrível versatilidade de um para outro e não tem a suprema resignação de esperar que frutifiquem completamente as sementes do seu génio.

De toda a actividade científica de Leonardo da Vinci chegaram somente até nós as anotações contidas nas 5.000 páginas dos seus diários, mas esses apontamentos de um autodidacta que começara aos trinta anos a aprender, sem mestre, as matemáticas, garantem ao seu genial autor a honra de ter sido

o grande precursor de uma nova era: «Não aceiteis nenhum milagre; procurai sempre o motivo...» aconselha nas suas notas e, noutra passagem, afirma: «...as minhas coisas nasceram da simples e mera experiência, que é a verdadeira mestra». Não há dúvida de que foi ele, não Bacon, o fundador do método experimental e só isso bastaria para fazê-lo credor do eterno reconhecimento da Humanidade.

Sucedu, porém, que Leonardo foi muito mais longe e antecedeu de decénios, e até de séculos, as grandes descobertas do mundo moderno nos domínios da Zoologia, da Botânica, da Anatomia, da Fisiologia, da Paleontologia, da Geografia Física, da Geologia, da Matemática, da Geometria, da Mecânica, da Óptica, da Astronomia, da Engenharia e não sabemos de que mais. Observou o movimento acelerado da queda dos corpos e, dois séculos antes de Newton, deduziu a sua lei. Descobriu alguns fósseis de mariscos no cimo dos Alpes Marítimos, funda a ciência da Paleontologia. Os seus trabalhos de dissecação levam-no a criar, antes de Goethe, a Anatomia Comparada. A frase «il sole non si muove» aparece nos seus cadernos cinquenta anos antes do livro de Copérnico. Encontrou, primeiro que Galileu, a lei da velocidade virtual. Mediu as ondas sonoras; explicou o eco e a vibração que acompanha os harmónicos sobrepostos ao som fundamental, isto quatrocentos anos antes de Helmholtz e Hertz. Explicou o olho como uma camara escura; reconheceu as funções do cristalino e da retina, bem como a mecânica do processo de ver. Desenvolveu a lei da conservação da energia. Inventou a polé e toda a espécie de roldanas. Concebeu um sistema de canalização do Arno e do Soma que foi executado, quase sem alterações, quatro séculos mais tarde. Desenhou aviões, pára-quadras, submarinos, etc. Procurou usar o vapor como meio de propulsão, fabricou pólvora, construiu um forno de vidro, um alambique, assim como as mais diversas máquinas e engenhos

de guerra. Inventou diversos tipos de moinhos, potes artesanais, balanças, espelhos côncavos e o pêndulo. E poderíamos continuar a encher páginas e páginas com a simples inenumeração de descobertas e inventos, tão extraordinário foi o seu espírito de observação e grande o seu engenho. Mas tudo isso, repetimos, com excepção das máquinas e instrumentos que construiu, ficou incompleto e desordenado nas milhares de folhas dos seus diários.

É igualmente bem pouco o que nos resta do labor artístico de Leonardo da Vinci. De tudo quanto projectou e realizou como desenhador, pintor, escultor e arquitecto, sómente chegaram até nós algumas dezenas de desenhos e sete obras pictóricas, das quais uma única em perfeito estado: a pequena «Anunciação» do Louvre. Também como artista Leonardo permaneceu experimentador e disperso. É verdade que amava a arte, principalmente a pintura, a ponto de ter orgulhosamente afirmado que os pintores podiam considerar-se descendentes de Deus, mas as suas múltiplas actividades e o seu excessivo intelectualismo não permitiram que se lhe entregasse com a mesma ardente paixão de Miguel Ângelo, ficando sempre a pintura para ele como uma «cosa mentale». Executava as suas obras com desesperante lentidão, suspendendo a miúdo o trabalho para se engolfar em intermináveis meditações, ou abandonando pura e simplesmente os pinceis para se embrenhar nas suas investigações científicas. Esta maneira de trabalhar de Leonardo era incompatível com a pintura a «fresco» e foi por isso que se perdeu o célebre quadro da «Batalha de Anghiari», glorificado por Cellini como a «escola do Mundo inteiro». Tem no entanto esta obra uma curiosa história de que são simultaneamente protagonistas Leonardo da Vinci e Miguel Ângelo e parece-nos assim chegado o momento de, a exemplo do que fez a «Signoria» de Florença, pôr frente a frente os dois gigantes. (Continua)

Antes ou depois de ver o filme

«O BAILE DOS MALDITOS»

leia

o romance
que o inspirou

OS JOVENS LEÕES

a obra-prima de Irwing Shaw

editada por LIVROS BRASIL



SEMPRE que circunstâncias particulares da minha vida exigiam provas de coragem e decisão que, por norma, violentavam a minha brandura de carácter, a figura esgalgada do «Finezas» surgia-me no espírito, tal qual o conheci, bravo e audacioso, nas esforçadas purrias que se feriam nas terras áspers do Desembargador, ao Altinho, entre a malta do Caramanchão e a da Alcolena.

Eu emparceirava, está bem de ver, com os do meu sítio, a rapaziada da Meia Laranja e do Caramanchão. Nunca tive a honra de ser promovido, ao longo das continuadas e aguerridas batalhas, a combatente de primeira linha. Deixavam-me á retaguarda, na companhia do Necas e do «Pé-de-Chumbo», na subalterna tarefa de amontoar projecteis, que passava febrilmente, contagiado pelo delírio da refrega, aos camaradas da frente, no meio dos quais se distinguíam pela terrível pontaria o «Finezas», o «Grândão» e o «Cara-de-Homem».

De tempos a tempos, assim a modos de quem quer experimentar o seu talento bélico, atirava também o meu calhau, balázio inofensivo que se perdia pelos barrancos da terra de ninguém.

Era certo e sabido que o Necas aproveitava a oportunidade para me humilhar com o epíteto de «fraquinho» e o «Cara-de-Homem», sub-chefe da quadrilha e como tal atento ás manobras dos auxiliares, grunhia a sua desaprovação numa frase que eu adivinhava antes de entender:

«Canalha! Poupa-me as munições!»

Seguia o conselho, vexado. Sempre fui fraco atirador mas soldado obediente.

Muitos desses sucessos se me varreram da memória, como bagagem inútil na sorna caminhada que empreendi na Meia Laranja, entre dois cacos de barro, e terminará algures, prevejo eu, de acordo com o meu temperamento, no meio de um charco de submissão e covardia.

Apesar de tudo, manda a verdade dizer-se, persistia uma sensação de vivência, fluída que me dava a ilusão de me julgar uma pessoa diferente.